

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

VITOR DA MATTA VIVOLO

GASTÃO CRULS E A AUSCULTAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO/SP

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA

VITOR DA MATTA VIVOLO

GASTÃO CRULS E A AUSCULTAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Núcleo de Pesquisa: História Social

Orientadora: Professora Doutora Carla Reis Longhi.

SÃO PAULO/SP

2017

BANCA EXAMINADORA

São Paulo, de de 2017.

Bolsista integral, contemplado pelo fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Retrato de Gastão Cruis, meados de 1920. Acervo familiar.

“Quem bota uma vez no dedo uma esmeralda simbólica, carrega para o resto da vida um anel de Prometeu. Eu tinha semeado demais, e já então havia de colher...” - G. C.

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa jamais teria sido possível sem a colaboração de Tadeu de Araujo Penna e Ana Maria de Araujo Penna, sobrinhos-netos do autor Gastão Cruls, e que me receberam tão calorosamente em sua casa no Rio de Janeiro. Lembro-me da viagem, das conversas e álbuns de fotos, com muito carinho. Este encontro foi grande força motriz a esse trabalho. É com extrema gratidão e emoção que dedico os capítulos aqui presentes aos herdeiros de Gastão Cruls, que não permitiram que sua obra e memória caíssem em esquecimento.

À minha família, - especialmente meus pais, Silvana e Vítor, e minha irmã, Paula -, devo o incentivo incondicional, desde de minha graduação, e o interesse por minha carreira. Ao seu carinho dedico cada passo novo que conquisto academicamente.

A Carla Reis Longhi, agradeço a amizade, a tutoria e a inspiração. Sua orientação foi (e é, já que prevejo não me distanciar tão cedo) imprescindível na minha formação como historiador.

Meus professores da PUC-SP, em especial Denise Bernuzzi de Sant'anna e Alberto Luiz Schneider, muito colaboraram com sugestões e leituras nos estágios anteriores dessa dissertação. Muitíssimo obrigado! Agradeço também Luis Ferla, por ter tão atenciosamente aceito meu convite para que lesse meu trabalho.

A meus amigos registro aqui a lembrança de gratidão por suportarem meus incessantes solilóquios sobre cada descoberta inesperada em minhas leituras. Reconheço suas enormes contribuições, até mesmo como ouvintes pacientes.

Agradeço Roberto Causo, pela curiosidade em relação a meus achados e por ter possibilitado meu contato com a família Tadeu Penna.

A Thereza Freire Vieira também dedico meus estudos, esperando assim poder complementar sua pesquisa sobre Gastão Cruls. Sou grato por ter me possibilitado entrar em contato com uma cópia física da mesma.

A execução de meus estudos só foi possível graças à bolsa proporcionada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela qual sou extremamente agradecido.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar Gastão Cruls (1888-1959), autor de contos e romances de teor médico na primeira metade do século XX. Através de sua vida, por nós rastreada por documentos de seu acervo familiar pessoal, e suas obras - especialmente *Coivara* (1920), *A Amazonia Misteriosa* (1925), *Elsa e Helena* (1927), *Vertigem* (1934) e *De Pai a Filho* (1954) - procuraremos revelar dimensões discursivas polifônicas entre sujeito histórico, sua obra fictícia e seu próprio tempo.

Nossa abordagem é essencialmente bakhtiniana, tornando Gastão Cruls uma ótima possibilidade de objeto historiográfico, pois compõe uma personalidade histórica que era membro de um largo espectro de convívio e de atuação. Metaforicamente, podemos adotar sua comparação a um *ponto de intersecção*: perpassado por correntes de destaque notável na elite intelectual brasileira, também cruzado por uma gama de interesses múltiplos e atuante interdisciplinar em segmentos de publicação.

Pudemos observar que a sobreposição de tais âmbitos pessoais, históricos e fictícios, nos relevaram questões históricas referentes à formação médica na *Belle Époque* carioca, o cotidiano de doutores e pacientes, o sofrimento humano nas condições clínicas segundo a medicina da época, as discussões nacionais concernentes ao futuro do país e a até mesmo a entrada da psicanálise na medicina brasileira. São tais as questões históricas discutidas em suas obras fictícias.

Palavras-chave: Gastão Cruls; Século XX; História da Medicina; Literatura Brasileira; História e Ficção.

ABSTRACT

The present work aims to investigate Gastão Cruls (1888-1959), an author of medical short stories and novels in the first half of the 20th century. Through a study of his biography, gathered from documents of his family's personal collection and his works – specially *Coivara* (1920), *A Amazonia Misteriosa* (1925), *Elsa e Helena* (1927), *Vertigem* (1934) e *De Pai a Filho* (1954) – we aim to reveal polyphonic dimensions of discourse between his historical subject, his fictional work and his own historical period.

Our approach is essentially Bakhtinian which allows Gastão Cruls to be a great historiographic object of study considering that he composes a historical personality as the member of an extensive spectrum of social relationships and practices. Metaphorically, we could draw a comparison between him and an *intersection point*: intertwined with a remarkable visibility in Brazilian intellectual elite, also intersected by plethora of multiple interests and interdisciplinary actor in publishing segments.

We observed that the overlapping of his personal, historical and fictitious spheres revealed historical features of the medical training during Rio de Janeiro's *Belle Époque*: doctors and patient's daily routines, human suffering in clinical conditions according to Medicine of his time, the national discussions concerning the future of Brazil and even the inception of psychoanalysis into Brazilian Medicine. Those are the kind of historical issues discussed in his fictitious works.

Keywords: Gastão Cruls; 20th century; the History of Medicine; Brazilian Literature; History and Fiction.

SUMÁRIO

Introdução.	10
I- O Tirocínio do Anel Simbólico de Esmeralda.	23
II - Homens de Letras e de Sciencia.	59
III - Do Estetoscópio ao Bico da Pena.	84
Considerações Finais.	111
Apêndice - Relação de obras de Gastão de Cruls	120
Referências Bibliográficas	122
Referencial de Fontes	125

Introdução.

Os limites tênues entre ficção e realidade são recorrente recurso discursivo ao longo da história humana. Capaz de desvelar as mentalidades de suas épocas e permanecer incrustada silenciosamente (ou não) na criação de ideários e imaginários, a ficção, como dimensão de vivência daquilo dito “real”, torna-se fonte usualmente utilizada na modernidade por profissionais específicos. É inegável a áreas como a Psicologia, por exemplo, a relevância no estudo de sonhos, da mitomania, dos processos criativos que se abastecem de signos reais e se revestem de universos fantasiosos. A busca pela “verdade” nos trâmites do discurso de um indivíduo angaria cada vez mais força, fazendo com que vivamos em uma época em que o descrédito pela palavra fantasiosa de alguém reflita diretamente sua imagem como ser social.

Em 2012, ainda graduando na área de História, meu interesse foi despertado por essa relação conflituosa entre as fontes chamadas de “reais” e aquelas batizadas de “fictícias”. Busquei inquirir quais características eram capazes de discernir uma da outra, podendo perceber que o ficcional e o mentiroso muitas vezes emaranhavam-se na produção criativa humana. Romances foram meus objetos de estudo, por constituírem o produto de uma fuga¹ *intencional* da realidade, mas cujo objetivo era simular verossimilhança. Dentro do discurso romanescos, a representação - temática visível hoje em dia na historiografia graças à Nova História e intelectuais como Roger Chartier - surge como habilidade fecunda no compartilhamento de problemáticas, através do desenvolvimento dos processos artísticos, históricos e linguísticos das eras que se passam. Um leitor, consumidor dessas conscientes fantasias, é o responsável pela absorção de eventos imaginados por um autor, vivenciando-os paradoxalmente num processo de projeção dimensional... Sem que sequer seja necessário levantar de sua poltrona.

A pesquisa realizada², através dos romances *Frankenstein: Ou o Prometeu Moderno* (1818, Mary Shelley) e *A Ilha do Dr. Moreau* (1896, H. G. Wells), pôde concluir que a construção da narrativa fictícia romanescas é imbuída e influenciada por seu contexto histórico e autoral. As personagens, tramas e teores morais de uma obra são cuidadosamente gestados enquanto inseridos na sua singularidade temporal. Esta, por sua vez, é consequência da

¹ Aqui utilizamos “fuga” como sinônimo de “deslocamento”, não como “evasão”.

² VIVOLO, Vitor da Matta; sob orientação de LONGHI, Carla Reis. *Frankenstein e Moreau: A Ciência do Século XIX através da Literatura*. São Paulo: PUCSP, 2013.

historicidade da comunidade que abriga, repleta de signos e vivências compartilhadas. O autor, contrário ao ideal de um ser de gênio incomparável, não pode (e nem deve) ser desassociado de sua condição como ser histórico, filho de seu tempo. Até mesmo no caso de Mary Shelley, considerada a pioneira na fundação do gênero de ficção científica, visto que uma revolução literária pressupõe a localização inicial da revolucionária próxima às correntes de seu tempo, para que assim possa rompê-las ou reformá-las.

Sua famosa obra, *Frankenstein*, transparece as vozes científicas e teológicas do início do século XIX, diretamente herdeiras da mitologia prometeica clássica e do cristianismo conflituoso. Desta forma, a historicidade autoral faz com que não seja absurdamente espantoso que a ficção científica, como gênero literário, surja em décadas nas quais a Ciência maturava vertiginosamente como área do saber. O desvendamento do interior dos corpos humanos e das leis da Natureza alimentava o supostamente avassalador poder dos médicos e cientistas no, até então, religioso imaginário oitocentista. Uma jovem de dezesseis anos conceber a história de um inescrupuloso doutor, capaz de subverter a ordem natural da mortalidade humana, é subproduto tanto de sua inventividade quanto de sua condição histórico-cultural. Por mais excludente que possa soar, a frase “*Frankenstein só poderia ter sido escrito no contexto histórico em que surgiu e por quem o criou*” é a conclusão a que podemos chegar. Mesmo que carregue ares de releitura do mito de Prometeu, sua narrativa é progênie indiscutível do paradoxal avanço científico do início do século XIX.

A abordagem metodológica adotada nos é totalmente influenciada pelo viés bakhtiniano, em relação ao nascimento discursivo. Autor russo, Mikhail Bakhtin (1895 - 1975) dedicou diversos estudos à linguística e elaboração do discurso em narrativas. Para ele, a *enunciação* seria o momento em que um *enunciado* (discurso) é elaborado mental e corporalmente (seja ele vocalizado ou escrito). Tal situação é comparável a um mergulho numa rede de vozes, composta pelos enunciados anteriores e posteriores ao seu. O “enunciador”, conscientemente ou não, se utiliza dos discursos anteriores ao seu e automaticamente pressupõe as respostas que receberá ao finalizar sua fala. Ele é capaz de pinçar as vozes com as quais deseja conversar e busca, na medida daquilo que lhe é possível, fazer-se ouvir e entender, “defendendo-se” das ouvintes vozes futuras.

H. G. Wells, por exemplo, em *A Ilha do Dr. Moreau*, justamente fez referência implícita a Dr. Frankenstein, conforme a falta de escrúpulos, profissão e métodos cirúrgicos

de seu protagonista, Dr. Moreau, os torna comparáveis. No entanto, o médico de Wells é extremamente mais dotado de conhecimento científico, inclusive lexicalmente, revelando que seu enunciado é *comparável* ao de Mary Shelley, mas não *equivalente*. Esse contraste faz com que seja possível traçarmos as mudanças ocorridas no campo representativo, em um período de setenta e oito anos, intervalo de publicação entre ambos autores. Além disso, também aflora a singularidade biográfica de Wells, pertencente ao mesmo século de Shelley, mas cujas vivências são totalmente diferentes. Sua formação como cientista faz com que possa, dentro do gênero fundado por sua antecessora, aperfeiçoar a narrativa e enriquecê-la com terminologias anatômicas e biológicas como recurso de verossimilhança.

Essa cacofonia vocal, chamada de *polifonia* por Bakhtin, se apresenta como ferramenta útil à historiografia, dissecando as camadas de uma obra de maneira retrocessiva: o romance, composto por uma narrativa, que é relatada por um narrador, criado por um autor, que se revela naquilo que diz o narrador e em suas impressões sobre ele. Nossa abordagem metodológica intencionou, de maneira complementar, acrescentar a singularidade dos elementos históricos à equação. Fazendo com que o autor pudesse ser também retrocedido por sua biografia e tempo histórico distintos. Assim, uma obra existe como produto final de um processo no qual um ser vivente, dotado de história própria e integrante de uma época, confecciona uma espécie de “persona”, seu narrador, sobre o qual projeta suas impressões e torna ventríloquo de uma narrativa, também por ele (o autor) confeccionada.

Roger Chartier, em *Textos, Impressões e Leituras*³, discute o papel do leitor no outro extremo de tal equação. Ler é um processo de “apropriação” textual, concretizando a finalidade discursiva de um livro. Aquele que lê não necessariamente compreende imaculadamente a intenção autoral original, atuando como mediador do próprio texto. Ou seja, cada leitor lerá uma mesma obra de maneira diferente, incluindo a lida pelo próprio escritor. A subjetividade inunda o processo criativo romanesco, embebendo-o de interação sócio-histórica, jamais invalidando sua relevância como fonte. Não há “subjetivo demais” ao tratarmos romances como documentação histórica, se formos cientes de que *qualquer* produção escrita (enunciação) é executada - e lida - por sujeitos, indissociavelmente subjetivos. A riqueza histórica e social se revela justamente nesta característica interativa.

³ CHARTIER, Roger in HUNT, Lynn; *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 215 et seq.

Como podemos perceber, a ficção porta dimensões de vivência compostas por percepções da realidade e exercícios de apropriação/refração discursiva. Aquilo talvez chamado vulgarmente de “inspiração” ou serendipidade autoral, na verdade, nada mais é do que a influência histórica, biográfica e psicologicamente apropriadora de um indivíduo. Um romance, portanto, não pode ser relegado ao mero campo das fantasias. Não deve ser lido como porta-voz inegável da realidade, claro, mas muito menos como incapaz de retratá-la. Ele é portador de uma dimensão real de seu próprio tempo.

Só é possível “crer” na assustadora história de um médico ressuscitador de cadáveres na singular condição de se, primeiramente, viver em uma época cuja ressurreição cadavérica é coletivamente tomada como grotesca e pecaminosa. Simultaneamente, a profissão médica necessita ser reconhecida de maneira verossímil como capaz de tal façanha. E, finalmente, tal discurso ser “consumido”, propagado e reapropriado por seus leitores, que, por sua vez, podem evoluir a futuros escritores, aperfeiçoando tal temática e/ou novo gênero literário.

O teor absurdo do romance perde a característica de fantasia a ser somente admirada diletantemente pela academia, preponderando seu valor como registro diferencial de vivência do passado. Se cada documento exige um método particular de análise, ao romance não foge à regra.

Por fim, também em consonância com as propostas de Chartier, o processo de edição de uma obra nos é relevante. Somente através da sobreposição das diversas versões textuais escritas por um autor, ou reformuladas por um editor, poderemos tornar perceptível a evolução de uma narrativa, de suas primeiras versões à definitiva. Tais mudanças revelam um alongado processo de enunciação: primeiros rascunhos na criação, a escritura, a revisão, o lançamento, revisões posteriores às primeiras leituras, etc. Sempre que possível, a leitura comparada de edições visibiliza a história da própria obra em proporções de busca pela concretude de sua versão “definitiva”.

A finalização de meus experimentos com a ficção científica inglesa do século XIX despertou a curiosidade em relação à formação de tal gênero no Brasil. Uma questão intrigante a meu ver era investigar se havia algum tipo de refração discursiva capaz de, polifonicamente, influenciar a literatura brasileira, visto que os romances fictício-científicos não constituíram tão forte corrente literária em nosso país. Haveria *Frankenstein* ou *Moreau* sido capazes de cruzar o oceano? Se hoje ao menos o livro de Mary Shelley nos é

automaticamente reconhecível, principalmente em datas como o Dia das Bruxas, qual foi o caminho traçado por ele na literatura mundial, especificamente a brasileira?

O primeiro passo revelou-se, obviamente, ser a investigação da tradução de ambos romances à língua portuguesa. A propagação das obras de Wells em território europeu fora compilada por Patrick Parrinder e John S. Partington⁴, inferindo que, em 1910, uma edição brasileira de *Moreau* circulava em terras portuguesas. Felizmente, pude adquirir uma cópia de tal tradução, constatando que era de origem indireta: a versão textual publicada pela editora Garnier no Brasil era advinda da tradução francesa do romance, disponível há cerca de uma década, denominada “edição colonial” pelos leitores de Wells (visto que 22 capítulos foram reorganizados em 14 pelo próprio autor, modificando também seus títulos e alterando, assim, o livro original de 1896)⁵.

Por sua vez, *Frankenstein*, de acordo com o jornal *A Manhã*, foi pela primeira vez traduzido⁶ ao português em 1943. Nos quatro anos passados desde o início de nossa pesquisa, esta foi a tradução mais antiga encontrada no acervo de sebos e bibliotecas, publicada pela Editora Vecchi, traduzida por Stella Martins Paredes. Curioso o grande intervalo entre publicação do livro original e sua tradução brasileira (125 anos), extremamente contrastante com o caso de Wells (14 anos). Optamos, então, por questões de proximidade cronológica ao recorte histórico de nosso interesse, prosseguir com o caso de *Moreau* em terras nacionais.

Na obra de Roberto Causo, pesquisador e escritor brasileiro de ficção científica, pudemos tomar contato com o registro de que um autor nacional, denominado Gastão Cruls fora um dos pioneiros do romance científico no Brasil, adaptando *A Ilha do Dr. Moreau* a uma releitura da trama na Amazônia⁷. O primeiro contato com o autor data esse momento de leitura. Fortuitamente, Causo ofereceu um curso sobre a história da ficção científica em que pude comparecer e inquirir mais sobre Gastão Cruls, simultaneamente ao garimpo e leitura de sua bibliografia disponível em sebos. À época funcionário da editora Devir, o pesquisador pôde me disponibilizar o contato dos herdeiros de Cruls, visto que uma coletânea havia sido

⁴ PARRINDER, Patrick; PARTINGTON, John S. (ed.). *The Reception of H. G. Wells in Europe*. Londres: Thoemmes Continuum, 2005.

⁵ Cf. VIVOLO, V. M. “The Mysterious Amazonia: Moreau’s Legacy in Brazil”. *The Wellsian: The Journal of the H. G. Wells Society*, Londres, n. 37, p. 50 - 59, 2014.

⁶ “Livros Novos - Frankenstein: o criador e o monstro. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 dez. 1943.

⁷ CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2003, p. 253 et seq.

organizada e publicada por ele, contendo um conto de Gastão e que exigira a obtenção de permissão póstuma. À partir de contatos telefônicos e virtuais, pude adentrar o relicário documental da família Araujo Penna, atual herdeira do legado de Cruls.

Uma das principais artérias da presente dissertação é a papelada referente a Gastão Cruls mantida em arquivos familiares, especialmente abertos na íntegra pela primeira vez a um pesquisador. Este extenso corpo documental é composto por cartas, manuscritos, tratados publicados, um conjunto de blocos de notas (cuja função principal era de diário de viagem), rascunhos de livros batidos a máquina, fotos e um portfólio de recortes de jornais referentes ao autor. Aliados a suas obras literárias, o conjunto documental nos revela vida, obra e tempo do escritor carioca.

Gastão Cruls faleceu solteiro e não gerou herdeiros descendentes diretos, relegando em testamento os direitos autorais de suas obras à sua irmã mais nova, Stella Cruls, que se apropriou de todo o acervo documental referente a ele após sua morte. Stella, por sua vez, também não se casou ou teve filhos, transmitindo o espólio em testamento para sua sobrinha Maria Cruls ou - na falta desta - à sua sobrinha-neta Ana Maria de Araujo Penna, que terminou por herdar a carga legal e documental do autor.

Através do contato com a família, seguida de viagem a sua casa no Rio de Janeiro, foi aberta a oportunidade de acesso a essas fontes documentais até então essencialmente inexploradas. Também se obteve o ensejo de se entrevistar tanto Ana Maria quanto seu irmão (mais velho), Tadeu de Araujo Penna, que mantiveram contato direto com Gastão Cruls quando crianças. Fica claro, portanto, que não somente fontes de espécie literária, fotográfica ou essencialmente escrita serão utilizadas como materiais de trabalho, mas também certos subsídios de origem oral e de convívio pessoal de primeiro grau com o sujeito que nos é objeto de pesquisa⁸.

Sabe-se também a importância da visibilidade proporcionada pela mídia impressa na carreira de figuras intelectuais ao longo da história. Assim, o portfólio de notícias sobre Gastão que é guardado pela família, o que chamaríamos atualmente de *clipping*, propõe um leque de representações suas através e perante à imprensa nacional desde suas primeiras publicações - nos anos 20 -, perpassando entrevistas no fim de 1940, até as cerimônias e homenagens póstumas nos anos que circundam sua morte em 1959. Sua compilação se deu,

⁸ As particularidades de cada fonte são devidamente indicadas, quando essencial, ao longo da pesquisa.

provavelmente, através de diversas origens: recortes guardados por Gastão, por sua família e, *post-mortem*, por sua irmã Stella. A família diz ter a impressão de sua organização ter sido feita por sobrinhas numa primeira fase e, posteriormente, pelo pai de seus herdeiros atuais. Destacamos eventualmente esses episódios ao longo da pesquisa, para que possamos demonstrar a potencialidade desse tipo de mídia impressa na construção de um ser social atuante em seu tempo.



Livro de recortes jornalísticos sobre Gastão Cruis. Fotografia, 2014. Acervo pessoal familiar, Rio de Janeiro.

Le Goff (1990), ao tratar da questão da Memória, confere ao advento das fotografias uma revolução nos exercícios mnêmicos. A Memória é multiplicada, democratizada, concedida a verdades visuais e suposta precisão. O caso particular dos arquivos da família de Gastão Cruis é um perfeito exemplo de gama de leituras e evidências históricas de sua relevância. Podemos constatar desde sua próxima e descontraída relação com José Olympio, Tarquínio de Souza, Gilberto Freire... até sua inclusão nos retratos da época de faculdade e atuação clínica. Além disso, a própria coleta do material nos revelou diversos gatilhos de histórias e experiências familiares por parte de seus herdeiros sobrinhos-netos. Certas fotos

rememoravam épocas passadas em anedotas e memórias que ultrapassavam a geração atual e atingiam a tradição oral de pais, avós e bisavós. Pierre Bourdieu nos diz:

O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, "ordem das estações" da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente.⁹

Foi exatamente esta sensação que foi presenciada a cada fotografia levantada da pilha de recordações materiais. Aliados a História Oral e a fontes documentais escritas, os registros fotográficos de Gastão são entendidos como maiores do que mera ilustração e passam a ser monumentos biográficos, portadores de lembranças e vestígios históricos.



Gastão Cruls (de terno claro, ao centro), sua sobrinha-neta Ana Maria de Araujo Penna (à frente, de franja) e família. Fotografia, meados de 1950. Acervo familiar pessoal, Rio de Janeiro.

⁹ BOURDIEU, Pierre apud LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990, p. 245.

Por fim, destaquemos mais uma vez que o próprio discurso elaborado pelos sobreviventes da linhagem dos Cruls nos é rica fonte de pesquisa. Extremamente receptivos, seus sobrinhos-netos também se dispuseram a relatar suas lembranças e experiências referentes a Gastão. Não só episódios com relação pessoal e direta podem ser compartilhados, mas também histórias que foram adquiridas de geração em geração. A adoção desse recurso de abordagem historiográfica é interessante tanto ao pesquisador quanto à família, desejosos pela preservação de casos e informações cujo registro até então é a efêmera oralidade e coletiva "memória familiar".

Cercados de sua documentação, relatos pessoais e de familiares, podemos reconstruir suas experiências pessoais e a aura de impacto de suas ações também dentro dos espaços privados de seu convívio. Esclareçamos, no entanto, que todas as fontes aqui abordadas são investigadas de modo comparativo, jamais sendo pressupostas como portadoras inerentes da indiscutível verdade. Da mesma forma que o romance, suas particularidades e contextos de produção/leitura são constantemente feitos cientes a nós.

Gastão Cruls prova-se como um destes autores extremamente relevantes em diversos campos das Letras brasileiras que aos poucos parece ter caído no aprisionamento dos sebos e do afastamento da memória. Uma ótima possibilidade de objeto historiográfico, compõe uma personalidade histórica que era membro de um largo espectro de convívio e de atuação. Metaforicamente, podemos adotar sua comparação a um *ponto de intersecção*: perpassado por correntes de amigos cujo destaque era notável na elite intelectual brasileira, também cruzado por uma gama de interesses múltiplos e atuante projetor de segmentos de publicação simultâneos e complementares. Gastão nos pode ser um cicerone à sua temporalidade, rico momento de transição cultural da virada do século XIX ao XX, atravessando reformas nos quesitos de identidade e nacionalidade, discutindo questões medicinais higiênicas, assentando-se próximo aos ao fim dos anos 50, no ápice da discussão psicanalítica em sua obra.

O que a primeira impressão pode transparecer somente uma mera biografia descritiva, na realidade é uma reconstrução de seu retrato e reanimação de sua imagem atuante, necessidades, a nosso ver, para que sua literatura seja analisada. Dentro dessa proposta, tomaremos sua literatura como atalhos de acesso à sua mentalidade, suas impressões e leituras... Devidamente sobreposta a sua formação como médico, a sua atuação como

intelectual e a visibilidade angariada por seus escritos. Já são notórias as visões da brasilidade e sociedade nacional através da vida e obra de autores como Jorge Amado, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Monteiro Lobato... Nossa proposta é de se deslocar dos tais bustos icônicos das Letras Brasileiras e dar voz a uma estatueta tão rica de possibilidades mas, talvez, ainda muito obscura que é Gastão Cruls.

Compondo uma fonte basicamente inexplorada perante o que já foi trabalhado pela historiografia que lida com a Literatura e seus praticantes como seus objetos de pesquisa, também é como multifacetado ator e refrator dos discursos científicos, literários, intelectuais e culturais que encaramos o desconhecido autor. Seu desvelamento pode apresentar - mesmo considerando a existência da subjetividade do objeto - um Rio de Janeiro e um Brasil, povoado por doutores e pacientes de tempos passados, cujos caminhos ainda não foram percorridos.

Utilizando-se da metáfora da auscultação clínica, o eixo investigativo principal é destrinchar no processo criativo do autor ex-médico rastros de presença e/ou posicionamentos relativos à problematização do cotidiano médico e clínico no país na primeira metade do século 20. Para realizar tal análise comparativa entre contextos médicos “reais” e “ficcionalis”, seus livros e contos cujas temáticas clínicas são enfoque primário são tomados como fontes prioritárias, aliados aos demais suportes multidisciplinares supracitados.

A leitura de fontes realizada é influenciada pela metodologia de vieses de estudo historiográficos de autores como Chartier e Carlo Ginzburg, este nos colaborando através das diretrizes utilizadas em obras como *O queijo e os vermes* (1976), na qual uma personagem histórica específica - no caso, um moleiro acusado pela Santa Inquisição - é capaz de desabrochar seu contexto histórico, social e cultural; tanto em casos de aderência às normas e comportamentos de seu tempo, quanto naqueles de dissidência.

Também fazem-se presentes sensibilidades foucaultianas, conforme a gênese e reverberação discursiva nos são objetos perscrutados. Nosso intento é nos atentar perante as intencionalidades inerentes à formação enunciativa, ou seja, fazer-nos cientes de que todo discurso é inseparável de sua intencionalidade. Percebamos, então, que *A Ordem do Discurso* (1970) de Michel Foucault é capaz de fornecer lentes úteis a essa abordagem. Parte de nosso estudo revela a formação da figura médica como participante de uma missão nacional pelo progresso e profilaxia, propagandeada também pela literatura. Dessa forma, os novos saberes

aliam-se às novas intencionalidades, tomando formas linguísticas, sócio-comportamentais e institucionais. A parcela de participação foucaultiana em nossa metodologia se encontra principalmente nessa temática.

Ao leitor talvez seja curiosa a sutileza na citação de tais autores ao longo da escritura do trabalho, conforme a metodologia é desdobrada. Essa escolha se justifica por três essenciais razões. Primeiramente, acreditamos que a constante repetição e citação de autores metodológicos ao longo do texto possivelmente tornam a leitura truncada àqueles distantes do academicismo. Além disso, seria extremamente contraditório aos resultados de nossos estudos aderir a uma linguagem hermética, extremamente erudita e que fora aliada ao surgimento da mentalidade do “privilégio participativo” em instituições de pesquisas.

Uma das obras historiográficas por nós utilizadas, *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*, justamente revela o surgimento das normas especificamente acadêmicas como ferramentas de exclusão linguística e formação de nova classe social de intelectuais. O discurso aqui presente, por nós elaborado, busca, prioritariamente, a simbiose entre a escritura acadêmica e a inteligibilidade multidisciplinar de seus resultados. A metodologia se apresenta simultaneamente à sua utilização, sem que desnecessariamente constitua um solilóquio teórico, algo que fugiria à nossa proposta inicial.

Por fim, também acreditamos que obras de teóricos como Bakhtin, Chartier, Ginzburg e Foucault possuem metodologias somente perfeitamente aplicáveis aos seus contextos originais. Quaisquer desvios desses contextos são tentativas de assimilar e reapropriar uma voz a outros diálogos. De forma similar à enunciação polifônica, à partir do momento que um método autoral é posto em diálogo com outras fontes que não as suas originais, um novo discurso surgirá. Assim como nossa problemática, nossos objetos e fontes, equacionados, revelam-se novo conjunto à historiografia, uma “nova” metodologia se faz necessária.

Acreditamos, portanto, que o *devoir* metodológico se apequena perante o próprio *uso* metodológico. Na feitura desse nosso percurso histórico, é perfeitamente cabível poder perambular aos passos bakhtinianos ou foucaultianos, seja alternada ou simultaneamente. Ambos autores podem pertencer a âmbitos diferentes da intelectualidade e temporalidade, mas, dentro da polifonia, suas vozes ecoam através da relevância e consonância aos temas/ fontes por nós escolhidos.

Da mesma forma, uma obra fictícia (caráter de nossas fontes principais) é comparável a um ponto de encontro na tal rede composta por época-autor-narrativa-leitores-sociedade. Uma trama romanesca não deve ser legada ao monólogo, mas sim transposta à condição de diálogo para com essas demais camadas. Portanto, inicialmente, talvez cause estranhamento aos leitores da presente pesquisa a quantidade sequencial de citações diretas de documentos históricos, suplementares às narrativas criadas por Cruls. Tal necessidade se revelou de acordo com nossa crença e tentativa no estabelecimento de “diálogos”, “conversas”, entre Cruls e seus contemporâneos.

Aquilo que à primeira vista possa transparecer uma espécie de colcha de retalhos discursiva, na verdade é o destrinchar da polifonia, visando responder e elucidar questões como: onde Gastão Cruls pode ter se inspirado para tal obra? Existe particularidade no vocabulário de Cruls, ou certos termos eram compartilhados por profissionais da medicina? De que forma pode a singularidade fictícia de uma narrativa proporcionar abertura aos discursos multidisciplinares, contemporâneos ao seu? A citação constante é a mediação inquisitória, a maneira pela qual vozes de uma época conversam, revelando suas similaridades e particularidades discursivas. Longe de nós está a mera reprodução ou ventriloquia, quando o objetivo é inserir uma voz em um quadro polifônico, transformando-a em interlocutora histórica.

Citações indiretas foram reservadas à vastidão de informações biográficas de Cruls, tudo aquilo inferido sobre sua vida é advindo da documentação especificada ao final do trabalho, em categoria particular. Informações cujas datas puderam ser constatadas serão sempre acompanhadas de notas esclarecendo sua origem, visto que tanta especificidade é cara à historiografia. Episódios de teor mais pitoresco, no entanto, são elucidados minuciosamente somente quando necessário. Caso contrário, suas origens podem ser encontradas na seção referente, localizada na bibliografia final.

Por fim, a linguagem romanesca sutilmente perpassa alguns trechos da escritura por nós feita. O conteúdo e escopo da pesquisa não é interferido, somente a estética linguística e discursiva o são. Não visamos aqui escrever um romance, claro, mas nos é inevitável certa aproximação lexical e oratória, visto que nosso objeto de pesquisa é, essencialmente, de origem literária. Em linhas gerais, ao leitor será perceptível a eventual aproximação dos

vocábulos e construções fraseais entre fontes e dissertação, cujo teor é proposital. Evitamos assim uma desnecessária assepsia narrativa, por motivos que já citamos acima.

O presente trabalho se divide, essencialmente, em três arcos de análise: a experiência da formação médica de Gastão Cruls e seus primeiros anos atuando na área, sua transição para o campo das Letras através das primeiras publicações e, por fim, sua produção romanesca cujos teores narrativos se revelam ainda no campo da medicina social. Essa tripla divisão é correspondente às secções capitulares de nossa pesquisa. Nossas considerações finais são dedicadas aos anos finais de sua vida e à retomada daquilo que foi discutido ao longo dos capítulos anteriores.

Iniciemos, portanto, nossa visita aos âmbitos medicinais da *Belle Époque* carioca.

I- O Tirocínio do Anel Simbólico de Esmeralda.

O advento do cientificismo, originário da crescente presença científica no século XIX mundial, fez com que sua permeação fosse capaz de adentrar as diversas áreas do conhecimento e que galgasse território de respeitabilidade perante os antigos postos de visibilidade sócio-cultural. A ciência fora capaz de expandir suas áreas de atuação e, até mesmo, aterrizar nos ramos literários.

Através da vida e obra de um autor, Gastão Cruls, aqui constituintes de atuação histórica, visamos revisitar a vivência de uma época. Seus círculos sociais, suas experiências, seus escritos, seus vestígios, todos imbuídos de um devir historiográfico, nos servem aqui de trilha de acesso aos debates científicos e literários que circundaram a sociedade brasileira do início do século XX ao fim da última década de sua primeira metade.

As fontes abordadas são de diversos quinhões. Apesar de lidarmos com um autor cuja atuação escrita foi essencialmente no campo dos contos e romances, realizamos uma leitura comparada entre tais materiais de cunho ficcional e demais documentos, compostos por entrevistas, ensaios de diferentes autorias e pesquisas historiográficas. Desta forma, desejamos nos resguardar da mera construção biográfica de um indivíduo cuja existência não se faz em vácuo. Suas criações, se isoladas de seu contexto de produção histórico ou apresentadas sem qualquer localização introdutória à época de confecção na vida de seu autor, são submetidas ao risco de serem analisadas de maneira positivista. O processo criativo de escritura de uma obra, não é mero acaso histórico incrustado em uma época, mas sim material a ser deglutido em busca de sua nutrição. Acreditamos, portanto, que a intersecção entre obra, autor, época e demais escritos cuja temática estabelece linhas de diálogo comparativo, revela maior oportunidade de compreensão (e até mesmo de contraste) entre criação enunciativa e o terreno sobre o qual fora concebida.

Conforme explorado anteriormente, a discussão entre os campos da História e da Ficção já existe desde a abertura temática proporcionada pela Nova História. A interdisciplinaridade na adoção de fontes diversas contribui positivamente ao historiador, imergindo-o nas relações humanas, sociais e dialógicas presentes nos discursos de páginas advindas de nosso passado. Afinal, rememoremos, “por trás do relato do narrador nós lemos

um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e , além disso, sobre o próprio narrador”¹⁰.

Adonias Filho, na edição de 9 e 10 de novembro de 1969 do jornal *Correio da Manhã*, fez homenagem ao decênio da morte de Gastão Cruls, dizendo que “lendo-se os contos e os romances (...) entrosam-se, no fundo, para estruturar o roteiro temático: a *auscultação da condição humana* em um tempo e em um espaço sociais determinados” (grifo meu). Daí advém o título por nós adotado na presente pesquisa. Assim como Adonias Filho, acreditamos que Cruls fora capaz de curiosamente estabelecer um canal de comunicação entre a filosofia médica de 1900s e sua produção literária. Investigamos aqui, portanto, as possíveis formas pelas quais as vozes da medicina de seu tempo puderam ser apropriadas por seu discurso ficcional e propulsionadas à visibilidade e problematização de seu tempo.

Na década em que Cruls se diploma em medicina, aos alunos de seu curso era divulgado que “sem o ensino fundado na observação direta dos fenômenos e dos fatos da vida real, (...) jamais conseguirão espíritos completamente orientados, capazes de considerar sob todos os aspectos o grande problema social”¹¹. Seus anos de formação médica justamente foram capazes de fomentar a verossimilhança e representatividade de sua ficção futura, alimentando sua relevância como signo retratador histórico.

Nascido em cinco de maio de 1888, Gastão Luiz de Oliveira Cruls foi o filho primogênito da união entre Louis Ferdinand Cruls e Maria D’Oliveira. Seu pai, cujo nome abrazeirou-se para Luiz Cruls, era ilustre astrônomo, engenheiro e geógrafo belga. Introduzido à corte brasileira por Joaquim Nabuco, tornou-se membro da Comissão da Carta Geral do Império. Chefiou a missão à região sub Antártica que determinou a passagem de Vênus sob o disco solar, demarcou o Planalto Central - que posteriormente tornaria-se Brasília - e as fronteiras do Acre com a Bolívia. Também fez carreira no Observatório Astronômico, localizado no antigo Morro do Castelo (Rio de Janeiro), à época um amontoado de casas humildes, no qual despontava o grande edifício. Foi nesse ambiente em que Gastão viveu seus primeiros anos, numa infância quase solitária, pedalando sua bicicleta no andar térreo após o término do expediente.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética - A Teoria do Romance*. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 118.

¹¹ NEVES, Lourenço Baeta apud HERSCHMANN, Micael M., PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). *A Invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 45.

Perdeu logo cedo seus caçulas homens, permanecendo como único irmão numa família de mais quatro filhas. Seu irmão Octávio, ainda em vida, lhe fez companhia nos estudos primários no Colégio Rush, localizado num sobrado da Rua São José. Tendo os Cruls se transferido para Petrópolis, frequentou também o Colégio Kopke, na Rua do Catete, onde conheceu aquele que seria seu amigo de longa data na vida adulta, Miguel Ozório de Almeida. Matriculou-se no Ginásio Fluminense nos anos seguintes, de 1899 a 1902, cursando os quatro anos dos preparatórios, mas logo foi transferido para o Colégio São Vicente de Paulo. Por fim, concluiu seus últimos exames no Colégio Pedro II. Terminados seus estudos da infância e adolescência, foi incentivado pelos pais a seguir carreira médica.

Em 1905, ingressa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de tradição clínica e influência francesas (em comparável contraste à Faculdade de Medicina da Bahia, cujo campo experimental era italiano e alemão). A faculdade carioca estava sob mudanças administrativas e docentes¹², desde a reforma Benjamin Constant de 10 de janeiro de 1891, responsável pela criação de duas cadeiras de disciplinas cuja influência perduraria na formação médica brasileira das décadas seguintes: Clínica Propedêutica e Anatomia Médico-Cirúrgica. A primeira, inicialmente ministrada por Francisco de Castro, foi posteriormente legada a Miguel Couto, em 1901, marcante figura no cotidiano clínico abordado por Cruls.

Dr. Couto era notório pesquisador e atuante na área da Saúde Pública, alvo de grande sensacionalismo quando em sua entrada à Faculdade. Durante o concurso estabelecido em prol da vaga feita disponível pela morte de Francisco de Castro, os concorrentes Miguel Couto e Pedro de Almeida Magalhães tomaram os tabloides de seu tempo com o seguinte episódio:

O assunto escolhido foi a febre amarela e Almeida Magalhães baseou seu trabalho principalmente nas publicações do Instituto de Medicina Tropical, de Hamburgo. Miguel Couto era pouco conhecido, oriundo de família muito humilde, mas sua tese era uma contribuição pessoal de valor, alicerçada em observações feitas diretamente e em autópsias praticadas pessoalmente.

(...) A certa altura, [Almeida Magalhães] ao referir-se a um dos autores de sua bibliografia, disse: “como o colega não sabe alemão, eu vou traduzir” e leu em português. Couto manteve-se tranquilo e, em sua vez de argüir, tendo que citar também um autor germânico, calmamente explicou: “como o colega sabe alemão, eu vou ler no original” e discorreu corretamente em

¹² Cf. SALLES, Pedro. *A História da Medicina no Brasil*. Belo Horizonte: G. Holman Ltda., 1971, p. 156-7.

alemão. Entre altos e baixos, o concurso chegou à prova prática, constando de exame de doente, diagnóstico e indicação terapêutica. Houve então uma polêmica séria, porque Almeida Magalhães acusou a banca de partidarismo, alegando que o doente já era do conhecimento de seu concorrente, pois estava internado na enfermaria de Azevedo Sodré, onde Couto trabalhava. Mas a Congregação rejeitou o Recurso, ficando finalmente a vitória com Miguel Couto.¹³

Percebamos o quão intelectualmente truculento fazia-se o campo profissional da docência da medicina. A formação médica era composta pelo convívio entre doutores/pacientes e doutores/doutores. Como veremos mais adiante, ambas relações eram vistas como problemáticas e próprias aos ritos de diplomar-se na área.

Durante os seis anos de formação Gastão tomou contato direto e íntimo com a prática clínica, tanto como interno na enfermaria da Santa Casa, comandada por seu professor Miguel Couto, quanto como na enfermaria do professor Paes Leme, ao terceiro ano do curso. A Santa Casa era espaço compartilhado por Álvaro Ozório de Almeida, que proporcionaria o laço de reencontro entre Cruls e Miguel Ozório, seu irmão. O círculo de convívio entre os *habitués* da enfermaria transbordava das exigências acadêmicas ao pequeno laboratório de fisiologia de Álvaro, instalado humildemente no porão da residência dos Ozório à rua Almirante Tamandaré, no qual

...poderia faltar tudo menos *a fê na Ciência pura e nas ideias alevantadas*, [tornando-se], desde logo, procurado por um pugilo de eleitos [...] que ali sempre encontravam, no intervalo das experiências ou nos ócios de fim de tarde, no fluir das palestras ou no comentário ao último livro lido, motivos de riqueza ao cabedal dos seus conhecimentos.¹⁴

O cotidiano médico dos estudantes não só revolvía os discursos progressistas da Ciência mas também ambiente próprio de rituais de camaradagem e discussões concernentes à intelectualidade das leituras feitas. A formação dos médicos, portanto, não residia apenas em sua atuação clínica, mas também no compartilhamento de seu convívio como classe.

A formação do médico tomava ares de religiosidade e aptidão inata, orgulhosamente compartilhada por seus membros. Sebastião M. Barroso, em 1934, publicou memórias - *O*

¹³ SALLES, 1971, p. 157.

¹⁴ CRULS, Gastão. (Homenagem póstuma a) *Roquette Pinto* in Revista Brasileira de Medicina, vol. XI, n. 10. Outubro de 1954. O grifo é nosso.

medico na ciencia, na profissão, na sociedade - sobre seus tempos como pupilo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, prefaciadas por Miguel Couto. Nelas há notável insistência na ideia de que o ingressante à carreira médica deve demonstrar qualidades “morais e físicas” adequadas à profissão. Dentre elas: resiliência emocional, autocontrole e total dedicação¹⁵.

Rememorando a dificuldade dos calouros com a transição adaptativa entre a recente saída do âmbito familiar e ginásial, e o ingresso universitário, critica compreensivamente alguns comportamentos juvenis. Apesar dos cursos preparatórios às faculdades, assim como nos dias de hoje, ao estudante era um cenário chocante a mudança dos contextos familiares para o laboratorial, repleto de convívio com doentes, fluídos corporais e cadáveres. Para Barroso, cabe ao futuro médico, adquirir uma “courage emocional”:

O conter, a occultar as suas impressões, a disfarçar suas emoções, a dissimular os seus pensamentos. Essa *courage* de aparente fleugma, de fingida impassibilidade, de estudada indiferença, o estudante de medicina entra a crear-se desde o principio dos seus trabalhos nos amphyteatros de anatomia, nas salas de experimenação, nas enfermarias do hospital.¹⁶

Tal preocupação é visível nas cartas endereçadas a Gastão por sua mãe, apesar de no último ano da faculdade. Maria Cruls, em busca da reconstrução do conforto caseiro, diz ao filho:

Querido Gastão,
 Antes de tudo quero felicitar-te frente teu sucesso nos exames, sentindo não estar perto de ti para abraçar-te de todo o coração! Tive um grande prazer como nunca mais tive nenhum depois que perdi teu pae! Se ele vivesse que satisfação teria tido!
 Quem sabe si elle lá do ceu não vê o que se passa n’esse mundo? Se assim fôr, elle terá tido immensa felicidade em seguir-te os passos pois desde que te fizestes homem, tens sempre andado pelo caminho recto do dever e da honra guiado e traçado por elle!¹⁷

¹⁵ Cf. BARROSO, Sebastião M. *O Medico na Ciencia, na Profissão, na Sociedade*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934, p. 18 et passim.

¹⁶ BARROSO, 1934, p. 20. Grifo nosso.

¹⁷ CRULS, Maria. *Carta pessoal*. 27/01/1910, para CRULS, Gastão. Quatro folhas. Acervo pessoal familiar.

Após o elogio comparativo feito ao pai, Maria Cruls prossegue com o consolo familiar através de quitutes:

Hontem enviei-te dirigido para a casa do Leonardo um embrulho contendo uma lata de doce de leite, uma de bananada e outra de requeijão. Esta última debes abri-la logo e não guardal-a muitos dias, pois estraga com facilidade. (...) Por hoje vou terminar. Já foste a casa do Dr. Miguel Couto? (...) Adeus meu filho e abraço-te de todo o coração.
Tua mãezinha,
Maria Cruls¹⁸

Bastante terna, a carta vai de encontro àquilo abordado por Sebastião Barroso em sua obra. Iguamente revela o costume comum à época da escolha profissional ser encarregada aos pais dos graduandos. “Geralmente não são os rapazes, mas os paes que lhes escolhem as profissões e lhes traçam os destinos”¹⁹, alertava Barroso. “Este ha de ir para o commercio, aquelle será medico, aquelle outro militar, quando, acima da adaptação do meio das suggestões do tempo, está o feitio e estão as tendencias com que nasce a pessôa”. O autor, no entanto, o afirma com tom de absoluta crítica, visto que destarte “faz-se medico o que devia ser engenheiro, torna-se commerciante o que devia ser artista, agricultor o que devia ser mestre”. Ainda finaliza: “andamos em geral todos errados”.

Questionando tais discursos, é legível o tipo de prestígio já compartilhado por profissões como engenharia, medicina e comércio (visto que aos pais raramente cabia, de acordo com Barroso, a incumbência de encaminhar os filhos às artes, por exemplo). Reiteremos também que, nesses contextos, “filhos” atém-se à prole masculina da família.

Gastão, cerca de duas décadas após terminados seus estudos na faculdade, toma a temática da escolha pela carreira profissional e a aptidão como inspiração a uma curta crônica. Em *Um conto de Natal*²⁰, nos deparamos com a historieta de um menino de sete anos cujo sonho era possuir uma armadura de cavaleiro igual a de seu vizinho que “era rico e só por isso podia possuir uma armadura tão bonita, de peitoral reluzente, capacete empenachado de vermelho, largo escudo brazonado e cinturão de espadim à ilharga”.

¹⁸ Idem.

¹⁹ BARROSO, 1934, p. 84.

²⁰ CRULS, Gastão. *Um Conto de Natal* in *Contos Reunidos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951, p. 244 et seq.

A indumentária faz clara alusão ao uniforme utilizado pelos membros da Academia Brasileira de Letras que “exigia bordados a ouro, espadim artístico, chapéu armado e os mais caros enfeites”²¹, de acordo com Carlos Laet que, em 1918, no *Jornal do Brasil*, criticou tal vestimenta que era “o terror do acadêmico pobre”.

Ao indagar seu vizinho, o garotinho descobre que quem o havia presenteado com tamanho tesouro havia sido o Papai Noel. Ele, como sempre havia sido de família pobre, jamais havia ouvido falar do “velhinho de barbas brancas, que descia do Céu nas noites de Natal e distribuía brinquedos pelas crianças”. Conforme instruído, ao chegar em casa, fez uma oração ao bom velhinho e colocou os sapatinhos à janela para que atendessem seu pedido.

No dia seguinte à véspera natalina, acordou bem cedo e correu junto à janela para apanhar seu presente. Rasgando o embrulho, “abriu um formidável berreiro”, fazendo com que seus pais fossem acudi-lo. O pai, examinando o conteúdo do embrulho, deparou-se com “um fraque preto, um chapéu coco, um guarda-chuva de cabo de ouro e também um anel simbólico tendo apenas um grande *chuveiro* de brilhantes²² e ao qual faltava juntar a pedra característica, a esmeralda, safira ou rubi, conforme a profissão abraçada”.

Vemos, então, que o decepcionado garotinho havia sido presenteado com as vestes do típico *gentleman* da *Belle Époque*, tão conhecido por nós através de diversas pinturas e gravuras de época. Tal seria o “uniforme” dos futuros aspirantes às carreiras delegadas pelos pais, costume importado pelas fortes influências europeias em nossas terras tropicais.

²¹ JORGE, Fernando. *A Academia do Fardão e da Confusão: a Academia Brasileira de Letras e seus “imortais” mortais*. São Paulo: Geração Editorial, 1999, p. 98.

²² Grifo do autor.



Estudantes de Trinity College, Cambridge. Fotografia, fim do século XIX. Acervo gratuito da Wellcome Images, Londres. Disponível em: http://wellcomeimages.org/indexplus/obf_images/39/f4/bd6c1a6ec2c883b5b3ab24c1cfad.jpg, acesso em 18/05/16.

Rendendo-se às lamúrias infantis, o pai conforta a criança dizendo que pela manhã traria uma armadura similar à do vizinho para que vestisse. E, voltando-se à sua esposa, finaliza a narrativa dizendo “isso é melhor do que qualquer armadura medieval”. “Mais tarde, metido nesse fraque e com a ajuda do anel simbólico e do guarda-chuva de cabo de ouro, se êle for jeitoso e tiver uma certa compostura de maneiras, poderá alcançar tudo o que quiser na vida”.

Papai Noel o havia presenteado com a abertura às carreiras profissionais que desejasse na vida, deixando explícita a problemática de Cruls frente ao arcadismo tanto da mentalidade na qual cabe aos pais designar o futuro dos filhos, quanto à afetação da vestimenta escolhida pelos acadêmicos das Letras nacionais. Crítica essa, aliás, que perdurará na vida do autor.

Existia à época uma percepção da Medicina, por suas particularidades de formação e atuação, como comparável a uma espécie de sacerdócio. Essa visão, do médico ou cientista completamente dedicado a seu trabalho em detrimento da vida pessoal, é herança do estabelecimento da área científica em termos de respeitabilidade e classe profissional no

século XIX²³. Ao “médico nato” estabelecia-se a consciência de que “o exercício da medicina nunca deixou nem jamais deixará de ser um sacerdócio, e um apostolado: sacerdócio porque a sua finalidade é praticar o bem; apostolado porque vive a evangelizar as normas e as regras do bom viver que é a saúde”²⁴. O contato com os doentes e enfermaria demandava a bondade, altruísmo e desprendimento. “Ecumenismo médico, uma palavra vã! Uma necessidade, todavia”²⁵, dizia René Leriche, famoso cirurgião francês.



Gastão Cruls, possivelmente na enfermaria da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. Percebamos o uniforme médico típico: vestuário branco, asséptico. Um chapéu repousa sobre o chão, à sua direita. Há um cão sobre seu colo e outro sobre a cama. Possível ocasião de visita de Clodoaldo Pereira Devoto, conservador-preparador do laboratório de Fisiologia de Animais Domésticos. Fotografia, meados de 1920. Acervo familiar, Rio de Janeiro.

²³ Cf. VIVOLO, V. M. As Horrendas Progenies de Frankenstein e Moreau: a Literatura e Ciência no Século XIX. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores, Velhos e Novos Desafios*. Florianópolis, p. 7, jul. 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433346524_ARQUIVO_AsHorrendasProgenies3aversao.pdf, acesso em 18/05/16.

²⁴ BARROSO, 1934, p. 11.

²⁵ LERICHE, René. *Recordações da minha vida morta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1959, p. 117.

Em seu penúltimo ano de curso, Gastão, primeiramente como aluno interno de clínica propedêutica e, posterior e respectivamente, como subcomissário e comissário médico, integra o corpo de funcionários da Diretoria Geral de Higiene e Assistência Pública, cargo que ocuparia por mais de uma década, até 1921. E assim “(...) cruzava e recruzava diariamente a cidade, pois a qualquer serviço interno preferi[a] sempre o da ambulância de socorros urgentes; e, assim, para presenciar muitas tragédias e, às vezes, algumas comédias, penetr[ou] tanto nos palacetes faustosos de Botafogo ou da Tijuca como nas favelas humildes da Saúde ou do Buraco-Quente”²⁶. Ainda dentro deste intervalo de atuação, em 1918, ano de pandemia gripal, viajou como médico sanitário na Comissão de Saneamento Rural na Paraíba, em companhia e sob diretoria de Acácio Pires. É este período de fervilhar clínico de Cruls que imprime diversas temáticas, cenas e personagens na sua posterior produção literária.

A propedêutica médica, atualmente conhecida como anamnese, compunha o conjunto de análise da temperatura, entrevista com o doente, apalpação, auscultação e interpretação dos sintomas manifestos. Encaminhava-se o estudante às enfermarias de cirurgia e doenças externas em primeira instância para que, à partir do terceiro ano do curso, pudesse encarar o enfermo “através dos seus conhecimentos de anatomia e fisiologia”²⁷. O objetivo era despertar o interesse pelo contato constante com a doença, com suas terapêuticas, injetando ânimo e espírito de utilidade ao interno. “Pouco a pouco se forjava assim, o espírito [que lhes era] querido: a paixão pelo doente como homem sofredor, o culto da inteligência na patologia e na prática, o gosto da novidade”²⁸. É palpável a construção de uma ideologia heróica a circundar o médico cujo epicentro deveria ser sua própria autoconcepção como profissional.

Lidar com os vivos acamados inferia direto contato com a mortalidade da condição humana, área de profusão inspiradora a Cruls em sua fase de atuação como escritor. Futuramente, em entrevista, comentou tal influência em sua obra:

- [Homero Senna, entrevistador] Arrepende-se, então de haver estudado Medicina?

- [Gastão] De modo algum. No meu tempo de estudante não havia ainda aqui Escolas de Filosofia e Letras. Portanto, mesmo para aqueles que quisessem

²⁶ CRULS, Gastão in SENNA, Homero. *República das Letras: Entrevistas com 20 Grandes Escritores Brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 236.

²⁷ BARROSO, 1934, p. 35.

²⁸ LERICHE, 1959, p. 73.

dedicar-se à Literatura, o melhor curso seria ainda o de Medicina. Pelo menos esse curso, com a obrigatória frequência aos hospitais, lhes daria um rico campo de observações, um grande contato com a vida, com as faces dolorosas da vida. E dores nem sempre físicas. Dramas também muitas vezes morais.²⁹

Parte da experimentação com “as faces dolorosas da vida”, as práticas de autópsia nos laboratórios cadavéricos eram reais provações aos pupilos das artes da cura. A pesquisadora Helen Macdonald, em *Human Remains: Dissection and its histories*, afirma que “toda sociedade possui convenções ao lidar com [restos mortais], de forma a regular quem tem acesso aos corpos e se responsabiliza por seu descarte. E quando homens da medicina trabalham com os mortos, o fazem com esse conhecimento”³⁰. Mesmo desmembrado ou eviscerado, o corpo humano jamais é completamente “objetificado”, visto que facilmente transita entre as categorias de sujeito e objeto. Uma incerteza paira entre encarar o cadáver sobre a mesa como “ele”/“ela” ou “aquilo”.

Retomemos as memórias de Sebastião Barroso. O autor relata que, rodeando um cadáver comum, os estudantes eram incentivados a retalhar alternadamente o morto. Barroso menciona diversos colegas empalidecendo, suando, vomitando e até mesmo escapando sorrateiramente do anfiteatro de Anatomia. De extremo mau gosto também era o cardápio do refeitório àqueles dias, no qual rosbife mal passado era servido como jantar aos calouros.

Admiravam tremendamente os alunos veteranos, capazes de realizar as proezas da dissecação sem demonstrações desnecessárias de emotividade. “Um de livro aberto lia alta, outro cantava, puxava e mostrava o detalhe apontado, os outros espiavam e commentavam”³¹. Horas se passavam dessa forma e “saíam depois, lepidos, palreiros, tratando de outros assumptos, como si saídos de ambiente normal e commum”. O ditado mais repetido aos alunos era “sem dissecação, não se aprende anatomia”, o que, obviamente, incutia a responsabilidade de habituar-se aos mortos como ferramenta de pesquisa.

²⁹ CRULS apud SENNA, Homero; Lembrança de Gastão Cruls, *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959.

³⁰ MACDONALD, Helen. *Human Remains: dissection and its histories*. Londres: Yale University Press, 2006, p. 3 et passim.

³¹ BARROSO, 1934, p. 21 et seq.

O futuro Dr. Sebastião Barroso conta de um “cadáver fresco” (palavras suas) recém-chegado ao anfiteatro, esfolado com sua ajuda. Terminado seu estudo no braço do falecido, saiu a fim de tomar um café na rua do Ouvidor. O dia foi impregnado pelo cheiro da gordura cadavérica. Lavou as mãos diversas vezes, inclusive com álcool, mas o odor somava-se à sua roupa, ao cigarro, ao café, às refeições. A insistência pela dissecação foi recompensada: “E teimei. E venci. Ao fim de quatro a seis semanas já podia impunemente manipular as ‘peças’ mais alteradas sem sentir o menor fétido, sem ter náuseas, sem enservar a menor lembrança”. E finaliza o parágrafo louvando as geladeiras e o formol laboratoriais.

A sala dos cadáveres, povoada por corpos de crianças, adultos e idosos – todos legados ao destino de um caminhão amontoado e uma vala comum depois do seu “uso” – também colaborava para a construção de um imaginário digno de Edgar Allan Poe. Sebastião Barroso termina suas historietas cadavéricas relatando uma madrugada passada na sala, à espera do zelador responsável pela chave. Sozinho, na penumbra, contemplava os corpos espalhados em mesas a seu redor. Um deles havia sido recentemente decapitado. Distraído, ouviu um estrondo e, ao virar-se, presenciou um movimento convulsivo no braço do morto sem cabeça que imediatamente deu uma cambalhota ao chão.

Com o coração disparado, nosso assustado estudante apegou-se às beiradas da mesa mais próxima. Depois de certo tempo, pôde constatar que o cadáver havia sido posicionado de maneira ligeiramente desastrada enquanto “fresco”. Agora, fluídos escapavam-lhe os orifícios, tornando a superfície escorregadia e fazendo-o cair. Ainda assim, preferiu não mais esperar solitariamente e foi de encontro ao amigo zelador.

Como podemos observar, a formação médica não é exclusivamente composta por conhecimentos biológicos e anatômicos. Um aparelho comportamental e de expectativas a serem correspondidas forjam a atuação do médico como cientista, profissional e ente social. Podemos remontar parte da construção dessa ideologia aos avanços da medicina na virada do XIX ao XX, inclusive em territórios nacionais. Mesmo Dr. Barroso sendo praticamente um anônimo entre os cânones de médicos brasileiros, seu depoimento toma forma de importante resgate do ideário e cotidiano de uma época que já nos escapa: as origens da mitológica objetividade e impessoalidade médica perante os diagnósticos da vida, de raízes profundas no advento da *Belle Époque*.

Publicado inicialmente sob pseudônimo de “Sérgio Espínola” na *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato de 1916 a 1925, o conto *G. C. P. A.* de Gastão Cruls retrata simultaneamente a adequação comportamental médica e a mortalidade dos corpos como cobaias de estudo. A narrativa se dá em um ambiente similar à Santa Casa, circulada às sextas e terças-feiras pelo séquito de assistentes e internos, apinhados ao redor de seu professor no anfiteatro. Lá, os pacientes portadores de moléstias raras ou mal definidas eram encaminhados e perscrutados pelos inquisidores olhares dos homens da ciência.

Assim como nas lições anatômicas cadavéricas, um estudante mais experiente fazia as vezes de leitor do caso clínico enquanto os demais observavam o indivíduo deitado à mesa. O contraste é evidente: o professor “empavonado no seu luzente avental de linho branco”, o seu pupilo predileto “de cabelos empastados sobre a testa” cantando os sintomas aos demais, enquanto Silvino, o paciente, jazia “imóvel entre as almofadas que lhe chumaçavam o corpo ossoso” e de “rosto baço e encovado”³². Não há igualdade física e sequer na qualidade de dignidade das personagens.

Silvino, que já fora enfermeiro do próprio hospital no qual fora internado, agora sentia-se “motivo de tanta curiosidade, o seu corpo transformado em material de estudo, como o de muitos outros que ele mesmo, indiferentemente, para ali conduzira”. Arrependia-se de não haver abandonado o seu local de trabalho logo no início de seus sintomas. Não havia qualquer sentimento de conforto proporcionado pelo seu passado naquele ambiente. Lá, sob o solilóquio interminável e verborrágico do professor, Silvino era ordenado “que abrisse a boca e [repuxavam-lhe] fortemente os lábios” a fim de demonstrar-lhe a discromia das mucosas. Enquanto seus sintomas eram friamente descritos e diagnosticados previamente como causados por um tumor das supra-renais...

Silvino, o olhar consultivo e ansioso, encolhido entre as cobertas do carro-leito, não perdia uma só daquelas palavras ásperas e sentenciosas que, em meio à linguagem obscura e inescrutável, lhe ditavam condenação. É que o mestre se esquecia, nos surtos do seu entusiasmo, de que *o tirocínio hospitalar dera azo ao pobre enfermo para se familiarizar com a terminologia médica*³³.

³² CRULS, 1951, p. 31 et seq.

³³ CRULS, 1951, p. 35. O grifo é nosso.

Contrário às expectativas e, quiçá, arrogância médicas, o paciente compreendia totalmente a sentença que lhe era atribuída. A linguagem médica, com ares de autoridade e de código hermético, claramente apresenta-se como discurso dirigido direta e exclusivamente àqueles supostamente tomados como seus membros. Não cabia à situação que Silvino pudesse decifrar o que lhe era dito sobre seu corpo e condição, deveria permanecer ignorante enquanto o grupelho de seres de avental à sua volta discutisse o caso. Percebamos que seu corpo serve apenas como ilustração palpável, objeto, e jamais é convidado a tomar parte ativa na cena.

Desejoso de dar maior realce à lição, o professor Rodrigues passou a exibir diante dos alunos, algumas peças do seu laboratório anátomo-patológico. Para tal fim, bem próximo dele, sobre uma pequena mesa de tampo esmaltado, quatro ou cinco frascos de vidro grosso conservavam, mergulhados num líquido turvo e sanioso, órgãos e vísceras de outros doentes que por ali já haviam passado, deixando bocados de si em pábulo à ciência³⁴.

A situação é torturante e insensível: Silvino, exposto, ouvia calado seu diagnóstico e era friamente comparado às peças cadavéricas do professor Rodrigues. Como se não bastasse a insensibilidade explícita, tais frascos de vidro também eram lembranças mortais de pacientes do hospital cuja cura fora inalcançável. Depois de mortos, deixavam pedaços seus a serem analisados interminavelmente de mão em mão. Eis então a terrível concretização da problemática de Helen MacDonald, o sujeito tornara-se irrecuperavelmente objeto. A aflição sentida pelo leitor se dá na absoluta falta de compaixão dos médicos, na qual vivos e mortos comungam a objetificação.

Silvino, de lágrimas aos olhos, dirige o olhar para as janelas do anfiteatro, em busca da sublimação daquele momento. Ao fim do espetáculo de frieza clínica, mais uma demonstração é dada:

- Como vêdes, meus caros discípulos - disse o professor Rodrigues para terminar - *caso mais belo* e completo da moléstia de Addison dificilmente se teria encontrado do que este que apresenta o nosso doente; e eu estou bem certo de que, se cada um de vós o examinar demorada e pacientemente, guardareis uma indelével lembrança do que seja essa curiosíssima síndrome.

³⁴ Idem.

Uma clangorosa *salva de palmas* estrondeou nas arquibancadas, apagando as últimas palavras do mestre, enquanto começava entre os estudantes um falario de entusiásticos comentários à magistral lição que acabavam de ouvir.³⁵

É tragicômica a cena na qual o médico sente-se orgulhoso da raridade da doença de seu paciente, delegando-o à condição de cobaia. Seus pupilos compartilham de seu comportamento, aplaudindo-o e tomando a propedêutica ao doente como “magistral lição” somente. Imediatamente, os estudantes - batizados por Cruls de “futuros mortícolas” ciosos de ciência - descem de seus postos e põe-se a apalpar e cutucar Silvino em meio a risos e comentários, não dirigindo-lhe a palavra. O paciente então finalmente é encaminhado de volta a seu leito na enfermaria.

O interno veterano - aquele que ditava o caso -, chamado de Castro, fez-lhe os últimos exames e pôs-se a conversar brevemente com Silvino. Cruls faz com que ambos demonstrem superficial afeição, devido ao convívio constante entre ambos. Aparentemente, Castro doutorava-se através de uma pesquisa justamente sobre a doença de Silvino. Uma última olhadela e anotação nas papeladas faz com que ambos despeçam-se. O ex-enfermeiro, ainda inquieto, busca espiar os documentos de seu caso. E eis que:

Relançando de esconso a vista pela papeleta pouco antes anotada, Silvino sentou-se dum ímpeto, mãos travadas nos cabelos que se arreplavam, um algar eletrizante coando-se-lhe pela nuca abaixo. É que a lápis vermelho, em um dos cantos da papeleta, lá estava a abreviatura sinistra, a almenara de morte: *G. C. P. A.*³⁶

Receosos de que parentes ou amigos do futuro morto buscassem-lhe os despojos antes que pudessem ser examinados pelos bisturis, um código de encaminhamento fora elaborado pelo hospital. A sigla, significante de “Guarda o cadáver para autópsia”, determinava que, assim que o paciente fosse diagnosticado com algum curioso caso, fosse imediatamente encaminhado após o óbito para a mesa de necrópsia. Silvino, infelizmente ciente e, antigamente, até colaborador em tais situações, se revolta por sua suposta ingenuidade.

³⁵ Idem, p. 37. Os grifos são nossos.

³⁶ Idem, p. 38, grifos do autor.

Dentro de sua consciência não consegue afastar a ideia de que apenas havia recebido carinhos e atenções especiais de Castro por ser sua predileta cobaia. “Não passava de um zelo farisaico de mortícolas, escondendo curiosidades científicas diante de um caso raro e concupiscível”. A pressa em reclamar seu corpo sem vida servia de prova, visto que “o doutorando vinha salvaguardar os interesses da ciência, premeditando-lhe a carneada”.

Silvino opta por elaborar uma fuga noturna, que é bem sucedida. Resolve caminhar até a orla da praia, mergulhando no mar e sofrendo uma crise de dor aguda que lhe causa a morte. O mau agouro do conto termina dizendo-nos que, três dias depois, seu corpo é encontrado boiando em águas marítimas e, sem titubeios, é levado à autópsia, submetido aos bisturis dos antigos e queridos guardiães.

O conto, de caráter bastante visceral, revela uma curiosa desesperança na visão de Cruls sobre a medicina. Descreve com solenidade os procedimentos de formação médica: os exames, a dignidade dos doutores em seus discursos extremamente cultos, a relação médico-paciente... E quando somos expostos a uma certa relação de ternura entre Castro e Silvino, imediatamente a mesma é traída pela sigla anotada. Nessa obra de ficção de Cruls, estudantes e professores do hospital são comparados a carniceiros, hipócritas e insensíveis.

Sebastião Barroso, ainda falando de seus tempos de faculdade, cita um aforismo aparentemente polêmico: “o médico deve ser hipócrita”. Sua crítica, no entanto, é similar à estabelecida pelo conto de Gastão. Diz que:

O profissional não deve ser nem um falador parlapatão, nem uma esphyngge enigmatica. Ao discorrer sobre a doença, ao traçar o diagnostico e o prognostico, ao recommendar o tratamento, deve antes de tudo attender a quem se dirige. Nem optimismo exaggerado, nem pessimismo desanimador nas exposições. Deixar sempre uma porta para o occasional. Mostrar-se entretanto sempre senhor do assumpto. O doente não deve imaginar [que] tenha o medico duvidas sobre o que está praticando.

- O medico deve ser hypocrita. [- responde-lhe o colega com quem fala.]
- Não hypocrita propriamente, mas humano. Veja bem a especie de mercadoria que elle vende: - a ansia pela saude, a alegria de viver.³⁷

Ambos textos dialogam, visto que compartilham da opinião de que cabe ao médico ter consciência de seu interlocutor. O caso fictício de Cruls, no entanto, explicita que não

³⁷ BARROSO, 1934, p. 87.

havia interesse que esse interlocutor fosse o paciente em momento algum, o diálogo entre médicos era superior a tal questão. Barroso é da opinião de que “ser humano” é buscar encontrar formas paliativas de apresentar o diagnóstico e tratamento ao doente. Uma questão de sensibilidade. Ainda assim, não esquece de mencionar que a medicina também é uma espécie de relação comercial, na qual se vende a saúde e a vida.

É perceptível e compartilhado um espírito no qual ser versado em Medicina não é sinônimo de saber atuar como um bom profissional médico. Códigos de conduta eram discussões recorrentes entre membros da profissão, como se a tomada da anatomia e fisiologia como objetos de pesquisa pudesse transcender o mérito da intelectualidade e perigosamente tornar-se falta de sensibilidade ou caráter.

Lembremos que à figura do médico é permitida uma singular capacidade de circulação pelos diversos âmbitos sociais de seu tempo, “porque mais do que o padre, mais do que a polícia, o médico em qualquer de suas atividades, se vê emaranhado na vida íntima de toda a gente”³⁸. Há uma capacidade de permear o cotidiano de classes sociais diferentes, fazendo com que ele pudesse flunar pela cidade e o campo, adentrando as vidas familiares e suas políticas próprias. Um senso de responsabilidade e dependência formava-se entre a classe profissional da saúde e seus pacientes que, tecnicamente, eram compostos por literalmente todos os indivíduos de seu tempo, vulneráveis às questões de saúde e doença.

Curiosamente, a população brasileira é denunciada por Cruls como tipicamente hipocondríaca em um de seus contos. Percepção igualmente disseminada por seu colega de profissão Dr. Barroso. A infalibilidade da medicina era parceira da farmacopeia e seus produtos.

A noção que o nosso povo tem de saúde e de doenças é original e digna de estudo. Cada symptoma é uma entidade morbida para a qual deve haver remédio específico. Dôr de cabeça? Aspirina. Grippe? Bromo-quinina. Febre? Quinina. Sarampo? Chá de sabugueiro. Si falta o específico, a secção-reclame dos jornaes o indica. Um nephritico amanhece de olhos e rosto empapuçados: toma as pilulas que o annuncio aconselha para emagrecer... os obesos. (...) O Brasil é o paraiso dos fabricantes de drogas curativas e a maior fonte de renda do balcão dos jornaes delles provém. Para que um remédio tenha saída, ou melhor, para que qualquer droga seja

³⁸ BARROSO, Sebastião M. *O Medico nas Grandezas e Miserias Humanas*. Terceira edição de *O Medico na ciencia, na profissão, na sociedade*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d, p. 5.

vendida como remédio, basta que o seu inventor disponha de fundos para a propaganda.³⁹

É ambígua a denúncia de Barroso, conforme não explicita claramente o seu maior incômodo: a ética duvidosa de se vender a saúde através da propaganda de remédios ou o fato de farmacêuticos e propagandistas tomarem o mesmo peso que os profissionais da medicina em diagnósticos e terapêuticas aos olhos populares. Lidamos com uma época em que os discursos médicos eram cercados por adversários nos campos intelectuais simultaneamente aos do prestígio social em sua atuação. Desejavam certa exclusividade no direito de opinar e diagnosticar a saúde da sociedade.

A hipocondria toma ares de ironia e comédia nas mãos criativas de Cruls, através do conto *Um Aasvero Moderno*, publicado em 1920 na coletânea *Coivara*. Nele, um médico viajante, Dr. Pimentel, perambula pelas ruas de Quioto junto a alguns colegas lusitanos. Cria laços de amizade com um senhor nipônico, dono de uma loja de antiguidades. Certo dia, ao conversar com um de seus colegas lusófonos, Pimentel percebe que tal senhorzinho japonês riu ao ouvir uma piada que havia contado em português. Após alguma pressão inquisitória, consegue a confissão: o lojista na realidade é brasileiro, médico cearense, e criou nova identidade no Japão, fugido de seu país. Cruls justifica sua habilidade camaleônica afirmando que seu tipo físico seria similar aos nipônicos, pois “entre nós [brasileiros], principalmente no Norte, há tipos francamente mongólicos, e já houve até quem nos quisesse dar uma origem asiática”⁴⁰.

Sr. Raulino Uchôa de Moraes formara-se em medicina e desde então acreditava que sua vida havia se tornado só desgraças: “é que absolutamente não nasci para médico, e como a clientela me persegue, e entende que eu devo clinicar a todo o transe, durante seis longos anos tive de andar de mala às costas, à procura de um pouco de sossego”. Era um pária social, voluntariamente, visto julgar-se incapaz de suportar a fila interminável de doentes que buscavam por seus diagnósticos dentro e fora do país.

Existe uma refração das vozes da vida pessoal de Gastão na sua narrativa, principalmente ao referir-se ao encaminhamento do Sr. Uchôa à área médica. Ao analisarmos tal passagem em conjunto com a biografia e entrevistas dadas pelo autor posteriormente -

³⁹ BARROSO, 1934, p. 134-5

⁴⁰ CRULS, 1951, p. 78 et seq.

como aquela fornecida a Homero Senna -, é evidente que a argumentação dos pais de Uchôa e sua frustração poderiam até mesmo ser as de Cruls à época de faculdade.

Como todo brasileiro que se preza, ao terminar seus preparatórios, ele também ambicionara possuir um título qualquer, e para isso foi matricular-se à Faculdade de Medicina.

O Snr. Uchôa não sabia bem dos motivos que o levaram a decidir-se pela carreira médica, e talvez que as razões dessa escolha estivessem mais na opinião dos outros do que mesmo num aprofundado exame das suas próprias aptidões.

De fato, por aquela época, e como acontece a quase todo rapaz, não tinha vocação definida, e tanto se lhe daria ser médico como bacharel, confeitoiro, soldado, agrimensor ou mesmo, e até preferentemente, coisa nenhuma.

Seu pai, porém, já não entendia assim, e desde a sua meninice, vivera a incutir-lhe no espírito as vantagens da medicina. Para ele não havia nada que se comparasse à carreira médica que, com ser bela e independente, era fartamente remunerada.

- Aquilo é que é uma profissão! dizia o velho a cada passo, de jeito a ser ouvido pelo filho. E logo, corrigindo a língua: - Profissão não! *Um verdadeiro sacerdócio, e sacerdócio dos mais elevados e nobilitantes!*⁴¹

A temática da honra, prestígio e da escolha sacerdotal é recorrente ao discutirmos a medicina da época. Cruls, no entanto, deturpa tal noção colocando-a em contraste com aquilo que chama de “tirocínio médico”, o desgaste causado pelo “início de escravização do médico ao doente”. Havia uma independência financeira que era totalmente desencantada pelas obrigações médicas frente aos pacientes.

Ser médico era dedicar-se integralmente à profissão, cujo vínculo maior esperava-se ser eternamente com o doente que lhe batesse à porta. A medicina tomava ares de heroísmo através do altruísmo, no qual doutores poderiam passar horas sem comer ou descansar somente pela satisfação da cura de seus clientes... Mas para Uchôa - e Cruls, por que não? -, “o exercício daquela profissão, que se alimentava de todas as dores e só sabia florescer sobre os escombros da felicidade alheia” não bastava. O permanente contato com o sofrimento humano e sua condição de mortalidade era capaz de gerar infelicidade no médico. “Na maioria dos casos o médico não era mais do que um expectador desarmado ante as misérias e aleives por que passa o pobre organismo humano”.

⁴¹ CRULS, 1951, p. 79. Os grifos são nossos.

Ainda em seu quarto ano de curso, em 1908, falece Luiz Cruls, pai de Gastão, arrebatado por uma arteriosclerose complicada com hemorragia cerebral. Curiosamente, é nesse mesmo período que Gastão inadvertidamente deita os olhos pela primeira vez na obra *O Inferno Verde*, de Alberto Rangel, exposto nas vitrines da Livraria Garnier na Rua do Ouvidor. Livro este que influenciaria diretamente a escritura de seu primeiro romance na década de vinte. O intrínseco impacto da serendipidade entre literatura/vida e doença/vida encontra aí um dos seus expoentes exemplos na biografia de Cruls.

Concluiu sua formação em 1910, aprovado “plenamente em anatomia e terapêutica, e simplesmente em operações”. Rodeado até então apenas por médicos, Gastão aproxima-se de Alberto Rangel em 1912, rememorando a amizade do mesmo com seu pai, uma década antes, como aluno de Luiz Cruls na Escola Militar. Conquista assim a amizade daquele que foi seu primeiro colega escritor. Apesar da admiração pela área literária, Gastão persistiu na profissão médica em agrado aos pedidos de sua mãe.

“Persistiu” nos configura verbo adequado visto que o próprio autor, de boas notas e estudioso, não considerava ter vocação alguma como médico. “Canhestro na arte de curar, um desajustado na área da medicina”⁴², frustrava-se com os recursos da ciência, chegando a desabafar com Miguel Couto seu desencantamento. Um gritante contraste com seus anos como ingressante, no laboratório de Álvaro Ozório, exaltando a fé na Ciência junto a seus colegas. Decidiu então, logo depois de diplomado, tomar alguma área de especialidade. Aproximando-se primeiro de Werneck Machado e depois de Miguel Ozório, fez tentativas na cirurgia e dermatologia, chegando a abrir dois consultórios de atendimento. Faltavam-lhe, no entanto, tanto pacientes, quanto desenvoltura como médico.

De uma vez surgiu um cliente que, não sendo da sua especialidade, acabou por não consultá-lo. Quando saiu não encontrou guarda-chuva e isso em tarde de temporal! Os consultórios, naquele tempo, eram dos mais primitivos, não possuindo nem pia de água de corrente. No de Gastão, como em muitos outros, havia um móvel com depósito de água, que se virava, despejando-a na bacia.

Era verão, dia terrivelmente quente, e Gastão ofereceu-o ao doente, molhado de suor, para lavar as mãos. Quando entornou a água na bacia escorreu limo grosso, atestando que, pela primeira vez, entrava o móvel em ação. Quando lhe perguntaram por que propusera ao cliente lavar as mãos, ficou algo

⁴² CRULS in SENNA, 1996, p. 237.

perplexo e não soube explicar, certamente porque reconheceu que estava isso dos hábitos de uma consulta médica. Mas retrucou que ainda ficara contente por não haver saído do depósito um sapo ou uma lagartixa.⁴³

Ainda em meados de 1912, quando Miguel Osório iniciou sua carreira como livre-docente em fisiologia, foi convidado - ou coagido, segundo Silva Mello - a ser assistente nas aulas. Certo dia, seu colega não pôde comparecer e pediu para que o substituísse. Gastão, cujo temperamento sempre foi tímido em questões de comunicação pública, ministrou a disciplina completamente acanhado, agarrado a uma cadeira de palhinha pelo encosto e com um dos pés apoiado no assento. Trepidando num movimento de vai-e-vem sob a pressão de seu pé, a preleção se deu a cerca de quatro ou cinco estudantes num misto de nervosismo por parte do palestrante e o tremelicar do móvel. Os amigos de Cruls batizam nesse episódio sua profunda aversão por toda exibição pública.

Gastão, por si só, considerava-se um pouco pária ou desajustado à sua área de formação. Silva Mello, colega que escreveu uma homenagem póstuma biográfica e acima citada, rememora que ainda nos anos próximos à conclusão de seu curso médico, Cruls desenvolveu sintomas de neurastenia (esgotamento físico e dos nervos)... Imprimindo-lhe, apesar do humor sarcástico, um traço de personalidade sombria que muitas vezes transparecia.

Seu narrador, Sr. Uchôa, já advertia que esta seria sempre a odisséia do médico, pois “quem bota uma vez no dedo uma esmeralda simbólica, carrega para o resto da vida um anel de Prometeu”⁴⁴. A esmeralda anular, símbolo da graduação em Medicina e ostentada aos olhos públicos, também nos remete ao tal conto de natal no qual o garotinho recebe um anel vazio a ser preenchido pela pedra de sua escolha. Tanto para Cruls quanto para Uchôa, o anel já havia sido forjado.

O narrador muda-se para a Europa, a fim de escapar do fastio de sua clínica brasileira, buscando lazeres e esquecer-se da medicina. Infelizmente, em Paris, patrícios do consulado o reconhecem e sua formação é colocada em circulação pública.

Os brasileiros procuravam-me a toda hora, e a propósito de tudo. Quando não era mesmo para consultar-me, queriam ouvir a minha opinião sobre

⁴³ MELLO in CRULS, *A Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965, p. lxxiii

⁴⁴ CRULS, 1951, p. 83 et seq.

estações d'água, climas de altitude, oportunidades de certas intervenções cirúrgicas, indicação de sumidades médicas e especialistas mais em voga...
 (...) Foi quanto bastou. Estava desvendada a minha profissão. Desde esse dia nunca mais pude ter sossego. A rapariga [francesa com quem enamorava-se] vivia a consultar-me e já acordava de língua de fora, apra que eu lhe visse o estado do tudo digestivo.⁴⁵

A hipocondria, ironicamente, parecia tornar-se epidemia ao redor dos médicos. Não havia momentos de esquecimento sobre sua carreira profissional, visto que a formação medicinal parecia atuar como estigma. Mesmo que quisessem esconder o anel de esmeralda - e aqui cogitemos que talvez a maioria nem sequer desejasse fazê-lo, frente o prestígio social - seriam desmascarados e postos a cumprir suas obrigações no pacto faustiano do juramento hipocrático.

O conto termina em tragédia para o pobre Sr. Uchôa. Após sua confissão ao colega brasileiro, o mesmo adoece e desesperado em meio a sintomas de um suposto infarto, resolve consultar-se com seu patrício fugitivo. Uchôa, sorumbático, realiza a consulta e, no dia seguinte, desaparece do mapa novamente. Assim como um nômade judaico - daí o título do conto, “aasvero moderno” -, era fadado a caminhar pelo globo em busca da felicidade abdicada em nome do diploma.

Queixas médicas deslizavam dos pacientes difíceis ao descaso governamental ou os primeiros anos de trabalho quase sem remuneração. Sebastião Barroso, na reedição de seu diário, acrescenta um parágrafo cuja terminologia é coincidentemente similar a de Cruls: “tirocínio clínico”. Diz que “ante a necessidade que tem o médico de constante tirocínio clínico, os grandes hospitais pagam sempre irrisoriamente, considerando o cargo e a remuneração não mais que uma troca de favores: o campo de estudo pelos serviços prestados”⁴⁶, ou seja, a certas instituições hospitalares, o emprego do médico recém-formado é um grande favor, visto que seus pacientes servirão de “experiência” futura. Barroso comenta que, em alguns casos, o próprio tratamento do doente deveria ser financiado pelo médico, fazendo com que tal condição de trabalho fosse somente apropriada àqueles “já bem instalados na vida ou os que ainda carecem de prática ou de nome para nela se instalar”.

⁴⁵ Idem, p. 86.

⁴⁶ BARROSO, s/d, p. 163.

A acessibilidade médica era desigual às parcelas da população, dividida entre a internação em organizações públicas ou particulares. “Só aos abastados são hoje acessíveis a consulta e o remédio”, denunciava Barroso, “a pobreza e a mediania têm de apelar para as organizações publicas ou particulares quando o seu estado de saúde necessite diagnóstico ou terapêutica”⁴⁷. Consultas particulares, como podemos ver, eram reservadas à elite brasileira, enquanto as classes médias e mais pobres deveriam se submeter a um sistema mais institucional de saúde.

Além disso, havia uma clara desunião entre a classe médica, acotovelando-se por cargos e concursos públicos. Desde o caso do ingresso de Miguel Couto na Faculdade de Medicina, como pudemos ver, Barroso cita em suas memórias diversos casos de difamação pública proposital em busca do esfacelamento do prestígio de “concorrentes”. Um dos piores casos era o posto de “médico de família”, ainda mais caso tal família fosse das mais abastadas.

- Si fores chamado para doente meu, não te ponhas com escrupulos de ethica medica, porque eu os não terei comtigo. Aqui estas coisas estão banidas. Sie eu não attender, o cliente fica aborrecido e chamará outro que se não porá com hesitações. Conferencia [a chamada de outros médicos a fim de se discutir um diagnóstico obscuro] é considerada tolíce que dá na bolsa. *Isto de medico da confiança da casa, medico tradicional da familia, são preconceitos de antanho.* Chama-se hoje um medico, amanhã outro, como se compra um masso de cigarros hoje nessa loja, amanhã naquella. O preço influi muito na preferencia. “Chame o doutor tal, - diz o chefe da casa ao portador, - pois leva mais barato pela visita”. E o leilão dos honorarios entra na guerra de uns aos outros.⁴⁸

Assim fora advertido Barroso em seus primeiros anos de profissão. Formar-se em medicina era lidar diretamente com o sofrimento e a doença, além de tomar as rédeas de uma batalha sócio-profissional interna em um país no qual tal classe já tinha de digladiar-se em busca de notoriedade e visibilidade como portadores de discursos intelectuais aliados à verdade científica. O professor, o clínico, o laboratorista, o higienista, eram todos personagens desejosos por espaço no campo de atuação e ideários da ciência.

⁴⁷ BARROSO, 1934, p. 15.

⁴⁸ Idem, p. 153.

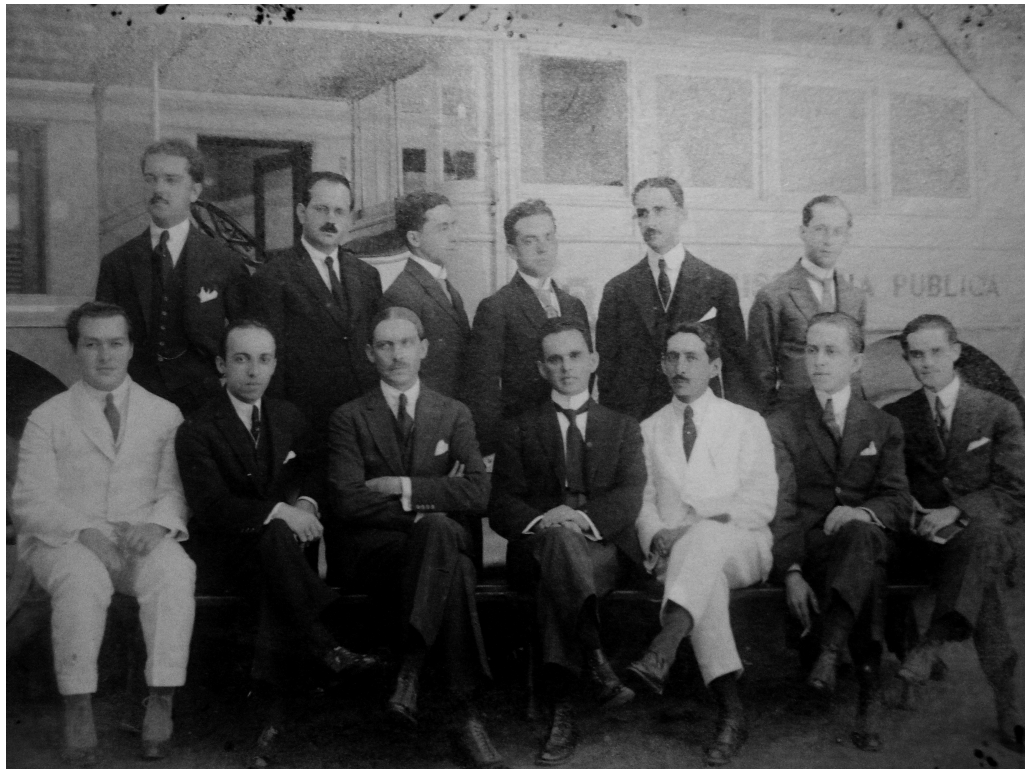
“Fazer nome” era parte da exigência após a formação de um médico, assim como sua busca por uma especialidade ou clínica geral no interior. Tal foi a agonia compartilhada por Cruls, como pudemos observar. Ao policlínico, devido a seu conhecimento generalizado e de casos de urgência, reservava-se certo renome como ator médico. Independente da escolha feita, no entanto, cabia ao bom profissional não se acomodar ou atrasar seus estudos, a fim de evitar o risco de se tornar médico ultrapassado e de ares coloniais.

O trabalho em enfermarias públicas, como o feito por Cruls como socorrista na Assistência Pública ao diplomar-se, era marcado pela precariedade de condições. Eram constantes os casos em que indivíduos lá ingressavam com uma moléstia e terminavam por contrair outra. Havia falta de espaço e de recursos para com os doentes. J. Ausier Bentes deu suas impressões sobre a Assistência dos tempos de Cruls ao jornal *O Paiz*, quando revisitou o Hospital de Pronto Socorro e Assistência Municipal em 1926. Citamos na íntegra o importante segundo parágrafo de seu relato:

Para quem conhecia a velha assistência representando naquelle tempo serviço regular de socorro immediato ao publico, todavia cheio de falhas, aliás gravíssimas, quanto ao material empregado e salas communs para operações e curativos, divorciada completamente da moderna hygiene, sem leitos para repouso como mandava que os tivesse a technica de assistencia a que se destinava o serviço: como soccorros a traumatizados de rua em *shoc*, casos de hemorragias cerebraes, envenenamentos, eclampsias, estados morbidos onde em taes casos ha desequilibrio completo do organismo, necessitando o mesmo de repouso absoluto do maior rigor; esses casos eram aliás soccorridos bastardamente e depois enviados em más condições para a Santa Casa ou casas de saude, em ambulancias muitas vezes sem pneumaticos! O pessoal tecnico da mais comprovada competencia entre cirurgiões e clinicos e verdadeiros especialistas em outros ramos da medicina, clamavam por todos os meios aos poderes publicos, que se modificasse o serviço, que se olhassem com atenção para o mesmo, que se estava tornando contraproducente, porque em vez de remediar em taes condições, augmentava a afflicção ao afflicto ou senão lhe aggravava de tal maneira que o levava à morte. E, quantas vezes, os technicos, tremendo de anciedade, por salvar uma vida que se esgotava por - um vaso aberto numa cavidade, e que seria estancado pela operação immediata - olhavam em torno de si e tudo lhes faltava!! Afflicção horrivel!!⁴⁹

⁴⁹ BENTES, Ausier J; Justiça a um Grande Trabalhador: Impressões de uma visita ao Hospital de Prompto Socorro e Assistencia Municipal, *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30 e 31 Ago. 1926.

Ao fim da década de 20, Gastão Cruls interessava-se por questões sanitárias e higiênicas na medicina. Bentes comenta sua atuação ao lado de Acácio Pires, elogiando suas “intelligencias vibrantes e geniaes” simultaneamente reforçando suas críticas sobre o ineficaz sistema de saúde vigente. Ainda afirma que ambos colegas tornaram-se céticos da medicina, sentindo-se tão mal que “na primeira oportunidade abandonaram o serviço de assistência e opinaram pelo de Saúde Pública onde exercem as suas autoridades com proveito eficiente para o Departamento Nacional de Saúde Pública”. Cruls é citado como saliente representante sanitaria na seção de Higiene Infantil.



Gastão Cruls (fileira da frente, terceiro da esquerda para direita), com seus colegas da Assistência Pública do Rio de Janeiro. Atrás podemos observar parcialmente um letreiro que indica o local. Fotografia, meados de 1920. Acervo familiar, Rio de Janeiro.

Em 1918, conforme já nos foi citado, ambos colegas - Acácio e Gastão - haviam viajado juntos no papel de sanitaristas da Comissão de Saneamento Rural na Paraíba. Tal convite estabelece influência decisiva na carreira de Cruls, visto que desde então segue um percurso profissional aliado ao higienismo nacional. Publica panfletos de profilaxia rural em

1922 e, um ano depois, visita o Congresso Nacional de Higiene em Paris. Foi secretário na mesa examinadora do concurso para médicos dos ambulatórios anti-venéreos da Fundação Gaffré-Guinle e Saúde Pública. Também há registros seus em notas jornalísticas como membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1927.

Além disso, antes mesmo de sua primeira viagem sanitária, em 1915, “a conselho de um amigo querido”, Miguel Ozório, fez livre docência em “Hygiene”, área que “toca muito perto a Physiologia”⁵⁰. É extremamente provável que tal amigo tenha sido Cruis, próximo de Miguel desde a infância e em constante debate medicinal sobre as novas correntes da medicina.

O papel social do sanitário (ou “higienista”) como integrante da área médica era, à época, o de grande prestígio e visibilidade. Aos olhos de Sebastião Barroso, por exemplo, o sanitário era um instruído em todos os ramos da medicina e aperfeiçoado nas áreas de saneamento, epidemiologia e profilaxia. Oswaldo Cruz é citado constantemente como patrono da profissão, seu ideário como herói nacional claramente influencia o imaginário sobre seus demais colegas, desde sua vitória contra a febre amarela enquanto chefe da Diretoria Geral de Saúde Pública. “Se o clínico deve ser um filantropo, o higienista tem de ser, além disso, um patriota”⁵¹, já inferia categoricamente Dr. Barroso. Em situação ainda mais delicada que o “mero” clínico, o sanitário possuía a incumbência de lidar não só com o público - os hipocondríacos brasileiros - mas com o futuro da nação como um todo.

A abordagem típica dos sanitários dava-se através de cartazes, folhetos, fitas de cinema e artigos na imprensa local⁵², a fim de estabelecer uma cultura educativa à população tomada como ignorante ou leiga frente às questões de saúde. Miguel Couto, notória figura, como pudemos observar, dizia que era preciso estudar pois “não há grande povo que não possua grande saber”. Parafraseando Herschmann (1994), “sanear”, “higienizar” e “educar” eram as aberturas à entrada da “civilização” desejada aos problemas nacionais⁵³. Produzir esse “grande saber” de Couto era, conseqüentemente, engendrar grandeza ao povo brasileiro.

⁵⁰ OSÓRIO, Miguel. *Breve Notícia sobre os Trabalhos Científicos do Prof. Miguel Ozório de Almeida*. Rio de Janeiro: Tip. d'a Encadernadora S. A., 1936, p. 19.

⁵¹ BARROSO, s/d, p. 165-166.

⁵² Cf. loc. cit.

⁵³ HERSCHMANN, PEREIRA, 1994, p. 52-53.

Datam de 1881 as primeiras tentativas nacionais acerca da higiene, com a criação da Junta Central em Inspetorias de Saúde e Higiene Pública, posteriormente sendo modificada para o Conselho Superior de Saúde Pública. Na década de 90 daquele século, já na era da República, iniciam-se “algumas providências esporádicas quanto à profilaxia de algumas doenças (...) [e estabelece-se] a criação da Diretoria Geral de Higiene, cujo centro era o Rio de Janeiro, e nos estados atuava por intermédio de um Inspetor de Higiene em cada capital e um Delegado de Higiene nos municípios do interior”⁵⁴. Buscava-se uma cobertura higiênica e profilática do território nacional.

O sanitarismo torna-se questão “em alta” quando, na Primeira República, há um surto calamitoso de febre amarela no país. A então denominada Diretoria Geral de Saúde Pública entra em cena por intermédio de Oswaldo Cruz, gerando grande visibilidade às questões de profilaxia tanto na prática quanto no imaginário nacional. Campanhas, algumas delas liderados por Álvaro Ozório (irmão de Miguel), ganham força à partir de 1911 e, oito anos depois, lidamos com a criação do Serviço de Profilaxia Rural em prol da assistência aos homens do campo. É esta fase de atuação a responsável pela instituição de inspetorias de higiene com foco em doenças transmissíveis (como a lepra, tuberculose e enfermidades venéreas), pela ênfase nas medidas preventivas (carteiras de saúde, serviços de higiene infantil) e uma campanha em todo o território brasileiro com foco no saneamento rural.

A gloria de Oswaldo Cruz continua a reviver na phalange de discipulos seus, que fazem da hygiene publica um apostolado e uma profissão. (...) Nos estados do norte tem sido notório o influxo da prophylaxia rural, que deve preceder a escola, restituindo, assim, paes e filhos, curados, às alegrias do trabalho, aos encantos e às vantagens da iniciação cultural. (...) Com o crescimento da população, avigorada pela salubridade do clima, surgirão certamente necessidades novas, a que o plano geral pode attender com o simples accrescimo de detalhes.⁵⁵

A higiene era panaceia a questões sociais do país, servindo como campanha educativa e propagadora de modelos familiares, de discursos de cura e de eficiência no desempenho profissional de médicos e pacientes. Dessa forma, os médicos não só “vendiam a

⁵⁴ SALLES, 1971, p. 202.

⁵⁵ A Higiene nos Estados - Congresso Regionalista do Nordeste, *O Paiz*, Rio de Janeiro, 3 dez. 1925.

saúde como mercadoria”, conforme Sebastião Barroso comentara ser a campanha médica⁵⁶, mas também o futuro da nação nos seus chamados “giros higiênicos”.

Contrários ao artigo jornalístico elogioso citado acima, alguns casos são comentados por Sebastião Barroso em que fugia-se dos inspetores de higiene. “Todos fugiam à vigilância”, em episódios cômicos.

“Fulano saiu ha pouco”, informavam. Mas o Fulano se achava mettido num armario, por traz ou por baixo de um movel, refugiado no quintal ou na casa vizinha. Era, em regra, preciso percorrer toda a casa, canto por canto, em attitude vexatoria para ambas as partes. Certa vez, até no forro do tecto de uma casa foi descoberto um varioloso tratado clandestinamente. Era preciso, não vendo a pessoa, pôr a nota - *ausente*, com informação, si possível, do lugar onde deveria ser encontrada. A policia era frequentemente chamada a auxiliar a procura do desaparecido. As cartas anonymas e os telephonemas fervilhavam em denuncias muitas vezes falsas, muitas vezes verdadeiras.⁵⁷

Uma verdadeira caça às bruxas foi estabelecida pelos higienistas, em busca de tratar ou trancafiar clinicamente os doentes e vetores epidêmicos. Conforme já pudemos observar, a tais médicos a circulação entre meios e classes sociais era incentivada, esperada e permitida. Sua atuação se dava justamente em exercício endosmótico, no qual a medicina adentrava os círculos sociais privados e propagava suas influências em prol da saúde pública.

A integração familiar fez parte da proposta da medicina higienista. Segundo Katia Muricy, “a integração familiar à ordem urbana foi um dos objetivos mais arduamente perseguidos pela medicina higienista”, podendo elaborar um tipo de política de saúde que “cuidava de mudar os hábitos e os valores nocivos da tradição, de estabelecer uma nova ética das relações afetivas que orientasse o comportamento dos indivíduos em todas as circunstâncias da vida privada e social”⁵⁸. O poder do discurso médico era capaz de invadir o ambiente domiciliar e moldar suas práticas, revestido de patriotismo e do bem comum.

Ainda em *Coivara*, livro de contos no qual *G. C. P. A.* e *Um Aasvero Moderno* foram publicados, Gastão Cruls debuta *A neurastenia do professor Filomeno*. Nele, somos apresentados a Raul de Aguiar, médico recém formado e encaminhado para o interior de

⁵⁶ Vide p. 16, citação.

⁵⁷ BARROSO, s/d, p. 171

⁵⁸ MURICY, Katia apud HERSCHMANN, PEREIRA, 1994, p. 27.

Minas em busca de emprego, visto a dificuldade de encontrar boas ofertas no Rio. Fôra bastante incentivado por seu tutor, Dr. Filomeno, famoso nas rodas médicas cariocas.

Raul era bastante resistente a “fazer medicina na roça, escanchado no lombo de um cavalo e a estipular honorários pelo número de léguas percorridas”⁵⁹, perspectivas distantes dos seus sonhos quando estudante. Também era incapaz de se conformar com a falta de recursos laboratoriais que encontraria, já que a prática medicinal rural era muito mais focada nas apalpadelas. “Perdido naqueles latifúndios, a lidar com uma clientela bronca e desconfiada, que não raro mal saberia dizer o que sentia, e amiudadas as vezes lhe trocava toda a ciência pelos belos conselhos de uma comadre, beberagens de um curandeiro ou rezas de um benzedor”. A falta de tecnologia científica e eterno embate com a medicina popular lhes causavam frustração.

Como se não lhe bastasse, Raul logo de início teve de impor seus estudos a Dr. Chiquinho, médico da cidade e às vésperas de se aposentar. Chiquinho possuía um conhecimento ultrapassado ao diagnosticar doentes, claramente sendo desconhecedor do sanitarismo vigente. Coube a Raul impedir uma futura epidemia de febre tifóide, completamente despercebida ao médico decadente.

Outra dificuldade em relação aos recursos de cura dava-se pela falta de medicamentos laboratoriais nas farmácias locais. Essa denúncia da narrativa de Cruls é acompanhada de uma exaltação à medicina popular através das ervas, na qual os receituários muitas vezes eram modificados a fim de utilizar chás e princípios ativos naturais, de fácil acesso aos moradores da região. Uma espécie de patriotismo, no qual a flora nacional é dignificada ao posto de portadora de princípios farmacêuticos comparáveis à própria medicina laboratorial moderna. No entanto, o desrespeito pela inteira substituição da palavra médica pela do curandeirismo permanece alvo de críticas, ou seja, a flora é rica fonte de fármacos, mas somente quando devidamente prescrita por um diplomado em medicina. Podemos observar a tentativa de apropriação dos objetos da medicina popular pela medicina “profissional”.

O próprio Dr. Filomeno aconselhava seu aprendiz a adentrar na flora brasileira em busca de substituições, “afinal de contas, muitas das plantas usadas para tal fim, já haviam passado das mãos do herbolário às manipulações do laboratório; e não pouco eram os

⁵⁹ CRULS, 1951, p. 118 et seq.

medicamentos de ação comprovada e eficaz que, às furtadelas, tinham sido surrupiados à flora indígena pela medicina moderna”. Filomeno nos é apresentado como homem inovador e moderno, capaz de executar a missão médica em plena e consciente harmonia com as questões populares. Seu amor pelas questões nacionais o fazia ser ávido leitor de obras lusófonas, a fim de apreender ao máximo o vocabulário nacional e realizar substituições por seus estrangeirismos.

É que o Dr. Filomeno, ao contrário do que faziam os outros nossos professores, não se limitava a ler e assimilar tudo o que nos mandava o estrangeiro. Ele ia mais longe: possuía ideias próprias; esforçava-se por ver dilatados os horizontes da ciência; e, para todo e qualquer problema médico, tinha sempre bem presente o importantíssimo fator mesológico⁶⁰.

(...) As suas lições, cuja linguagem, não raro remordida pela pátina dos quinhentistas, estava a trair um carinhoso convívio com os mestres da vernaculidade.⁶¹

O conhecimento de Filomeno não é somente enciclopédico, apesar de vasto, pois suas aplicações se atém à nacionalidade e compartilhamento de saberes. Dessa forma, apresentado como figura culta, a personagem rebate a categorização de afetação intelectual e quinhentista de seus ultrapassados colegas, como Dr. Chiquinho. Raul admirava incondicionalmente o mestre e sua clínica que, ao contrário das clínicas oficiais, não fazia com que “juntamente com as roupas, [o paciente deixasse] na porta do hospital a sua personalidade, [penetrando] nas enfermarias como um simples material de estudo, tanto mais digno de observação quanto mais difícil seja o mortícola pespegar-lhe um diagnóstico pomposo e rebuscado”. Aqui se repete a crítica estabelecida por *G. C. P. A.* sobre o trato dos pacientes proporcional a seus diagnósticos.

A desigualdade social é brevemente criticada por Cruls, ao afirmar na narrativa que “os pobres só se lembram da saúde e procuram o hospital quando de todo não podem mourejar e estão verdadeiramente doentes”. O mesmo não acontece com “as classes abastadas, que têm o diletantismo da moléstia, e cujos hábitos de vida não satisfeitos em enriquecerem a patologia com nossas entidades mórbidas, ainda coagiram os médicos a

⁶⁰ Ciência que investiga as relações entre os seres e os ambientes que habitam.

⁶¹ CRULS, 1951, p. 128-130

transformar o seu sacerdócio na mais rendosa das profissões”. Outro tema ecoado do conto de Dr. Uchôa.

O professor Filomeno buscava transmitir de maneira igualitária uma palavra de conforto a seus pacientes, gestos de atenção e carinho. Também era exageradamente minucioso em sua propedêutica e análise de fluidos corporais. É a figura do médico experiente e diligente que Gastão Cruls constrói em Filomeno. Complementado pelo patriotismo, valorizando as substâncias nacionais em detrimento das estrangeiras.

Raul recebe uma carta informando-lhe do afastamento de seu mestre da Faculdade de Medicina e das clínicas, como se algum obscuro diagnóstico o impedisse de prosseguir na profissão. O preocupado pupilo dirige-se ao Rio, onde o encontra bastante abatido e recluso em sua casa. De início é logo indagado sobre como é feito seu pagamento nos ambientes rurais. Raul esclarece que é pago como pode, tendo até recebido compotas, palmitos e lombos de porco em agradecimento a uma consulta popular. Filomeno expressa inveja por tais presentes, afirmando que sua doença se deu justamente por causa dos guarda-chuvas que lhe são presenteados por seus clientes de elite.

- Raul, eu não sei se já observaste que o brasileiro só tem uma previdência: é a do tempo. Faça, embora, o mais lindo dia de sol, ele nunca sairá à rua sem sobraçar o seu guarda-chuva.

(...) Se no início da carreira, [Filomeno] não dera tento aos primeiros guarda-chuvas que lhe chegavam [de presente dos pacientes], já ao fim de alguns anos, à medida que crescia sua clínica, as ofertas dessa natureza foram também se multiplicando, até que lhe sobrevieram os primeiros motivos de aborrecimento e preocupação.

É que ele, na simplicidade dos seus hábitos, mantinha às vezes, por largo tempo, um único guarda-chuva em uso, quase sempre escolhido entre os mais simples, sem se lembrar de que quem dá um presente gosta de sabê-lo do agrado de seu dono, e que, assim, ele faria jus a queixas e recriminações por parte dos presenteadores.⁶²

Constantemente cobrado por presenteadores, Dr. Filomeno desenvolveu um sistema neurótico de uso a seus guarda-chuvas, de cabos de ouro ou ébano: etiquetou-os um a um, criando um rodízio no qual cruzava as consultas do dia com o presente recebido... Ao fim de

⁶² CRULS, 1951, p. 143-144

alguns dias, caiu doente, incapaz de agradar a vaidade de seus clientes. Ao final do conto, uma encomenda chega à casa de Filomeno: um estojo forrado de veludo azul, portando uma bengala e um novo guarda-chuva.

- Vejam! Aí está um caso em que nunca pensei: um guarda-chuva e uma bengala! Mas isto é um problema insolúvel! Como é que eu poderei contentar ao bandido que mos ofereceu? Se eu for à sua casa levando apenas a bengala, ele dirá que eu não gostei do guarda-chuva. Se levar o guarda-chuva, foi então a bengala que me desagradou. Mas que suplício! Ah, já sei, - e no seu rosto se esboçou um ligeiro sorriso - só se eu levar a bengala em uma das mãos e na outra o guarda-chuva; ou, então, para simplificar, o estojo completo. Ah! Bandido!⁶³

No mesmo dia, ao anoitecer, Dr. Filomeno é levado à força por enfermeiros e internado sob delírio furioso em uma Casa de Saúde. Eis então mais um dos perigos denunciados por Cruls na profissão médica: a perda da sanidade frente a cordialidade exigida dos profissionais pela população.

O desfilhar performático do bom médico era ainda sutil resquício das representatividades comportamentais estabelecidas na *Belle Époque*. Assim como a temática do nacionalismo após a independência no século XIX brasileiro. Há uma forte ebulição de projetos historiográficos (lembramos que o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro é fundado nessa época) e de novas mentalidades de cunho reformista. “O nacionalismo era, antes de tudo, uma atitude intelectual que redundava em ação civilizatória”⁶⁴.

A instauração da chamada *Belle Époque tropical* teve como missão sepultar o colonialismo e seus vícios de “não-civilidade”, assim surgiram os discursos de embelezamento das cidades, de higiene, de espaços de convívio cosmopolita, todos fomentados pelo aumento na impressão e circulação de livros, jornais e revistas. Facilitou-se o compartilhamento desses códigos, principalmente utilizando-se dos estereótipos do Brasil colonial em forma de crônicas, charges e sátiras nesses meios impressos. O sarcasmo era uma espécie de ferramenta de reforma social. Simultaneamente, o romantismo brasileiro de até a

⁶³ Idem, p. 147.

⁶⁴ SÁ, Dominichi Miranda de. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2006, p. 35

década de 1870, aos poucos, é substituído pelo discurso especialista/científico em nome do progresso nacional, construindo novas linguagens, morais e poderes.

Antigamente, a questão da civilidade era importá-la através de valores europeus. O discurso científico, ganhando força, inicia políticas progressistas a fim de vencer o chamado “atraso colonial”. Através de práticas como as sanitaristas, o século XX se inicia embebido num ideário de “avanço”, de pedagogia e de organização social⁶⁵. Esse novo ideário de “Brasil Moderno” substitui a missão civilizadora, já em crise política, econômica e cultural desde os anos de 1920 na República Velha. Dentre a produção literária dessa época, as problemáticas médicas surgem como verossimilhança em ficção cujo teor moral era a proposição de um novo projeto nacional.

Na tradição literária brasileira, já “era senso comum ver a literatura como veículo da nacionalidade, como encarregada de documentar e descrever o ‘real’”⁶⁶. A mitologia nacional, reformada, inferia uma inserção mais adequada do país na história do progresso mundial, assim como lhe conferia certa singularidade, utilizando-se de equivalências brasileiras às europeias e evidenciando as “originalidades” tupiniquins. Essa superação do arcadismo colonial, do academicismo, do provincianismo, seria disputada pelos projetos intelectuais da época. Miguel Couto fez as vozes dos higienista nesse embate:

Nesta campanha pela saúde do homem, aos governos toca o primeiro plano, porque é não só o futuro senão a própria existência da Pátria que está em jogo. O prever é da nossa esfera, o prover da deles; nossos os conselhos, deles as leis e as obras.⁶⁷

O médico era figura indispensável na nova formulação do futuro da Pátria, implicando seu devido reconhecimento como sujeito-ator em terras nacionais. Os famosos anéis de graus e suas pedrarias os tornavam porta-vozes da brasilidade progressista, fato completamente ironizado por Gastão Cruls na sua curta crônica *A Viagem*, publicada em meados de 1926 na *Revista do Brasil* (segunda fase).

Um dia, à força de ouvir falar no Velho Mundo, o homem de fraque, de anel simbólico e de guarda-chuva de cabo de outro, resolveu visitá-lo.

⁶⁵ Cf. HERSCHMANN, PEREIRA, 1994, p. 26-27.

⁶⁶ Idem, p. 60.

⁶⁷ COUTO, Miguel apud HERSCHMANN, PEREIRA, 1994, p. 43

Era levado não pelo desejo de admirar cousas belas, de respirar numa atmosfera melhor, de sentir a Vida, enfim, tal como ela merece ser vivida, mas pela curiosidade de ver aquilo de que os outros falavam e que ele nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escritos.

E partiu.

E ao seu embarque foram amigos e admiradores. E à sua senhora foram oferecidas inúmeras *corbeilles* de flores. E os jornais falaram no ilustre médico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escritor, membro da nossa Academia de Letras, que no desempenho de importante comissão do Governo, partia para o Velho Mundo. E as revistas ilustradas publicaram seu retrato à hora da partida, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de anel simbólico e de guarda-chuva de cabo de outro, e entre inúmeras *corbeilles* de flores que haviam sido oferecidas à sua senhora.⁶⁸

E chegou ao Velho Mundo. Lá, o casal não é recebido por admiradores, não há flores em sua chegada e nenhuma notícia circula em revistas ilustradas. Frustrado, o homem de fraque e anel simbólico caminha por diversas cidades européias, sendo devidamente ignorado em todas e, inclusive, destrutado em algumas. Há um senso agridoce de que sua influência performática de nada vale fora das terras brasileiras. Desanimado, visita os maiores pontos artísticos e turísticos, rapidamente retornando à sua terra natal.

E voltou.

E ao seu desembarque foram amigos e admiradores. E à sua senhora foram oferecidas inúmeras *corbeilles* de flores. E os jornais falaram no ilustre médico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escritor, membro da nossa Academia de Letras, que fôra ao Velho Mundo no desempenho de importante comissão do Governo. E as revistas ilustradas publicaram o seu retrato à hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de anel simbólico e de guarda-chuva de cabo de outro, e entre inúmeras *corbeilles* de flores, que haviam sido oferecidas à sua senhora.

E ele se animou.

E sentiu-se logo outro homem.

⁶⁸ CRULS, 1951, p. 241

E começou a falar naquilo de que os outros falavam e que ele já podia citar nas suas palestras e nos seus escritos.

E ele tinha autoridade.

E ele era escutado.

E dizia, então, que a sua terra, a terra dos homens de fraque, de anel simbólico e de guarda-chuva de cabo de ouro, era o país mais adiantado do mundo. (...)

E todos ouviam satisfeitos.

E todos ficavam convencidos.

E foi assim que ele viveu feliz. E foi assim que morreu feliz.⁶⁹

O sarcasmo de Cruls é flagrante. Curiosamente, sem identificar a profissão ou formação de sua personagem, reproduz um estereótipo social capaz de absorver e transparecer opiniões compartilhadas a seu tempo. O fim da narrativa nos revela a afetação intelectual de certas personagens da elite intelectual brasileira: sua partida e sua chegada são absoluta e impecavelmente iguais, com a diferença de que o passeio europeu agora conferia ares de autoridade ao viajante. Aos olhos de Cruls, a representatividade nacional acerca dos valores culturais e sociais também deveria ser alvo de reforma. Ainda havia o ranço da formação como proporcionalidade de peso em debates políticos.

Esse movimento se dá numa fase de embates nos campos de definição de intelectualidade e conhecimento, principalmente nas academias científicas e de Letras. A figura do “intelectual”, até a virada do século XIX, poderia ser sinônimo de “doutores, cronistas, bacharéis, parlamentares, poetas, publicistas, declamadores, médicos, letristas, escritores, conferencistas, acadêmicos, filólogos, romancistas, artistas, oradores, polemistas, professores, prosadores, polígrafos, sábios ou homens de ciências, conhecedores de várias línguas, líricos, enfim, toda uma gama de ‘espíritos cultos’”⁷⁰. Esses antigos tipos de erudição passam a ser vistos como “antimodernos” e dignos de chacota.

Aos modernos intelectuais, a verbosidade somente era atraente nos tempos de almas coloniais, como uma ferramenta de distinção social (visto alto índice de analfabetismo em 1890, cerca de 84%⁷¹), ou seja, era responsável por um discurso meramente impressionante

⁶⁹ Idem, p. 243

⁷⁰ SÁ, 2006, p. 37

⁷¹ Idem, p. 38.

em termos vazios de conteúdo. A retórica, persuasiva, deveria ser combatida em prol de um futuro de um país aliado à objetividade e método da ciência. O letrado do século XIX, eclético e anteriormente tomado como autoridade geral em diversos assuntos, agora nada mais era do que figura diletante, estética, frente o compromisso científico da especialização.

Por apresentar a análise de fatos, o cientificismo estaria então acima do ornamento do discurso, “(...) a consolidação da experiência Republicana isolou dramaticamente os literatos, convocando, substitutivamente, um novo tipo de intelectual: o especialista”⁷². Curiosamente, frente a esse frenesi de combate aos literatos e adesão ao discurso científico, Gastão Cruls pouco à pouco se distancia da Medicina e inicia suas publicações literárias. Acompanharemos no capítulo seguinte sua transição de áreas de atuação, simultânea aos controversos diálogos entre “Homens de Letras” e “Homens da Sciencia”.

⁷² CARVALHO, Maria Alice apud HERSCHMANN, PEREIRA, 1994, p. 23.

II - Homens de Letras e de Ciencia.

A primeira década da produção intelectual brasileira no século XX foi marcada por uma revisão de papéis sociais ocupados por literatos e os ditos “cientistas”. Além dos jornais, os embates discursivos entre ambas áreas dava-se através da crescente visibilidade das “revistas de cultura”, periódicos cujo teor fora, predominantemente, suscitar a questão da nacionalidade e cultura brasileiras.

Alguns contos analisados no capítulo anterior foram justamente publicados de maneira inédita no periódico dirigido por Monteiro Lobato entre os anos de 1916 a 1925: a *Revista do Brasil*. Sob o pseudônimo “Sérgio Espínola”, Gastão Cruls adentra a criação literária sob a asa protetora de Lobato, cujo prestígio como editor e *best-seller* é notável durante o intervalo tricenal da virada do século. A troca de correspondência entre ambos intelectuais revela uma relação de constante incentivo entre autor experiente e autor iniciante, impactando a carreira de Gastão a ponto de fazê-lo fundar sua própria revista de cultura em 1931, o *Boletim de Ariel*, e, posteriormente, a Editora Ariel, ao lado de Agripino Grieco⁷³.

Segundo Maria Inês Batista Campos (2011), tais revistas “tornaram-se testemunhas da produção cultural expressa nos diversos gêneros discursivos, como os artigos, poemas, contos e crônicas”⁷⁴, adquirindo importância e buscando galgar espaço nas disputas culturais, conforme a ampliação do público leitor na virada do século. São ferramentas de circulação de valores, de reformas no âmbito da cultura e identidade do país, assim como vitrines de apresentação aos novos autores.

Em 1915, já existiam planos para a criação de uma revista denominada - até então - de *Cultura*, vinculada ao jornal *O Estado de São Paulo*, em franca expansão tecnológica e contratual: importavam impressoras de última linha, realizavam contratos com agências de notícias internacionais. Dentre os idealizadores da nova publicação, encontrava-se Lobato, assumindo totalmente a função de comando dois anos após o lançamento da primeira edição. O título fora mudado na última hora para *Revista do Brasil*, ampliando explicitamente o interesse editorial no aniversário da fundação da cidade de São Paulo, em 25 de janeiro de 1916. O editorial do número de estreia afirmava que:

⁷³ Ambos projetos finalizados em 1939.

⁷⁴ CAMPOS, Maria Inês Batista. *A construção da identidade nacional nas crônicas da Revista do Brasil*. São Paulo: Olho D’água / Fapesp, 2011, p. 85.

O que há por trás do título desta Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista.

(...) Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, (...) somos uma nação que não teve ânimo de romper sozinha para a frente numa projeção vigorosa e fulgurante da sua personalidade.

(...) O seu nacionalismo não é um grito de guerra contra o estrangeiro; é um toque de reunir em torno da mesma bandeira, conclamando, para um pacto de amor e glória, os filhos da mesma terra nascidos sob a claridade do mesmo céu.⁷⁵

É flagrante a proposta de revisão de valores em sua gênese. Há uma clara intencionalidade de ciceronear leitores e autores através da nova discussão entorno daquilo que constitui nacionalidade. Essa “crise” identitária brasileira consequentemente dita e emana grande parte da produção literária e cultural, tornando a *Revista do Brasil* um veículo notório de pontos de vista distintos. Sua popularização advém de seu espírito renovador, “vulgarizador” nos campos de saberes, disseminando ecletismo e, até mesmo, campanhas de divulgação inovadoras, como o oferecimento constante de assinaturas por parte de seu famoso mantenedor.

A *Revista* promovia a coexistência e convivência de autores cujas conjunturas de produção intelectual eram distintas: figuras da geração de 1870 (como Machado de Assis) e autores da Academia Brasileira de Letras ou Instituto Histórico Geográfico Brasileiro encontravam-se lado-a-lado com escritores estreantes, jovens vanguardistas, líderes intelectuais e educacionais⁷⁶. Tal política editorial de Lobato alavancou tanto a penetração de sua publicação nos âmbitos intelectuais, quanto sua própria longevidade como suporte aos candidatos às letras nacionais (esta primeira fase, de nove anos de duração, era caso à parte em comparação às demais revistas da época).

O periódico fora capaz de trazer frescor às belas-letas brasileiras, justamente por alargar o espaço de convivência entre autores de origens intelectuais diversas. Conforme observamos ao final do capítulo anterior, há um crescente estigma em relação ao “arcadismo” discursivo (e até mesmo comportamental) das gerações de escritores provenientes da segunda

⁷⁵ Ibidem, p. 31-32.

⁷⁶ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 91.

metade do século XIX. Instituições como a Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897, localizavam-se num curioso ponto de intersecção entre “prestigioso” e “obsoleto”. Lembremos do pobre garotinho na narrativa de Cruls, inocentemente desejando uma armadura e espada, quando seu futuro seria melhor garantido pelo chapéu coco e anel de pedraria.

Espelhada na *Académie Française de Lettres*, a ABL surgiu de um encontro de literatos, todos regularmente publicados em jornais e periódicos. Seu caráter de sociedade exclusiva inspirava-se na francofilia típica da *Belle Époque*, simultânea ao desejo de criação de um espírito de tradição literária, cultural, linguística: eram os homens responsáveis pelos ditames a guiar o futuro das letras nacionais. A solenidade e pompa da associação se revela até mesmo na sua qualidade de “linhagem”: quarenta cadeiras a quarenta “imortais”, todas vitalícias, a serem transmitidas em cerimônias nas quais o secretário de Anatole France recordou, em 1901,

nunca vimos uniformes tão enfeitados... Havia mais cordões do que costuras. E as espadas, plumas e botões de metal, grandes como fivelas. E os enfeites...⁷⁷

Enclausurados em suas reuniões, “não havia mais entre os literatos consagrados nenhum iconoclasta escandaloso, mas apenas uma academia de homens que envelheciam prosaicamente como burocratas, professores, diplomatas e advogados”⁷⁸. Personagens perfeitas para as críticas feitas por Cruls em sua confecção literária. O autor, constantemente indagado ao longo da carreira, explicitamente escarneia de tais homens.

- E a academia? Não pensa nela? perguntamos-lhe
- Não vamos falar neste assunto. O *Petit-Trianon* é o ponto nevrálgico de muita gente que anda aqui por fora a pensar no seu salão azul. Mas, felizmente, deste mal eu nunca sofri. (...) vejo com verdadeiro horror tudo o que cheira a solenidade e consagração em vida. Parece até que a gente já começa a ficar *faisandée*⁷⁹ e, em matéria de *faisandée*, eu só gosto das caças que se preparam na França, com bons vinhos tintos. (...) Ora, como

⁷⁷ BROUSSON apud NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 229

⁷⁸ NEEDELL, 1993, p. 229

⁷⁹ Do verbo francês *faisander*: submeter a caça a um processo de decomposição inicial para que, ao ser cozida, o odor penetrante torne agradável o cheiro da carne ao olfato.

eu já disse e repito, a vocação de escritor é qualquer coisa de profundo e sério, ligada ao mais íntimo do nosso ser, e eu não posso aceitar que a essa mesma vocação ou necessidade dominadora de escrever possa servir de pretexto ou incentivo [a] uma confortável poltrona no “augusto sodalício”.⁸⁰

Existe, nitidamente, um desejo de formulação conflituoso em relação à figura do escritor, por parte daqueles que compunham tal categoria na primeira metade do século XX. As temáticas e o “consumo” de obras literárias eram proporcionais à recepção de um autor em seu meio, alicerçadas na missão de também traçar o perfil do “literato” como classe profissional emergente. É neste campo cultural e de ofício que adentravam os autores das novas gerações; um universo de “ideologia de Civilização”, críticas, disjunções e antagonismos⁸¹.

“Ser escritor” era terminologia indefinida, visto que poderia significar a atuação autoral tanto no campo literário quanto no acadêmico. Daí surge a necessidade de fundação e propagação de termos como “Homens de Letras” ou “Homens de Sciencia”. Miguel Ozorio alertava que “o domínio da imaginação é illimitado (...), a obrigação do homem de sciencia é justamente afastar as coisas impossíveis, e verificar se as possíveis concordam com a realidade”⁸². Inclusive, o autor (que era amigo de Cruls, lembremos), chega a dizer que “o estudo [médico] que se fizesse de modo puramente theorico seria inutil; seria uma especie de litteratura, com a differença de ser menos agradável do que a verdadeira litteratura”⁸³. Ou seja, escrever, produzir materiais de cunho impresso, era um processo que poderia desembocar em dois tipos enunciativos: o científico e literário. Ao científico, caberia expor a dita “verdade” dos fatos quotidianos e da linguagem metodológica da ciência, ao literário, legava-se o prazer “agradável” da leitura e o percurso desregrado do “domínio da imaginação”.

⁸⁰ CRULS, Gastão apud MEDEIROS, Cristiano; O Testamento Literário de Gastão Cruls, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 de Ago. de 1946

⁸¹ NEEDELL, 1993, p. 216

⁸² ALMEIDA, Miguel Ozorio. *Homens e Coisas de Sciencia*. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925, p. 31.

⁸³ Idem, p. 56.

Sociedades como a ABL colaboravam na coagulação de um corpo normativo daquilo que deveria ser considerado a literatura nacional, exaltando visibilidade à vida intelectual brasileira. Membros de tais grupos necessitavam ser e ver-se como “homens de letras”, batizando sua atuação em uma sociedade que buscava, cada vez mais, civilizar-se perante o mundo. É, no entanto, curioso acompanharmos a permeação vagarosa de homens cuja categoria, à priori, não correspondia ao campo das letras. Oswaldo Cruz e Miguel Couto, notoriamente dedicados à ciência, são eleitos membros em 1912 e 1919, respectivamente. Há, então, uma desordem do conceito de homem “literato” que percorre essas primeiras décadas do século XX.

Há uma delimitação marcante entre ser “de ciência” ou “de letras” no campo escrito, mas, aos olhos da visibilidade autoral e editorial, ser “literato” poderia abranger diversas conotações. Aos membros da ABL, tal abertura interpretativa era perturbadora. No campo de batalha entre as classes profissionais escritoras, os casos de “invasão” interdisciplinar não passavam despercebidos. Dominichi Miranda de Sá, historiadora, nos diz que:

A eleição de Oswaldo Cruz para a ABL, em maio de 1912, causou muito espanto e não ficou incólume na imprensa da cidade. (...) O escândalo da sua eleição [ganha por doze votos a favor e dez contra] se prorrogou até o ano seguinte quando, em 26 de junho de 1913, Cruz tomou posse agradecendo, em cuidadoso discurso, a “especial indulgência” dos acadêmicos em aceitar a presença de “um modesto homem de laboratório” entre os que formavam a elite da intelectualidade brasileira. Na obrigatória dissertação sobre a obra do seu antecessor [antigo dono da cadeira que ocuparia], Raimundo Correia, Cruz destacou as ‘afinidades’ entre ambos, já que o poeta teria verdadeiro pavor das doenças contagiosas, das quais ele, exatamente, se ocupava em extinguir. (...) Eleito e empossado, Cruz, no entanto, não frequentaria a Academia. Com tantas críticas de todos os lados, recusou-se a participar de suas reuniões.⁸⁴

Percebamos que, sejam homens de letras ou de ciência, constituem sujeitos atuantes nos âmbitos da escrita. Entretanto, visam forjar representações diferentes de si mesmos ao longo da virada novecentista, através de ferramentas de prestígio e mérito sociais, discutindo

⁸⁴ SÁ, 2006, p. 145-6

o futuro e a identidade do país⁸⁵. A ciência escarnece o discurso pomposo dos imortais das letras, simultaneamente penetrando seu prestigioso meio de vitrine na sociedade. É esta a constante crítica de Cruls ao observar colegas cientistas e modernos encantados pelo vindouro sonho cortês das cadeiras vitalícias.

O aparente divórcio entre os homens de letras e ciência mantém-se ao longo dessas primeiras décadas como tensão intermitente, visto que a própria definição daquilo dito “literário” variava conforme os ambientes de utilização/publicação. Além disso, a própria ciência já era tema de divulgação e vulgarização nos imaginários de leitores da ficção inglesa e francesa do século XIX. A quem caberia a tarefa de “correção” ou “idealização” do futuro? Afrânio Peixoto, em 1940, pronunciou-se, dizendo que “a literatura é como o sorriso da sociedade”...

Quando ela é feliz, a sociedade, o espírito se lhe compraz nas artes e, na arte literária, com ficção e com poesia, as mais graciosas expressões da imaginação. Se há apreensão ou sofrimento o espírito se concentra, grave, preocupado, e, então, histórias, ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos são-lhe a preferência imposta pela utilidade imediata⁸⁶.

Primeiramente, reiteremos que Afrânio Peixoto fora médico e membro da ABL, eleito em 1910. Membro dessa intersecção, para o autor existe, como fica evidente, uma tentativa de delimitação nas abordagens fictícias e científicas da sociedade (correspondentes a seus devidos sorrisos ou amuos). Há uma exaltação das qualidades nacionais a ser promovida pela arte literária, simultânea à denúncia das imperfeições e problematização de respectivos tratamentos, por parte do cientificismo.

Como recém-membro circulante nesses cenários, Gastão Cruls era um daqueles capazes de perambular alternadamente enfermarias e livrarias cariocas. Estas últimas, inclusive, eram pontos de encontro e sociabilidade dos escritores consagrados. A Rua do Ouvidor, notória por seu comércio de luxo desde o século anterior, era o local mais apropriado aos amantes e discursantes da literatura. Foi lá que Cruls pôde tomar contato com a obra de Alberto Rangel⁸⁷, enquanto ainda imerso na sua formação médica; ou seja, mesmo aos ainda

⁸⁵ Cf. *idem*, p. 63

⁸⁶ PEIXOTO, Afrânio apud SÁ, 2006, p. 64

⁸⁷ Vide p. 19

não iniciados na tal arte, havia a oportunidade de observar o florescer das novas publicações literárias do país, e até mesmo escutar as discussões de membros da ABL bebendo seu chá vespertino, dentro de alguma famosa livraria. São classes sociais profissionalmente distintas, mas cujo convívio não era de forma alguma inconstante.

A literatura já havia perdido parte de sua fachada propagandística de modelo de civilidade para a ascensão de jornalistas e bacharéis desde o fim do século passado. No entanto, tais bacharéis agora eram vistos como herança da verborragia hiperbólica, da intelectualidade colonial portuguesa⁸⁸... A nova velocidade e especialização requeridas pela modernidade, e sua respectiva intelectualidade, tornavam incompatível a formação retórica “bacharelesca”. Há uma ampliação na oferta de universidades e áreas de formação na década de trinta⁸⁹, tornando cada vez mais o “literário”, “livresco”, “romântico” e “retórico” oposto a tudo aquilo “científico”, “original”, “moderno”, “internacional”⁹⁰. A expressão “homem de letras”, designativo de uma figura que outrora era altamente letrada e discursiva, adquire traços de mero capricho e perde-se o caráter significativo que informa o exercício preciso de uma atividade (seja ela intelectual ou profissional)⁹¹.

Um contraste gritante com a denotação do “homem da ciência”, que “não é aquele que sabe, mas o que a todo momento é capaz de saber”, uma “capacidade [que] só se adquire por um exercício muito prolongado, feito especialmente nas faculdades de ciências, nos laboratórios ou nos institutos onde se fazem as pesquisas”, segundo Miguel Ozório⁹².

A transposição de Cruls de um campo a outro não é definitiva e muito menos excludente. A própria escolha de inaugurar sua carreira na revista de Lobato suscita sua ambiguidade como atuante intelectual, visto que a *Revista do Brasil* discutia não só literatura mas também questões de ciência, higiene, saneamento, medicina, psiquiatria e psicologia. Aos olhos desse grupo novo de intelectuais, tal ecletismo é indissociável da discussão “o que é nacionalidade?”.

⁸⁸ SÁ, 2006, p. 74

⁸⁹ Cf. MICELI, 2001, p. 116

⁹⁰ SÁ, 2006, p. 119

⁹¹ Idem, p. 85

⁹² OZÓRIO, Miguel apud SÁ, 2006, p. 107

Apesar da existência de tais revistas de cultura, cresce a imperatividade de imparcialidade, impessoalidade, em periódicos e comunicações ditas de ciência. Assim, ressalta-se o compromisso único com a metodologia da investigação tipicamente científica. O debate entre especialistas desloca-se muitas vezes das páginas jornalísticas às das revistas temáticas, afastando o público “leigo” quando necessário. Em algumas circunstâncias, a resolução do “não-sorriso” da sociedade era legado somente a uma pequena parcela populacional e profissional. Eis aí a própria gênese do academicismo que permanece inabalável em diversas instituições e meios de publicações atuais.

A busca pela forja de uma autoimagem composta por linguagens, terminologias e elementos excludentes revela um sentimento de fragilidade de certas classes profissionais em um campo de disputas intelectuais. Em *G.C.P.A*, um dos primeiros contos publicados por Cruls na *Revista do Brasil*, podemos observar claramente uma ilustração desse comportamento que, devido ao paciente sobre a maca não considerar ininteligíveis seus tratadores, é subvertido e utilizado como elemento de espanto ao leitor. Caso Silvino, nosso protagonista, não fosse conhecedor dos trâmites e linguagens médicas, podendo revelar sua agonia e diagnóstico àquele que lê seu relato, nada haveria de extraordinário em uma narrativa na qual um paciente é legado à ignorância e descaso por parte de arrogantes intelectuais que têm sua vida em mãos.

Tal publicação surge em um período no qual há um esforço em tornar a literatura de ficção uma prosa artística novamente prestigiosa, perante uma elite novecentista diletante. Simultaneamente, conforme já pudemos constatar, relegava-se temáticas sociais ao universo científico. São esses os sinais de afastamento do próprio *discurso* literário e científico (além da mera categoria profissional), cujas experimentações híbridas já haviam sido tentadas anteriormente através de movimentos como o realismo e naturalismo. Lidamos, então, com um embate *social, discursivo e representativo*. O saber agora necessitava ser útil e não deleitável.

A diferenciação da esfera política e do campo de produção ideológica tornara praticamente inviável a passagem quase automática da situação de estudante à condição de membro por inteiro da classe dirigente, que, pelo simples fato de possuir um diploma, até então raro e cobiçado, se fazia merecedor das mais altas funções públicas e dos cargos políticos de

responsabilidade, afazeres que se completavam com a gestão dos negócios familiares⁹³.

Não mais o porte de um diploma denotava uma atuação social bem sucedida dentro do sistema de classes vigente. Fazer-se um profissional era compartilhar códigos e discussões novas, sob invólucro do futuro da nação. Satirizados eram aqueles que consideravam-se “doutores” de formação, título que no antigo prestígio dos bacharéis revelava um sujeito de sabedoria louvável⁹⁴. Uma herança oligárquica a ser discutida pelos intelectuais contemporâneos a Cruls.

A geração do Império (1868-1888) permanecia como um certo ranço aos modernos, um passado a ser exponencialmente distanciado: a sociedade agrária, as cidades essencialmente portuárias, senhores e escravos. Intelectuais anteriormente educados em Coimbra, depois em escolas brasileiras extremamente eurocêntricas.

A República Velha (1889-1930) faz com jovens de camadas médias possam aspirar pelos diplomas até então inacessíveis, aliada a um preceito modernizante e progressista: os novos pensamentos norte-americanos e europeus por aqui ecoavam, através de cientificismo ascendente e um sentimento de aversão aos “atrasos” da monarquia. Esta, aliás, desgastada, observou ruirem seus louvores e a força do antigo apoio a fazendeiros (agora já decadentes, desde o fim da escravatura e o declínio na participação no mercado de café por eles produzido). A família real fora assim destronada e substituída por um campo de batalha pelo poder: Governo Provisório, Assembleia Constituinte, tentativas de golpe, guerras civis, revoltas navais e rebeliões populares. Esse período proporcionou preocupantes especulações financeiras e o pipocar dos *nouveaux riches*. O fim da década de 1890, marcado pela subida de Campos Salles ao poder, finalmente consegue recuperar a tranquilidade das elites regionais, inaugurando a *Belle Époque* carioca.

Tal breve retrospectiva nos é necessária, conforme lidamos com uma temporalidade cuja truculenta transição governamental ainda pulsava em comportamentos quotidianos, no qual a cultura e a sociedade de elite estavam a serviço da manutenção e propagação dos próprios interesses elitistas. Ao longo dos escritos (sejam científicos ou ficcionais) desse

⁹³ MICELI, 2001, p. 93

⁹⁴ O título não era destinado apenas a alunos formados em medicina, mas sim a todos aqueles portadores de uma formação bacharelar.

intervalo, um padrão se manifesta entre a discussão nacional e o sempre necessário expurgo da cultura colonial⁹⁵: a revisitação dos choques na consolidação da colônia, a adaptação dos colonizados em busca de ascensão no sistema vigente e, por fim, a frustração e adoção de um nacionalismo identitário e reformulado. Já dizia a *Revista do Brasil* que “o futuro, a força e o entusiasmo que cria estão nos novos”⁹⁶.

Deveria haver, no entanto, certa parcimônia a esses jovens reformadores. Muitos apenas reproduziam o anseio pela polivalência intelectual tão amada pelos bacharéis do Império, o diploma capaz de tornar o aprendiz douto de todo conhecimento.

No Brasil, há uma grande confusão de valores. Um médico mal se forma, raramente se contenta de ser apenas médico. Quer logo ser *cientista*, e que os outros (não só os outros, pois ele mesmo não deve estar convencido disto), assim o considerem. E se escreve alguma coisa, ainda estritamente dentro da sua profissão, então já é também *homem de letras*. Ora, tudo isto está errado. Ser um bom médico, ser um grande clínico ou um grande cirurgião, já é uma grande coisa, já enche toda uma vida, com títulos dos mais nobilitantes. Tanto o médico, na esfera da sua atuação, quanto o cientista ou escritor, no âmbito de suas atividades, merecem a mesma consideração, desde que cada um tenha seus ideais na carreira a que se consagrou e a ela dê o melhor da sua inteligência e do seu trabalho. Ora, ser tudo ao mesmo tempo não é possível. É querer ser nada.⁹⁷

O comentário acima, retirado de uma entrevista de Gastão⁹⁸, insiste na concepção de que a universalidade do conhecimento era prejudicial à carreira e atuação de um membro intelectual na sociedade moderna. A especialização dignificava um profissional, sob os auspícios do já comentado sentimento de sacerdócio exigido pelas áreas de saber reconhecidas. Dedicava-se a vida à arte da criação ou da saúde, envolvendo os novos sujeitos em heroísmo e martírio pelo futuro e reconhecimento nacionais.

Cruls, sempre de fina ironia, publica em 1926, ainda na *Revista do Brasil*, o conto *O Baking-powder intelectual*, satirizando a sede por intelectualidade instantânea de alguns

⁹⁵ NEEDELL, 1993, p. 12

⁹⁶ CAMPOS, 2011, p. 44

⁹⁷ CRULS apud MEDEIROS, 1946. Grifos do autor.

⁹⁸ Apesar da entrevista ser datada na década de quarenta, Gastão comenta sua experiência e vivência ao longo da carreira desde sua formação como médico e estreia como escritor. Intervalo este que é nosso objeto de pesquisa no presente capítulo.

membros da elite. Nele, um vendedor oferece um produto ao narrador: “o *baking-powder*⁹⁹ intelectual, como o nome está dizendo, é um similar do seu congênere de emprego culinário (...), [ele] atua exclusivamente sobre a massa encefálica que, graças ao seu poder altamente fermentescível, cresce e se desenvolve de maneira espantosa”¹⁰⁰.

Comparando cérebros a pudins e economia doméstica de farinha, o vendedor exalta os valores de seu produto, buscando fisgar o público consumidor em seu desejo de intelectualidade. Percebamos, no entanto, que Cruls não fala de um desejo *de saber*, mas de prestígio social vinculado aos ditos intelectuais.

Basta lhe dizer que pela sua ação se acabam de vez com os *conhecimentos pela rama*¹⁰¹ e está ao alcance de todo mundo conseguir uma ou mais *especializações* em assuntos que sem [o *baking-powder* intelectual] exigiriam longos e porfiosos anos de estudo e, talvez mesmo, uma decidida vocação.

(...) Será o caso daqueles que até então sem nenhum pendor para as letras, se podem transformar de súbito em primorosos escritores, prontos a receber a consagração das Academias, desde que já sob os efeitos do meu *baking-powder intelectual*, se abeberem das páginas de algum carunchoso clássico, que lhes comunica logo o seu estilo castigado e bem torcido¹⁰².

É explícita e cruel sua censura: aos de certos sujeitos, a qualquer um seria alcançável os títulos de especialização, não sendo exigidas vocação ou dedicação. Logo em seguida, as Academias (nesse caso clara alusão à ABL) são postas em cheque, comparadas a âmbitos nos quais o discurso ultrapassado, rebuscado e floreado é aprazível. Tal fermento intelectual, mesmo que fictício e metafórico, é representado como em absoluto uso por grande parcela populacional. Grande mas restrita, visto que o vendedor diz que uma das dificuldades na venda do produto é seu preço, podendo ser usado apenas pelas elites. Também afirma que a “substância [é] tóxica e que deve ser manipulada com muito cuidado” para que não cause overdose.

Nosso narrador, já incomodado, resolve romper seu silêncio de ouvinte e dizer não ter interesse algum na venda, “porque nós já temos também um produto muito semelhante ao

⁹⁹ O fermento em pó químico.

¹⁰⁰ CRULS, 1951, p. 246

¹⁰¹ Conhecimento superficial.

¹⁰² Idem, p. 247. Grifos do autor.

seu e, sem dúvida superior: é que o nosso está a alcance de todas as bolsas e pode ser usado até às colheradas de sopa, várias vezes ao dia”. Com tal estocada, Gastão termina sua narrativa.

Podemos nos indagar qual seria essa substância já possuída pelo narrador: seria o novo discurso intelectual? Seria o conhecimento julgado “verdadeiro” e não apenas performático? Ambas hipóteses parecem plausíveis.

A segunda questão a ser posta seria justamente investigar qual categoria comporia o “nós” em sua afirmação. O narrador responde de forma a tomar o leitor como seu igual e, considerando que o conto foi publicado na revista de Lobato, podemos assumir que o público aqui igualado aos já portadores do bom fermento intelectual são justamente os consumidores desse veículo de notícias culturais sobre a nova nacionalidade (sinônima de intelectualidade) emergente. Um público eclético mas amalgamado por uma intencionalidade comum.

A título de exemplo, o sociólogo Sérgio Miceli¹⁰³ ressalta que a própria posição social dos modernistas (famosos pela Semana de Arte Moderna, em 1922), proporcionava proximidade a círculos intelectuais da oligarquia vigente, conferindo-lhes a visibilidade e circulação em papéis de inovadores/reformistas. Por mais que se revestisse com ares de amplitude, o convite à discussão das questões nacionais era feito apenas a seletas camadas populacionais, cujo intento era julgarem-se responsáveis por seus membros subalternos.

Ainda segundo Miceli, a concorrência nos campos de saberes e intelectualidade dava-se através do “capital de relações sociais” e a crescente “mediação de trunfos escolares e culturais”¹⁰⁴. Dizia-se à época que “a vida cerebral do Brasil gira em torno de dois centros: o mundo dos intelectuais e o dos governantes; os escritores, professores, homens de letras e de ciência, os artistas, no primeiro grupo; os políticos, os administradores, os funcionários, no segundo”¹⁰⁵. A figura do intelectual estava, portanto, polarizada entre advogados, engenheiros e homens de cultura ou ciência.

Engenheiros eram os responsáveis pelos processos de embelezamento das cidades, sob os preceitos higiênicos e estéticos. A presidência de Rodrigues Alves (1902-1906) provocou o afrancesamento do Rio de Janeiro, destruindo fisicamente o passado colonial e

¹⁰³ MICELI, 2001, p. 98

¹⁰⁴Idem, p. 79

¹⁰⁵ TORRES, Alberto apud PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil - Entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 25

suscitando o preceito de que “é preciso civilizar-se”. Olavo Bilac chegou a afirmar que tais reformas eram a celebração da “vitória da higiene, do bom gosto e da arte”¹⁰⁶.

Ainda em 1918, um ano após suas primeiras publicações, Gastão Cruls encontrava-se naquilo que optamos por denominar sua “fase sanitaria”. Assim como afirmamos no capítulo anterior, este foi um período no qual produzia literatura enquanto ainda frequentador de congressos higienistas, atuando como médico sanitaria, especializando-se em higiene infantil e membro da Liga Brasileira de Higiene Mental. Curiosamente, alia os interesses medicinais aos amazônicos, publicando em 1924 um ensaio sobre a medicina indígena no Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A relevância do resgate temporal, biográfico e literário de Cruls se apresenta novamente nessas circunstâncias de sua atuação autoral. O ano seguinte, 1925, simboliza a publicação de seu primeiro romance, *A Amazonia Misteriosa*, cuja narrativa perpassa as temáticas nacionais, higiênicas, indígenas e medicinais de seu tempo. Transcorrido, conforme já diz o título, na Amazônia brasileira, e inspirado pela obra de H. G. Wells, *A Ilha do Dr. Moreau* (1896), inaugura uma obra considerada pioneira no campo da ficção científica brasileira¹⁰⁷. É notável que este gênero de ficção híbrido em linguagem inaugure-se no Brasil simultaneamente ao crescimento da cientificidade em território nacional.

O romantismo brasileiro do século XIX já fora aliado à confecção de uma identidade nacional através da natureza indomada e o folclore nacionais. Além disso, seu colega Lobato também era notoriamente reconhecido por seu interesse e valorização do imaginário popular interiorano e indígena. O romance de Cruls, inclusive, parece ser de sua extrema predileção e admiração, visto que em correspondência redigida a próprio punho recomenda e encaminha Gastão a editoras e revistas de resenhas literárias estrangeiras, além de desejar votos de permanência do pupilo nos ramos que já lhe eram tão bem galgados.

Gastão,

Estou estudando o teu livro. Vou submetel-o a vários antecessores do negócio editorial na América do Norte. (...)

¹⁰⁶ BILAC, Olavo apud NEEDELL, 1993, p. 70

¹⁰⁷ CAUSO, 2003, p. 253 et seq.

Precisamos apoiar aqui no Brasil a *Revue de l'Amérique Latine*, única que se interessa por umas coisas em Francês.¹⁰⁸

Lobato termina a carta aconselhando uma reunião de recomendações assinadas e envio a Jean Duriau (crítico e tradutor de romances lusófonos), na França, cujo qual já havia falado e que previa uma boa crítica publicada. Em carta similar e provavelmente distanciada por curto período de tempo, permanece positivo e incentivador em suas opiniões.

Gastão,

Aproveitei o domingo de hoje para ler o teu romance e não me furto ao lugar de vir abraçar-te. Está ótimo e digno de transpor as nossas fronteiras e vulgarizar-se em outras línguas. Prevejo para teu livro uma longa vida. Ele nos ensina a Amazônia e transporta-nos a imaginação com o lindo episódio, tão solidamente construído, da vida das amazonas. (...)

Adeus, caro amigo. Faço votos para que teu livro tenha o sucesso que merecem-o livro e o autor.¹⁰⁹

É possível que as influências contemporâneas de colegas da *Revista do Brasil* (um deles sendo Gilberto Freyre na década de vinte) tenham despertado cada vez mais o interesse de Cruls em tais questões. Gastão opta por retomar o cenário do lirismo nacional, revisitando-o com olhar científico.

O relato fictício criado pelo autor simula uma narrativa de viagem na qual um médico explorador - e sua equipe auxiliar, composta por nordestinos e cafusos - se perde em território amazônico e encontra uma colônia perdida (fundada pelas supostas guerreiras amazonas) sob influência de um desumano fisiologista alemão. Seu simulacro de realidade se dá devido às incessantes e profundas pesquisas realizadas pelo autor na Biblioteca Nacional sobre o território, a botânica, o imaginário e a linguagem amazônicas. Fica claro, portanto, que seu comprometimento inspirativo como ficcionista é baseado em elementos **reais** retirados de estudos praticamente etnográficos de sua época.

De característica inicialmente epistolar, em primeira pessoa, somos primeiramente apresentados às páginas de diário de nosso narrador, que datam “17 - XXII - 191...”. Ao longo

¹⁰⁸ LOBATO, Monteiro. *Carta pessoal*. s/d [especula-se os anos de 1924/1925, que respectivamente antecedem e lançam seu romance] para CRULS, Gastão. Uma folha. Sobre a leitura de *A Amazônia Misteriosa*. As grafias de época foram mantidas.

¹⁰⁹ LOBATO, Monteiro. *Outra carta pessoal*. s/d [especula-se os anos de 1924/1925, que respectivamente antecedem e lançam seu romance] para CRULS, Gastão. Uma folha. Sobre segunda leitura de *A Amazônia Misteriosa*. As grafias de época foram mantidas.

da história, nunca nos é revelado o nome de tal personagem, sendo dirigido apenas por “doutor”. Sabemos, no entanto, que é brasileiro e formado em medicina. Sua equipe exploradora é composta por Braulino, Manoel, João (dito cearense), Trindade, Galdino (cafuso), Pacatuba e Piauí (ambos nordestinos). Acompanhamos os homens por alguns dias em território amazônico, permeados por descrições bucólicas e líricas do espaço selvagem. É curioso ressaltarmos que Pacatuba constantemente revela sua desconfiança por portugueses (marinheiros que conheceu) e taiocas (índios).

Existe um afastamento notável da civilização, passam-se aniversários, o Natal e o Ano Novo, enquanto enclausurados pelo matagal. Além disso, sabemos que as personagens estão inseridas em algum intervalo temporal marcado pela Primeira Guerra, pois perguntam-se “ainda perdurará pela Europa o sopro de loucura que ensanguentou os países mais civilizados?”¹¹⁰. Aparentemente, o território que os envolve não é o único a afastar a civilidade cobiçada, visto que a mesma se encontra em crise na própria Europa.

Em devido momento, saem em expedição apenas nosso narrador e seus companheiros Pacatuba e Piauí. Perdem-se na mata, eventualmente encontrando nativos, descritos como “selvícolas”.

Embora não compreendendo nada do que me dizia, puz-me a observá-lo detidamente. Era um typo ainda moço, de compleição robusta, estatura talvez acima da normal, tez acobreada, musculatura tensa. Se as suas palavras eram ditas com energia, como que a me censurar por ter invadido seus domínios, não se lhe notava no rosto qualquer expressão de ferocidade ou grande ira. Tinha olhos doces e muito grandes, ligeiramente oblíquos, e uma linda dentadura alva e bem unida. Estava inteiramente nú, trazendo apenas um enfiado de sementes ao pescoço e ligeira cinta da qual pendiam algumas fibras sobre o baixo ventre. Os cabelos luzidios e escorridos desciam-lhe até os ombros.¹¹¹

A fisionomia indígena descrita é a clássica narrativa desde os tempos coloniais, devidamente acompanhada de toques do romantismo literário do XIX. A selvageria é afastada do nativo, que não apresenta “ferocidade” (termo tipicamente utilizado para indicar animalidade) e possuía “musculatura tensa”, “linda dentadura alva” e “compleição robusta”, sinais de saúde e virilidade. Esses membros - os jovens da tribo - são elogiados como

¹¹⁰ CRULS, Gastão. *A Amazonia Mysterosa*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1925, p. 29

¹¹¹ CRULS, 1925, p. 48-9.

exemplos de homens fisicamente invejáveis, em contraste a seus companheiros mais antigos, indígenas envelhecidos e marcados por modificações corporais típicas. Todos encaminham-se para o espaço de vivência dos nativos.

Os “índios da maloca” encontravam-se divididos entre quatorze homens e duas mulheres, sendo que alguns eram ainda “de typo bem diverso daquelles que viajavam comnosco”¹¹². “Alem da pelle ser mais clara, de uma tonalidade azeitonada, tinham o rosto longo e de traços bastante correctos, o que lhes dava um carater de *raça mais pura*” (grifo nosso). Um esboço de discurso higienista e eugenista começa a se formar aos olhos do narrador.

Convivendo com os “selvícolas” por um breve período, repara-se que os homens adornam-se de pedras verdes, “muyrakitans”, esculpidas em formas animais. Perturba nossos personagens a tensão constante entre a expectativa de selvageria, canibalismo, e certas demonstrações de civilidade e senso artístico. Dividem comes e bebes com a tribo, ingerem bebidas alcóolicas e substâncias narcóticas¹¹³, compartilham de ritos masculinos de sociabilidade.

A estadia dura pouco, pois logo são encaminhados a uma jornada cujo destino mal conseguem apreender. Vagarosamente percebem que não estão retornando a seu acampamento, mas sim dirigidos a um local cada vez mais isolado mata adentro. Piauí desaparece, restando apenas nosso “doutor” e Pacatuba como sobreviventes da viagem.

Repentinamente encontram-se afrente de uma muralha de pedra, um cerco de um reino isolado no matagal. Apenas a dupla “estrangeira” transpassa tal entrada, podendo admirar uma civilização encapsulada no tempo: uma ginococracia, de mulheres guerreiras, que adiante descobrirão ser as lendárias guerreiras amazônicas. Eis aqui uma demonstração curiosa de revisão do mito fundador nacional. O reinado é inteiramente comparável às populações maias e astecas, enobrecendo as tribos de região brasileira e constituindo demonstrações culturais aos moldes clássicos (comparáveis a gregos e romanos).

Novamente retoma-se a análise eugenista e romântica dos corpos, pois as mulheres de lá eram “de formas esbeltas, os seios altos e firmes, o quadril bem modelado, os membros roliços, todas ellas tinham a cabelleiras longa e uma carnação rija e acobreada”. Recebidos

¹¹² Idem, p. 62 et seq.

¹¹³ O “ipadú”, pastilhas de folha de coca, consumidas a fim de dar energia e ânimo aos caçadores.

por tais ninfas, adentram uma muralha amazônica que desdobra, “logo à nossa vista, uma perspectiva de paisagem humanizada e como há muito não víamos”. Questionam-se até mesmo se não estavam visitando alguma colônia espanhola ainda existente. O reino de Cruls se apresenta como uma verdadeira viagem temporal e mítica, dando oportunidade à reformulação da concepção de que, dentro da América Latina, os índios brasileiros eram inferiores a seus demais companheiros no campo dos mitos fundadores de identidade nacional.

Há, no entanto, uma ruptura com o bucolismo indígena: surge um alemão (cujo nome posteriormente descobriremos ser Dr. Hartmann¹¹⁴), extremamente receptivo mas tergiversante sobre sua presença no local. Nossa dupla é encaminhada pelo estrangeiro a aposentos provisórios, para que em breve possam ser reunidos a seus antigos companheiros de exploração. Um momento de empatia se revela entre narrador e Dr. Hartmann, ao ambos constatarem ser formados em medicina, mesmo que nosso protagonista diga ter se afastado da área há certo tempo.

Como uma espécie de serviçal, lhes são atribuídos os cuidados de Mallila, “uma índia que falava o francês”, para espanto de nosso doutor e de Pacatuba. O cearense indigna-se tremendamente com tal situação, “só mesmo na cabeça de uma [pessoa] desavergonhada passava uma ideia dessas, de ensinar língua estrangeira a uma bugrinha pomboca”. Mais adiante na narrativa, insiste ao dizer que “bugre é bugre e só foi feito pra se entender na língua deles”. É possível nos indagarmos se a intenção de Gastão não era justamente problematizar a nação brasileira de sua época, extremamente francófila.

A indiazinha havia sido ensinada pela esposa do doutor alemão, Rosina, de origem francesa, tratada pela tribo com ares senhoriais e maternais. Mulher “muito sympathica, bonita mesmo, com os seus longos cabellos louros e ondulantes corridos sobre as temporas e atados com singeleza num coque à nuca, o perfil muito fino, uns grandes olhos escuros, húmidos e luminosos”. Percebamos o contraste de seu porte e atribuições adjetivas em comparação às nativas: é muito mais próxima do angelical do que do exótico e voluptuoso.

Vivendo na tribo por alguns dias, finalmente são informados de que se encontram junto às amazonas, no Reino das Pedras Verdes (nome advindo dos amuletos “muyrakitans”, título, inclusive, que fora o primeiro a ser atribuído ao romance de Cruls, mas logo fora

¹¹⁴ Desde sua infância em Petrópolis, Gastão julgava-se “amigo dos livros”, frequentando um sebo ali existente, propriedade de um alemão chamado Kurt Hartmann (cujo sobrenome emprestaria ao doutor de seu romance).

substituído, visto que poderia causar confusão junto às pedras verdes dos anéis dos formandos em medicina). Um cenário edênico se desdobra ao leitor, repleto de animais, natureza encantadora, cantos de pássaros, onças domesticadas pela rainha da tribo e, claro, nudez.

Uma narrativa mitológica local, inclusive, diz que uma raça híbrida de lobos e cães que fora domesticada pelas nativas era produto da amamentação cruzada: uma ancestral havia servido de ama-de-leite a filhotes perdidos e assim os mesmos tornaram-se protetores. Seria essa uma inversão do clássico mito romano de Rômulo e Remo? Ao discutirmos questões culturais, podemos perceber que é inevitável à época a comparação - mesmo que inconsciente - com as gêneses da mitologia clássica.

Em relação ao casal de estrangeiros que recebe nossos protagonistas, há também uma alusão à própria Primeira Guerra, se considerarmos que Rosina, francesa, representa a maternidade, a resignação, o charme, a paixão; e Hartmann, alemão, transparece austeridade, rudeza, introspecção. São certos estereótipos raciais e sociais compartilhados como perfis das nações que representam. Não é à toa que nosso narrador se apaixona justamente por Rosina, a donzela aprisionada em um casamento frio e abusivo.

Em certo momento da narrativa, o doutor protagonista prova do “ayquec”, bebida alucinógena e capaz de transportar seu consumidor a demais vivências de temporalidade. É um veículo viajante ao passado, proporcionando nova abertura temporal dentro da própria bolha na qual já nos encontrávamos. Em um extenso capítulo, visitamos a antiga cidade de Tenochtitlán, no auge do Império Asteca, guiados por Atahualpa, o último dos imperadores incas.

É curiosa a abordagem de Cruls, que mistura alternadamente elementos incas e astecas, provavelmente frutos de sua pesquisa sobre o tema. São civilizações muitas vezes similares, claro, mas também possuem suas devidas particularidades. Apesar de serem impérios que mantêm relações comerciais, Atahualpa (inca) ser guia de uma região asteca parece ser uma liberdade literária.

O enfoque permanece a viagem por Tenochtitlán, exaltando seus atributos como civilização (aqui tomada como sinônimo de civilidade primitiva). Observando o Reino das Pedras Verdes atual, a alucinação revela que:

- De que te espantas? disse elle [o antigo Imperador], descansando-me sobre o hombro a mão direita, pesada de anneis, e olhando tambem para as Amazonas, que continuavam a dansar. Isto é apenas um resto de tudo o que

tivemos, e mal chega para dar uma pallida idéia do que foram algumas civilizações americanas. Mas, acaso, pensavas que até o instante da conquista o nosso indigena se conservasse um parente próximo dos prothomos de Ameghino¹¹⁵, de maxilla vasta e craneo estreito, tropego nas pernas e ainda mal adaptado à sua nova posição de bipede, dormindo sob a larga carapaça de um tatú gigantesco - o glyptodonte, rasgando os alimentos com as presas possantes, e tendo por toda arma o tosco machado de pedra? Não, meu amigo, não foi isso o que encontraram os descobridores, mas povos perfeitamente constituídos e organizados, e que, talvez, nada ficassem a dever às civilizações do Oriente.¹¹⁶

Novamente retornamos à aproximação do mito de origem das Américas ao oriente clássico. Desta vez a crítica se apropria de terminologias darwinistas e evolutivas, criando um discurso até mesmo anacrônico, visto que com certeza o imperador Atahualpa, de origens incas, dificilmente se utilizaria se exemplos evolucionistas e teorias fundadas somente na segunda metade do século XIX (após a publicação da *Origem das Espécies*, em 1859). Quem aqui fala, portanto, é a própria voz de Gastão Cruls sobre o descobrimento e as civilizações nativas. Distancia-se a imagem do selvagem e animalesco desses povos, elevados ao posto de civilidade exótica. Além disso, nosso imperador possuía a mão pesada e coberta por anéis, simbologia tão cara a Cruls ao retratar questões de intelectualidade.

Ao fim do relato alucinogênico, retornamos aos costumes atuais das amazonas, visitando suas tendas de produção e mão-de-obra. Apesar dos avanços culturais e artísticos, a civilização é ridicularizada mais adiante, por suas “crendices”: Pacatuba, de dores no pé, sintomas de mero reumatismo, é tratado por uma “índia velha” em um ritual de curandeirismo.

- E vamos que seja mesmo rheumatismo... Você acredita então que uma índia boçal seja capaz de curar-o sem mais aquela?

¹¹⁵ Teoria evolutiva darwinista desenvolvida por Florentino Ameghino, na qual é afirmada a existência de um proto-homem anterior ao *homo sapiens sapiens*. Um livro de arqueologia latina de 1918, nos explicita que:

“En cuanto al hombre cuaternario sería un *Prothomo* el *Prothomo neanderthaliensis* anterior al hombre moderno y al *pithécanthrope* y descendiente del *Tetraprothomo* por mediación de dos formas hipotéticas el *Triprothomo* y el *Diprothomo*.”

BECHAUT, H. *Manual de Arqueologia Americana*. Madrid: 1918, p. 232. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5rIVAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, acesso em 21/11/16.

¹¹⁶ CRULS, 1925, p. 155. Grafia mantida no original.

- Ah, isso é que eu não sei... O doutor me desculpe, mas eu tenho muita fé nos catimboseiros. Quem já viu como eu, a filha do *seu* Coronel Zacharias, lá do Sapé, nos meus mundos, ficar trez mezes na cama e ser vista por todos os doutores, que não atinavam com o que ella tinha, e depois chegar o Gaudencio da Quenga e só com umas resas botar a menina outra vez nos pés...

E apoiado nessas razões, o Pacatuba entregou-se cegamente às manigancias da índia. Esta, não contente com o barbaro suadouro, iniciava outras manobras e começava a sugar-lhe, com os proprios labios, a região do tornozello direito. Mallila tomara a si agitação do maracá [chocalho], indispensável ao ritual exorcizante (...) Por fim, e depois de um chupão mais prolongado, a índia cuspinhou na palma de uma das mãos, de mistura com saliva e sarro de rapé, uma nojenta larva branca, ainda com vida, e mostrou-a à assistencia, como tendo sido retirada do ponto affectado. O Pacatuba, pasmado e queixi-cahido, arregalou uns olhos formidaveis, ante o inesperado daquelle desfecho, que vinculava o seu mal a causa tão esdruxula.¹¹⁷

“Índia boçal”, “manigâncias”, “*bárbaro* suadouro”, “ritual *exorcizante*”, “causa tão *esdrúxula*”, assim como em *A neurastenia do professor Filomeno*, Cruls a medicina popular é diferente daquilo encarado por ele como charlatanismo. Caso houvesse algum uso de ervas amazônicas ou tratamentos nativos, certamente a narrativa seria mais generosa em relação à índia idosa. O caso, no entanto, é representado como curandeirismo, igualado a um comportamento bárbaro e ultrapassado nas áreas de cura. Dentre todos os rituais indígenas exóticos, incluindo os de consumo de substâncias alteradoras dos sentidos, manifestações de uma cultura compartilhada pela tribo, apenas a medicina primitiva seria criticada e ridicularizada duramente pelo autor. O trecho, além disso, carrega a problemática dos pacientes “crentes”, que dificultariam o trabalho dos realmente formados em medicina.

- Assim que eu ficar bom, nós devemos é ir embora.
 - Sim... Mas você precisa antes fazer um ensaio. Não hade ser logo no primeiro dia que você puzer o pé no chão que se vae começar a viagem de volta. É lá brincadeira o que temos de andar!
 - Qual! Para voltar todos os santos ajudam. Eu tenho fé em Deus que amanhã já estou andando bem.
 - Fé em Deus... e na índia velha - observei troçando.
- [Rosina adentra o recinto] (...)
- E o senhor não se envergonha de ter perdido o cliente? [- para o doutor]

¹¹⁷ CRULS, 1925, p. 175

- Não, a minha medicina está muito atrasada e eu nunca havia pensado que elle pudesse ter um berne.
- Berne?
- Sim... Um berne ou outra larva. Pelo menos foi isso o que a india tirou do tornozello dele.
- Ah, mas, então, *Monsieur Pacatubá* foi ainda muito feliz, porque ella já tem tirado presas de onça, caramujos e até rãs vivas de outros doentes.¹¹⁸

O humor presente na passagem é fruto das expectativas de Cruls sobre seu público leitor, visto que somente na condição de concordarem que fora absurda a cura de Pacatuba ele surtiria efeito. Rosina e nosso narrador são exemplos fictícios dessa camada leitora, tomados como instruídos e adeptos da medicina profissional como cura aos males. Pacatuba, de camada popular e de origem diferenciada, vivendo provavelmente em uma comunidade mais agrária e interiorana, aqui trabalha como arquétipo dos pacientes dessas regiões. Tal relação conflituosa será constante ao longo dos escritos fictícios de Cruls sobre saúde.

A segunda parte do romance, o *plot twist* que o aproxima de *A Ilha do Dr. Moreau* de H. G. Wells, tem início logo em seguida, quando nosso narrador opta por explorar a região mais remota da ilha, a qual nunca obteve permissão para acessar. Escondido na mata, desvenda um pequeno acampamento, composto por algumas cabanas e gaiolas, no qual Dr. Hartmann trabalha junto a um assistente, chamado Hans¹¹⁹.

Um dos habitantes das jaulas era um ser com trejeitos de preguiça ou macaco, mas, ao aproximar-se, constata que “era uma creança!”, “aquellas formas não enganavam e eram bem humanas”. Nosso narrador, confuso, começa a indagar-se se havia encontrado algum tipo de monstro, “visão horrífica e attrahente, que a um só tempo despertava sentimentos de piedade, revolta e nojo”, basicamente uma criatura frankensteiniana. Seus movimentos fluídos, lânguidos, faziam com que parecesse não ter ossos. Sua fisionomia, apesar de não apresentar nenhuma anomalia, portava um “certo empastamento dos traços”. Era um “indiozinho de dous a tres annos”.

A primeira hipótese traçada é a de que era portador de alguma deficiência por nascença, e de que os índios o sacrificariam ou o colecionariam numa espécie de *freak show*

¹¹⁸ CRULS, 1925, p. 182-3.

¹¹⁹ Talvez em possível homenagem a Hans Staden, viajante alemão capturado no século XVI pelos tupinambás, quase devorado em um ritual de antropofagia.

aos membros da realeza nativa. Quase descoberto por um deslize, nosso investigador opta por repetir a visita em outro momento.

Em seu segundo contato, uma índia observa crianças brincarem pelo terreno. Todas elas são igualmente curiosas em seus traços,

Pelo tamanho, dir-se-ia uma creancinha ainda de poucos meses, mas que tinha grande vivacidade e, por vezes, já se equilibrava nas pernas e ensaiava passos desageitados. O prognatismo da face, a fronte fugidia e estreita, as orelhas em alça davam-lhe um ar bestial à physiognomia, aliás não raro em certos idiotas microcephalos. Mas havia ainda a curiosidade do seu corpo, evidentemente coberto de pellos, sobretudo no peito, e a agilidade de movimentos, aptos a uma mimica variada e simiesca¹²⁰.

As demais companheiras eram, respectivamente, de estatura monstruosamente alta e ridiculamente pequena. O olhar narrativo as descreve de maneira clínica, aliada a um discurso de caráter eugenista. As comparações com macacos são presentes em todos os exemplos. É explícita a influência de Darwin e do evolucionismo clínico.

Dr. Hartmann o avista e confronta sua espionagem, é retrucado por acusações de crimes e comparado explicitamente ao médico vilão da ficção de Wells. Irritado, ordena que nosso narrador retorne a seus aposentos para que possam conversar mais tarde sobre aquilo que viu. Pacatuba e o doutor são considerados prisioneiros da ilha, para que não revelem os experimentos do alemão ao mundo. Sem serem tratados de maneira violenta, são informados de que não há mais perspectiva de volta a seus antigos acampamentos e colegas.

O alemão senta-se junto de seu colega de profissão para explicar seus intentos, primeiramente lembrando não ser um mero “homem cruel”, mas também “dedicar-se à cabeceira dos doentes” da tribo. Afirma haver sido aprendiz do professor Steinach¹²¹, ser estudioso nas áreas de experimentação hormonal e intervenção fisiológica, estando na região amazônica em busca de tribos indígenas cuja ideologia descartasse prisioneiros, gêmeos (vistos com mau agouro ou sinal de infidelidade, devido a duas crianças nascerem em um parto) e “defeituosos” para que fossem suas cobaias, visto que já estariam legados ao sacrifício. Coincidentemente, tomando contato acidental com as amazonas, pôde constatar

¹²⁰ CRULS, 1925, p. 203

¹²¹ Eugen Steinach (1861-1944) cientista e diretor do Instituto Biológico da Academia de Ciência de Viena. Realizou experimentos hormonais e de intervenção biológica em animais: transplantes, castrações, vasectomias. Foi indicado seis vezes ao prêmio Nobel em fisiologia, mas não foi vencedor em nenhuma das vezes.

que o regime de ginecocracia considerava os filhos homens como inferiores. Perfeitos (in)voluntários às suas causas.

Iniciou suas pesquisas em questões de afasia - problemas na fala -, procedendo posteriormente às de crescimento, sexualidade, renovação de energias orgânicas. Em meio às descobertas feitas, foi bem sucedido na eliminação da “teoria de fixação das espécies”, ou seja, fora capaz de produzir híbridos evolutivamente e realizar em laboratório fecundações cruzadas entre humanos e primatas.

Ao ouvir todo esse desabafo de Hartmann, nosso narrador parece permear entre o espanto, asco e admiração. Apesar de afirmar fazer-se calado por questões de sobrevivência, seu posicionamento é ligeiramente dúbio visto que, como “homem de ciência”, cabe a ele admirar, mesmo que controversamente, o trabalho do colega.

De facto, eu estava ali à discrição do allemão e attitudes de revolta e manifestações de protesto, alem de resultarem inuteis, assignalar-me-iam como um possivel denunciante dos seus actos, motivo, talvez, por que elle já pensara fazer-me prisioneiro.

Não me enganara. Pouco depois, dizendo-se conscio das suas responsabilidades e sem receio das accusações que, acaso, lhe pudessem fazer mais tarde, elle advertiu-me:

- Estou certo de que não haverá um só *homem de sciencia* [grifo nosso] capaz de levantar a sua voz contra mim, uma vez que possa ter adiante dos olhos o resultado das minhas pesquisas e o valor das minhas descobertas. É por isso que o senhor vae ter paciencia, mas não me sae daqui enquanto os meus trabalhos não estiverem terminados e pudermos regressar juntos.¹²²

Utilizar-se de tal termo remete a todo um código comportamental de classe, ilustrando o quão ambíguo pode ser o sacerdócio científico. São esboços de um discurso que, mais tarde, ao longo do tempo, chamaríamos de bioética. Cruls tenta apresentar ao leitor a controvérsia dos experimentos laboratoriais, em dois posicionamentos: o choque de seu narrador versus a convicção/dedicação de Jacob Hartmann.

Os capítulos finais do romance retomam ares de exotismo amazônico: Rosina se apaixonou por nosso herói e ambos planejam uma fuga, presenciando o ritual de “acasalamento” das amazonas com os indígenas homens das tribos vizinhas, uma competição para a determinação da nova rainha local é descrita com ares de aventura... A fuga do casal

¹²² CRULS, 1925, p. 236

resulta em sua caçada, na qual Rosina é flechada e mergulha na corrente das águas selvagens enquanto seu amante, incrédulo, observa sua morte. Romantismo comparável a José de Alencar.

A primeira publicação de Cruls no campo do romance é inserida numa discussão nacionalista de cunho científico e identitário. Gastão formar-se em medicina, além de afastá-lo de uma graduação em direito (cujo prestígio intelectual estava em debate), permite que elabore um discurso híbrido sobre a sociedade brasileira. A “ciência” presente em suas narrativas valida, soberaniza e legitima seus discursos modernizadores.

Gastão talvez se identifique com a figura do homem moderno, aqui preocupado em discutir as questões progressistas e futuristas do país. À partir daí, através da revista de Lobato, entra em contato com autores que adiante seriam os responsáveis por aquilo que seria batizado posteriormente de movimento modernista, justamente nos anos 20 (lembramos da famosa semana de arte de 1922). Há um diálogo temático similar entre Cruls e tais autores, mas ressaltamos que o autor carioca não se identifica como “modernista” em nenhum momento de sua carreira.

Curioso notarmos que os amuletos das amazonas de Cruls são os muiraquitãs, que três anos após seu romance, serão novamente retratados na literatura, através de Mário de Andrade, em *Macunaíma* (1928). Segundo Nicolau Sevcenko, “a palavra ‘moderno’, de recente fluência na linguagem cotidiana [dos anos 20] (...) adquire conotações simbólicas que vão do exótico ao mágico, passando pelo revolucionário”, pois, assim como os talismãs, “assim também a palavra ‘moderno’ se torna algo (...) [que] quando agregada a um objeto, o introduz num universo de evocações e reverberações prodigiosas”¹²³. Sobre as questões de resgate dos símbolos nacionais, aliados às novas missões modernizantes:

Essa busca pelo popular, o tradicional, o local e o histórico não era tida como menos moderna, indicando, muito ao contrário, uma nova atitude de desprezo pelo europeísmo embevecido convencional e um empenho para forjar uma consciência soberana, nutrida em raízes próprias, ciente da sua originalidade virente e confiante num destino de expressão superior. (...)

¹²³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 227.

Introduzir novos laços, a pretexto de resgatar elos, seria uma forma de forjar vínculos simbólicos que substituíssem os nexos sociais e políticos que os novos tempos e suas condições haviam corroído.¹²⁴

É essa busca intelectual nacional a compartilhada por Gastão em sua estreia como romancista. Podemos notar os ecos de seu tempo histórico na trama por ele tecida ficticiamente: há discussões nacionalistas, modernas e simbólicas.

Sua atuação principal nas próximas décadas, Cruls adentra o reino da criação fictícia num período em que tal gênero literário ocupa o primeiro posto de vendas¹²⁵. Sua futura amizade com José Olympio, dono da editora de mesmo nome, também colabora na visibilidade e comercialização de sua produção romanesca. José Olympio ocupava o terceiro posto na categoria de maior editora nacional, apostando em gêneros rentáveis (como os produzidos por Cruls), pela proximidade com instituições como a ABL e de instâncias decisórias do governo central¹²⁶.

Conforme pudermos constatar, a medicina transmuta-se cada vez mais em área de conhecimento (cientificamente) capaz de investigar a condição humana. Já dizia Sebastião Barroso que “para o público, o médico deve possuir um saber quase divino, não lhe é permitido deixar de ser infalível tanto no destrinchar as coisas do presente, como no desvendar os fatos do futuro”¹²⁷. Assim, armado de formação e linguagem científicas, ao publicar romances e ficção, Gastão foge da associação entre polivalência diletante e falta de especialização, através do cunho de uma imagem de intelectual e estudioso da realidade brasileira em diversas dimensões. Sob esse signo, produzirá também, ao longo da vida, obras de historiografia, botânica e etnografia.

¹²⁴ SEVCENKO, 1992, p. 237.

¹²⁵ MICELI, 2001, p. 154.

¹²⁶ Idem, p. 157

¹²⁷ BARROSO, 1934, p. 70

III - Do Estetoscópio ao Bico da Pena.

Legitimado como autor de ficção brasileira, Cruls desencadeia sua carreira como romancista à partir da segunda metade da década de 1920. Se, já anteriormente, era elogiado por sua produção como contista estreado e estudioso da Amazônia, o médico carioca efervesce crescentemente suas narrativas com elementos retirados diretamente da discussão sócio-medicinal de sua época. O país é sempre pano de fundo às narrativas, revelando em suas personagens àquilo de inerente às correntes intelectuais preocupadas em solucionar embates nacionalistas, identitários e concernentes à saúde do povo brasileiro. O *futuro*, conforme discutimos em capítulos anteriores, era a amálgama de todas essas questões.

Em 1927, é publicado seu segundo romance, *Elsa e Helena*, constituído por uma trama que é herdeira da divulgação dos estudos de Freud em território nacional. Gastão é um dos primeiros autores literários a abordar explicitamente temáticas da psicanálise na construção psíquica de seus protagonistas. O prefácio da obra, escrito em primeira pessoa, como num relato pessoal do próprio Cruls, cita simultaneamente seu convívio com um colega psicanalista, terminologias freudianas e estudos de Morton Henry Prince (médico americano, especialista em neurologia e psicologia dos “anormais”)¹²⁸.

É sentado a essa mesa [do escritório de seu colega] e brincando com um longo corta-papel de marfim, sempre às suas mãos, que o notável psiquiatra gosta de receber os amigos mais íntimos. Para gaudium meu, tenho-me entre esses, e ali me vejo uma ou outra vez, a beber-lhe os ensinamentos, em plena sazão de sabedoria, ouvindo uma das prosas mais alertas e sugestivas que já tenho admirado. A elle devo, além de muitas cousas, a minha iniciação na psychanalyse, que se ainda não me deu melhor conhecimento dos homens, já me trouxe comtudo pelo *pansexualismo* [grifo nosso], uma nova concepção do mundo, até então sopesado por Atlas, e, hoje, aos hombros de Priapo.

¹²⁸ Morton Prince, relatando o caso de uma paciente real tratada por ele, dizia que: “À primeira vista o caso apresentou o retrato comum daquilo que se denomina neurastenia, caracterizada pela fadiga persistente e costumeiros sintomas somáticos, além de dúvidas morais e de escrúpulos. Essa fase foi posteriormente terminada e é descrita no relato a seguir como estado ou complexo A. Mais tarde, outro estado, chamado de complexo B, repentinamente se desenvolveu. Complexo A não possuía qualquer memória sobre o complexo B, mas o último não só tinha total conhecimento de A, como persistia co-conscientemente quando A estava presente.” PRINCE, Morton *apud* B. C. A. *My Life as a Dissociated Personality*. Boston: The Gorham Press, 1909. p.3. A tradução é minha.

O Prof. ** tem o malicioso olhar dos alienistas, que se habituaram a devassar os arcanos da intelligencia humana...¹²⁹

O período de escritura da narrativa fora marcado por sua adesão à Liga de Brasileira de Higiene Mental, e o retorno de sua primeira viagem à Europa, a qual considerou seu “desaprendizado médico”¹³⁰: “quando voltei, resolvi deixar definitivamente de ser médico e como, nessa ocasião, já havia deixado também a Assistência, passando para a Saúde Pública, não me foi difícil cortar de uma vez por todas as amarras que me prendiam a doentes, consultórios, diagnósticos, enfermarias, poções...”

Tal abandono de amarras podemos constatar como meramente profissional, visto que seu processo criativo jamais deixa de se utilizar da experiência na área da Saúde como diálogo de elementos discursivos.

Desde 1914, através de tese produzida por Genserico Aragão de Souza Pinto¹³¹ - denominada *Da psicanálise à sexualidade nas neuroses* -, os estudos de Freud tiveram sua doutrina propagada nos âmbitos médicos brasileiros. Havia, no entanto, um impasse aparentemente relevado à época: não existia no país uma formação propriamente psicanalítica, fazendo com que tais noções teóricas fossem adaptadas e postas em prática por aqueles formados nas tradicionais faculdades de medicina. É caso do Dr. Francisco Franco da Rocha, notório diretor do Hospital Psiquiátrico do Juquery¹³², responsável pela publicação de um artigo denominado *A doutrina de Freud*, em 1919, sendo posteriormente reeditado como livro em 1930. A primeira versão publicada em tal formato fora batizada de *O pansexualismo de Freud*, em 1920 (o título retomou sua primeira nomenclatura quando reimpresso).

A súmula teórica publicada por Franco da Rocha nos é relevante como fonte à abordagem psicanalítica brasileira nas décadas de 1920 e 1930. As terminologias por ele utilizadas (traduções suas dos originais em alemão), assim como o ordenamento de conceitos, são os compartilhados por Cruls em *Elsa e Helena* - conforme podemos observar explicitamente ao sobrepôr o segundo título de sua obra e o prefácio acima citado. Em linhas

¹²⁹ CRULS, Gastão. *Elsa e Helena*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1927, p. 12. A grafia foi mantida como no original. O nome do professor é propositalmente, pelo autor, censurado.

¹³⁰ CRULS apud SENNA, 1996, p. 236

¹³¹ ANDRADE, Ricardo A. Sobral. *Avatares da História da Psicanálise: da Medicina Social no Brasil à Medicina Nazista e à Medicina Romântica Alemã* apud HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 68 et seq.

¹³² Aos interessados no estudo dessa instituição hospitalar, sugerimos a interessante leitura de *O Espelho do Mundo: Juquery, A História de um Asilo*; por Maria Clementina Pereira Cunha (Rio de Janeiro: 1986, Editora Paz e Terra).

gerais, a “doutrina de Freud” era apresentada como “um conjunto bem travado, em que se estudam: o psiquismo inconsciente, a teoria sexual, a psicologia do sonho, a psicopatologia da vida diária, as nevroses e psiconevroses”¹³³. A historiografia nos ressalta que:

É neste contexto que a medicina assumirá um papel de relevo neste novo projeto político-social. Se, anteriormente, nesta área, a preocupação se centrava mais nos focos de contaminação das diversas epidemias que assolavam o país, agora a medicina se preocupará com a higiene da mais nova *epidemia* do país: a *degeneração* da raça brasileira.¹³⁴

Existe, portanto, um alargamento dos projetos de reforma higienistas no país: aos médicos caberia higienizar corpo e mente dos brasileiros. Esta, no entanto, é uma abordagem profilática, moralista e eugenista dos aspectos psíquicos apresentados por Freud, constituindo uma peculiaridade interpretativa que é atualmente tomada como deturpadora pela psiquiatria. Não nos é relevante, no presente estudo, condenar as leituras feitas pelos médicos de outrora, mas sim, evidenciar a consonância de suas apropriações junto à formulação dos novos moldes de saúde nacional. Tratar de *inconsciente, teoria sexual e psicopatologia da vida diária* é uma tentativa de penetração nas camadas sociais brasileiras, em seus âmbitos, não só aparentes, mas também ocultos, de vícios mentais, reprodutivos e quotidianos; pois “a psicoanálise recorre, como método de exploração psicológica, a uma série de factos que outrora se achavam fora dos processos positivos, tradicionais, de exame clínico: o estudo dos sonhos, dos devaneios, das fantasias, das distrações e dos menores factos da vida diária”¹³⁵.

A questão da *libido* em Freud, força psíquica, é lida como instinto sexual propulsor nas mentes humanas, e este, quando ignorado, era capaz de degenerar um indivíduo social. Daí o tal *pansexualismo* - sendo *pan* o sufixo grego que designa “tudo” -, teoria que afirmava ser inevitável o transbordar do apetite sexual à todas as esferas da vida, gerando questões moralmente condenáveis. Os pensamentos recalçados, aprisionados no *inconsciente*, eram os gatilhos sociais mais perigosos à saúde. Gastão faz proveito justamente dessas problemáticas.

Elsa e Helena inicia sua trama ao sabermos de um paciente suicida, cujos últimos dias de vida haviam sido em um sanatório. Seu interessante relato pessoal cai nas mãos de

¹³³ DA ROCHA, Dr. Franco. *A Doutrina de Freud - resumo geral indispensável para a compreensão da psicoanálise*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930, p. 6.

¹³⁴ ANDRADE apud HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 69.

¹³⁵ DA ROCHA, 1930, p. 104

Cruls, através do seu suposto colega psiquiatra. A obra seria, então, uma transcrição de seu manuscrito enquanto encarcerado à uma instituição de saúde mental.

Elsa é uma garota graciosa e virginal, apresentada a Alexandre (nosso narrador) por intermédio de seu irmão. Este havia conhecido a moça em uma viagem de retorno da Europa, fazendo amizade no navio. Nosso protagonista se apaixona pela moça, de “olhos imensos e estonteadoramente negros, que ora reviam doçura e langueciam na face pallida com o mysterio das aguas mortas e profundas, ora chammejavam ardentes, cheios de febre, animados por um fulgor estranho”¹³⁶. Essa presença conflituosa de temperamentos apresentava-se de maneira marcante e constante.

Há episódios em que Elsa recebe Alexandre em casa de colo praticamente desnudo, como que para atizar-lhe, para que, logo em seguida, arrependa-se dos trajés e, envergonhada, retire-se do aposento. Dores de cabeça perturbam-lhe a vida, arrebatando seu humor debilitantemente. A simbologia do flerte e do arrebatamento se repete frequentemente. Além disso, Alexandre é atemorizado pelo receio de que seu irmão, Mário, apesar já noivo, divide as atenções de seu afeto. Em poucas páginas de romance, tomamos contato com questões de ciúmes, flerte e desejo. Temáticas extremamente freudianas e, ao tempo, libidinosas.

O *inconsciente*¹³⁷ é retratado em passagens como: “é que os grandes sentimentos só se fecundam no mais íntimo do ser, e querem-se vellados, e são tanto mais robustos quanto mais vivem na tranquilidade do nosso mundo interior e ao abrigo das sollicitações externas”. A mente, como um caldeirão de emoções, oculto às nossas percepções diárias, é a responsável por guiar os afetos e atitudes das personagens. E percebamos que “os grandes sentimentos *fecundam* no mais íntimo”, remetendo-nos novamente às práticas sexuais.

Alexandre e Elsa finalmente noivam, mas não em condições de absoluta satisfação, pois há uma notável modificação nos comportamentos da donzela.

A Elsa, aquella Elsa que eu conhecera e me seduzira, nervosa, agil, inquietante, creatura cheia de alegria e vivacidade, com a intelligencia alerta e mordaz, as maneiras communicativas e o riso sempre prompto, amiude fechava-se em si mesma e, de animo detractivo e gestos serenos, apresentava-se totalmente diversa. E diversa até no mais íntimo d'alma, pois que lhe notava inexplicaveis abstracções e alheiamentos com relação à sua vida passada.

¹³⁶ CRULS, 1927, p. 18 et seq.

¹³⁷ Termo aqui tratado em itálico por designar conotativamente o conceito psicanalítico.

(...) Não que ella deixasse de ser carinhosa e meiga. Ao contrario, parecia-me que a sua ternura, toda feita de indulgencia e mansuetude, era ainda maior nessa ocasiões em que, com as mãos nas minhas mãos, assentia em tudo o que eu lhe dizia e, se abria a bocca, era para sentimentalizar, com a candidez de *uma creança* [grifo nosso], sobre os planos da nossa vida futura.¹³⁸

A teoria freudiana - ainda segundo Dr. Franco da Rocha - faz uso da infância como época fundamental de elaboração de significados, de experimentação da libido, a serem manifestados na idade adulta. Alexandre se frustra com a mudança brusca de Elsa, então infantilizada. Como que numa regressão a tal período, a noiva retoma o modo de pensar da criança, confirmando aquilo que “os psicoanalistas afirmavam: o sonho do adulto é um fragmento, já abandonado, da vida psiquica infantil”¹³⁹. Elsa transita entre a sedução adulta e a cacofonia de símbolos infantis.

Seu temperamento “caprichoso e variável”, despertava a desaprovação da família de Alexandre, gerando boatos em seu círculo social. Não há (ainda) uma discussão concernente à sanidade de Elsa, mas sim em relação a seu comportamento em sociedade. Seus “caprichos” eram vistos como mera vaidade. Há, inclusive, um episódio em que, resgatando um anel de opala das jóias de sua falecida mãe, manifesta-se uma espécie de transgressão através da pedraria: a opala seria considerada de “mau agouro” às noivas, mas, nas mãos de Elsa, é batizada pela mesma como amuleto da sorte. Essa temática tão cara a Cruls, sempre a remeter os “anéis simbólicos” como declarações sociais, novamente se apresenta.

Enfim, casam-se. A moça parece finalmente retomar sua vivacidade quando o casal recebe a visita de Mário em sua nova morada, fazendo-a apresentar comportamentos travessos e inquietos. Assim que seu cunhado se afasta, volta aos amos de sempre. Alexandre nos relata seu sentimento de estranheza em relação à dualidade, uma “especie de *masochismo moral* [grifo nosso]”, no qual lhe fazia falta o antigo caráter “mysterioso, contradictorio e sybillino” daquela que o havia conquistado. “Masoquismo”: outro termo freudiano utilizado ao referir-se a libido, fetiche e, claro, a relação de prazer aliada a dor.

¹³⁸ Idem, p. 32

¹³⁹ DA ROCHA, 1930, p. 123.

A simbologia surge na narrativa de Cruls, através da própria decoração dos ambientes em que os recém-casados vivem. No quarto de núpcias, há rosas desabrochando, um pequeno fauno¹⁴⁰ de bronze sobre o relógio de cabeceira, acompanhados de uma figura da Virgem. Tudo no ambiente de convívio de Elsa e Alexandre remete ao sexo, ao desejo pulsante, e sua contraditória relação moral com a virgindade feminina. O rapaz busca em sua companheira uma libido que não lhe é correspondida, como se Elsa enclausurasse uma faceta que era muito mais interessante do que aquela que fazia uso diariamente.

Por isso, não foi sem muito espanto que a vi, numa manhã de domingo, tomada de phrenesi inexplicavel, dar liberdade a todos [os seus pássaros de estimação], abrindo-lhes o presídio e espavorindo-os mesmo a gritos, até que o ultimo se fosse embora. Uns, os mais ousados, ebrios de ar e luz, resurtiam, rapidos, para o azul, e ganhavam de prompto, o recesso das frondes altas. Outros, talvez os já habituados às grades, iam-se atarantadamente, tresvolteando às doiskas pelas cercanias, e poisando inquietos aqui e ali, sobre as ramas mais baixas¹⁴¹.

O que seria tal passagem senão a própria representação de um impulso libidinoso da moça por liberdade? E, mesmo assim, permaneciam aqueles receios e censuras, mantendo-se acerca das gaiolas psíquicas de sua mente. Nervosa e impulsiva, ela ameaça o noivo em tal episódio, inquirindo “e se eu, um dia, sentisse também uma ânsia de liberdade e fizesse como esses pássaros?”. Não por acaso, logo em seguida, desaparece misteriosamente por quatro dias.

Somos informados de que, em um de seus acessos de dor de cabeça, Elsa fez uso de injeções de morfina de D. Mariana, sua tia. O medicamento é claramente um gatilho às pulsões recalçadas de seu inconsciente. Páginas depois, a própria parente, proprietária do medicamento, revela inocentemente que a sobrinha já havia tido comportamento semelhante quando jovem, enquanto viviam em Paris. Voltando apenas tarde da noite em dia de aula, fez-se “caprichosa” e resolveu passear pela cidade sem rumo.

Alexandre, desesperado, procura por sua esposa pela cidade do Rio de Janeiro, adentrando o *Palace-Club*, onde pensa ver um vulto similar a Elsa. Lá, somos transportados a um ambiente no qual o álcool, as danças, o cigarro, as garotas de programa - em sua maioria

¹⁴⁰ O fauno é figura mitológica clássica, muitas vezes representada com uma ereção, a perseguir ninfas.

¹⁴¹ Idem, p. 59

francesas e italianas - e o *jazz* tomam conta da sociabilidade. Um cenário dionisíaco que ressalta o quão presentes são os vícios e as seduções no cotidiano carioca (e das metrópoles brasileiras). Para a narrativa de Cruls, é como se a cidade e a sociedade, apesar de envoltas em discursos moralistas, transpirasse libido e sexualidade. Esta característica é simultaneamente preocupante e sedutora à *belle époque* nacional.

Quando retorna ao lar, Elsa está completamente aflita e não rememora os fatos ocorridos em seus dias de desaparecimento. De corpo trêmulo e chorosa, diz ao marido:

- Alexandre, eu estou morrendo de cansaço, mas morrendo mesmo, e o meu maior desejo era poder dormir... Ah, se eu pudesse dormir e esquecer todo esse horror do que aconteceu comigo e que eu não sei como explicar... Imagine você que eu fui parar em São Paulo e não tenho a menor idéia [sic] do que fiz durante esses dias. Foi só ontem que tive de novo *consciência* [grifo nosso] de mim e fiquei como louca, quando me senti inteiramente só e no meio de tanta gente estranha. Felizmente, ainda tive tempo de pegar o último [transporte] noturno.¹⁴²

É interrogada ciumentamente por Alexandre mas, fora de si, agindo de maneira *inconsciente*, não há como rememorar os acontecimentos. Assim, relega a uma dimensão psíquica inacessível seus comportamentos na fuga. Ao leitor, não só ares de mistério são suscitados na trama, mas também o próprio questionamento: “seja lá o que Elsa fez nesse lapso mental, deve ela ser perdoada?”. Se não há consciência (aqui, digamos, sinônimo de “racionalidade”) em uma ação, deve haver julgamento?

Então descobrimos que, quando ainda em São Paulo, Elsa apresentava-se socialmente como Helena Davidson, mulher de forte sotaque anglicano. Tendo, inclusive, alugado um quarto de hotel com tal nome e comprado uma bolsa na qual mandou gravar as iniciais “H. D.”. Sob a nova identidade, frequentou *clubs*, cabarés e bares. Somente à partir de tal revelação que iniciam-se questionamentos em relação à sua sanidade e saúde.

Encaminhada a um médico, é diagnosticada apenas com uma “asthenia nervosa”, que “seria facilmente combatida”. O profissional, no entanto, “mostrou-se mais reservado e não quiz tomar para si a responsabilidade de assegurar que tal episódio, capitulado como um desdobramento de personalidade, não se viesse repetir uma ou mais vezes”. Aparentemente,

¹⁴² Idem, p. 95

Cruls aqui revela o grau de amadorismo profissional dos formados em medicina quando expostos a casos tipicamente relegados à área da saúde psíquica.

O caso apenas se agrava, pois “agora, aumentando a aflicção do afflicto, era Elsa quem vinha falar nessa ‘outra’, alma em sêr, phantasma, força diabolica, fôsse o que fôsse, que estava dentro della e tambem lhe fazia medo”. Assim como na literatura vitoriana inglesa (vide *O Médico e o Monstro*, de Stevenson), a obra de Cruls evidencia que talvez haja, nos trâmites da mente, a eterna incerteza de um golpe de forças sombrias, que residem dentro daqueles que moralmente se apresentam como modelos sociais.

O casal se muda para uma fazenda (batizada, talvez por ironia do autor, de “Fazenda da Esperança”), a fim de trazer novo ambiente à saúde de Elsa. Há uma aparente melhora em sua fisionomia, mas a paz é logo interrompida:

Uma manhã, já a hora do almoço, quando eu regressava de uma longa excursão, a cavallo, aos cafezaes mais distantes, Elsa contou-me consternada que, ao fazer a visita matinal ao oratorio, o encontrara totalmente remexido e desarrumado. Mãos sacrilegas haviam mudado a posição das imagens, virando-as de costas ou mesmo de cabeça para baixo. A lamparina fôra emborcada sobre o altar e o oleo, espalhado pelo mantel, escorrera até o chão. Todas as flôres que adornavam alguns vasos, tinham sido perversamente despetaladas e os restos amontoavam-se a um canto da sala.¹⁴³

É possível estabelecermos uma analogia entre o oratório e o próprio estado psíquico de Elsa. Há uma característica quase possessiva entre o relato e sua aflicção, ficando claro ao leitor (mas não a seu marido) que ela mesma havia provocado tal “sacrilégio”. Simbolicamente, o ato de inverter imagens, verter o óleo da lamparina (escurecendo o ambiente) e despetalar flores (uma violação à virgindade, em seu significado mais amplo) é, dentro da psicanálise, um signo de embaralhamento da suposta harmonia psíquica. A assombração não reside fisicamente, mas psiquicamente na vida da moça.

Episódios posteriores relatarão momentos de sonambulismo e um sentimento de perseguição. Cruls, portanto, ao elaborar a gênese sua protagonista, não só a encara como personagem de uma trama, mas também como caso clínico. A cada capítulo, o leitor é

¹⁴³ Idem, p. 133-4.

informado de sintomas, que funcionam como *plot twist* na narrativa, provocando um desejo de *diagnosticar* o que se passa com Elsa.

Alexandre, mais e mais familiarizado com a tal Helena, faceta alternativa da esposa, decide por provocar sua aparição. Rememorando o episódio de sumiço, substitui a injeção de tônico que fora prescrita à doente por uma de morfina. Em poucos minutos, Helena se apodera do corpo de Elsa. Fumante, sedutora, fã dos aperitivos alcóolicos, a contraparte faz com que se apaixone perdidamente... Desejando que a esposa jamais retorne a seu estado anterior. Aos poucos, injeta doses cada vez maiores de sedativo, inclusive misturando-os à comida e à bebida da moça.

Repentinamente, em um ato de provocação, Helena informa Elsa, através de uma carta, das intenções de seu marido. Aflita, ela se enclausura em seu quarto, de portas trancadas, em jejum. A narrativa toma ares de agonia, com Alexandre desesperado por tentar incitar novamente a transformação. Helena, que por um breve momento retorna, o informa que bastaria tomar uma boneca de pano das que decoravam a casa e praticar a injeção. A intenção do ato, por si só, faria com que retornasse sempre que assim fosse seu desejo.

Em primeira leitura, podemos tomar tal reviravolta como uma licença fantasiosa dentro de uma narrativa que, até então, era essencialmente clínica. No entanto, há espaço interpretativo suficiente para que indaguemos se Alexandre, atingido pelos acontecimentos recentes, não acaba por desenvolver ele mesmo um transtorno mental. Uma das hipóteses seria uma *paranóia*, caracterizada por Franco da Rocha como:

Na *paranoia*, Freud tem encontrado, recalçadas, tendencias sexuaes diversas, e a principal força do recalçamento seria nesses casos o desgosto, a repugnancia, o que quer dizer que o paranoico é, em suma, um autoacusador. Isso se torna possivel pelo mecanismo que êle denomina de *projeção*, isto é, o paciente projecta sobre as pessoas de sua convivencia os sentimentos de odio que lhe surgem dos recalcados sentimentos de amor...¹⁴⁴

O médico faz uso da explicação para justificar o comportamento homossexual, no entanto, tomemos a teoria geral e apliquemos à personagem em termos psicanalíticos amplos. Desgostoso de seu casamento com Elsa, o protagonista *projeta* seus desejos sexuais recalcados (talvez o próprio “masoquismo moral” que menciona anteriormente) em Helena,

¹⁴⁴ DA ROCHA, 1930, p. 197

tornando-a objeto de desejo, simultaneamente a um sentimento de culpa por provocar o adoecimento intencional da mulher com quem se casou.

O desfecho do romance é pessimista: Alexandre provoca uma overdose na esposa, enlouquece e é encaminhado a uma ala psiquiátrica hospitalar.

É inovadora a forma como Gastão Cruls confecciona um discurso ambíguo de moralidade e saúde mental. Ambas protagonistas são personagens que não se apresentam como odiáveis ou detestáveis, pois são atravessadas por vieses morais revestidos de desvios psicológicos. Não sabemos dizer se são vítimas de suas saúdes deturpadas ou culpáveis por agirem através de impulsos da *libido*. Seus sofrimentos são a essência da trama, não os atos em si. Esses serão os ditames que governaram a ficção romanesca de Cruls ao longo de toda a sua produção posterior.

Sete anos após o lançamento de *Elsa e Helena*, é publicado seu próximo romance, *Vertigem*, através da editora Ariel, por ele comandada ao lado de Agripino Grieco. Temáticas freudianas permanecem como visíveis influências inspiradoras, mas desta vez sob a ótica de um médico - ou seja, um porta-voz da saúde - como protagonista. Há também resquícios de referências à obra póstuma de Joaquim Manuel Macedo, *Amores de um Médico*, publicada na década de trinta pela editora Sociedade Imprensa Paulista .

A sobreposição de sua obra anterior com esta mais recente, nos proporciona a revelação do conceito dialógico de Bakhtin¹⁴⁵, fazendo com que possamos estabelecer um diálogo entre ambas narrativas e, assim, extrair quais vozes comuns emergem, assim como suas temáticas.

Acompanhamos em *Vertigem* a vida de Dr. Amaral Marcondes, em seus “cinquenta e poucos anos”, casado, pai de filhos adultos (“bem criados”) e extremamente bem sucedido em sua carreira como profissional clínico e catedrático. O doutor é um exemplar notório do tirocínio médico, dedicado totalmente à profissão. “Tudo isso, entretanto, quanto trabalho não lhe custara!”, diz Cruls, “interminas vigílias sobre os livros, o manuseio insistente das revistas mais modernas, a frequência diária do hospital, a assiduidade junto dos doentes, sem horas para refeições nem tempo para dormir...”¹⁴⁶. O anel simbólico de esmeralda tinha seu devido preço, disso já sabemos.

¹⁴⁵ Vide Introdução do presente trabalho e a discussão metodológica ao redor de Mikhail Bakhtin.

¹⁴⁶ CRULS, Gastão. *Vertigem*. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1934, p. 18. A grafia foi mantida como no original.

A reviravolta se dá na corrupção dessa ética impecável e bonomia: Marcondes se apaixona por uma paciente. Sr. Braga, ex-colega de profissão, que abandonara a carreira para tornar-se deputado e figura política (vejamos aqui como se evidencia a circulação profissional polivalente após a graduação médica), chama Dr. Marcondes para atender o marido doente de sua sobrinha. Essa consulta domiciliar é o episódio de abertura da narrativa, na qual conhecemos a jovem Clelia, que se tornará o alvo das afeições de nosso protagonista.

O encontro com a moça desperta sorrateiramente uma paixão e uma crise de idade, que se desdobram a cada capítulo. Existe uma vaidade ferida em Marcondes, que começa a duvidar do frescor de sua imagem: sentindo “o vexame do pouco trato que sempre dera às cousas do vestuário, e como se um espelho lhe reflectisse a figura, viu-se de barba agrisalhante e mal cuidada, mettido num daquelles ternos amplos e frouxos, sempre de côr escura...”. A *libido*, nesse caso, não apenas despertou paixões, mas também um desejo de revisitação à juventude.

Apesar disso, a idade muitas vezes é sinônimo de experiência a Cruls. Cassio Gama, genro de Marcondes, compartilha de sua formação médica, mas é somente apresentado como um charlatão. Chegou a ser aluno do sogro, mas “nunca fôra propriamente seu discípulo”, não era presente a dedicação necessária ao título que obtivera. Há uma retomada das questões de vocação na área. Cassio surge como elemento de contraste a Marcondes, por ser portador da juventude desejada, mas, em contrapartida, atuar de maneira embaraçosa como médico: não visita enfermarias constantemente, mal faz plantões, repetidamente pede ao sogro por uma intervenção (leia-se “indicação”) para que seja nomeado a postos profissionais melhores na área... Existe até mesmo um episódio em que, inadvertidamente, Marcondes descobre que o genro atua em uma especialização que sequer lhe corresponde:

O Dr. Marcondes, quando em plena actividade, mal tinha tempo de passar os olhos nos jornaes. Agora, com enormes dias deante de si, enchia bôa parte da manhã com a leitura das folhas matutinas. Foi assim que lhe despertou a attenção, mesmo porque, pelo seu typo maior, se destacava entre outros muitos, o annuncio de um tal Dr. C. Gama, com consultorio no Meyer, e que, além de apregoar a “cura radical” da asthma e do diabetes, ainda se dizia especialista de doenças das senhoras, com processo seu, “sem dôr e sem perigo, para fazer volta rapidamente as regras em atrazo”.¹⁴⁷

¹⁴⁷ Idem, p. 167.

Passando-se por farmacêutico, forjando uma cura de duas doenças incuráveis e oferecendo serviços abortivos (“as regras” seriam referência da época à menstruação), Cassio era o exemplo vívido do profissional abominável na área médica. A narrativa apresenta, então, ao menos três personagens cuja formação é similar, mas cuja atuação diferencia os graus de prestígio social: Marcondes (exemplar), Braga (refugiado na política) e Cassio (“charlatão”).

O desejo de Dr. Marcondes é escandaloso por ser moral e eticamente transgressor: afeiçoar-se por uma paciente, casada, mãe de uma criança pequena e bem mais jovem. Além disso, a contradição se acentua quando percebemos que vivia em relativa harmonia domiciliar, visto que sua esposa, D. Alice, era o exemplo da dona de casa ideal.

Alice, um pilar familiar harmônico, era a responsável por zelar pelo sossego do marido; arrumando a casa, organizando jantares, ordenando a criadagem, preocupando-se com a “fama” das filhas e filhos nas ruas, etc... Desavisada de que seu casamento perfeito era perturbado pelo anseio libidinoso de Marcondes, conquista nossa simpatia, mas jamais é tomada como páreo à sua competidora mais jovem. Clelia havia levantado os ânimos do seu novo médico de família:

Era tão grande a sua transformação, tão violenta a onda de seiva nova que lhe subia pelos musculos, enchendo-lhe o coração, abrindo-se-lhe no cerebro em pensamentos rutilos, que elle começava a temer pela sua saude, no receio de uma daquellas insidiosas doenças que chegam aos velhos como um hausto resuscitativo, um milagroso lampejo de juventude, mas em pouco os levam à demencia, ao marasmo, à morte. Na paralyisia geral...¹⁴⁸

Atentemos a essa passagem, pois ela reverberará na ficção de Cruls anos adiante. O novo sopro de vivacidade não se apresenta no âmbito do espírito, do romantismo, do amor... Aqui temos evidências *biológicas* pulsantes de um despertar *cerebral*, sanguíneo e, conseqüentemente, *prejudicial* à saúde. Gastão não fala de uma mera paixão arrebatadora, ele retrata um quadro clínico de possível degenerescência.

O erotismo domina a narrativa, em episódios como o exame físico de Clelia em uma consulta, extremamente antecipada na imaginação de Marcondes, que ambicionava por “sentir-lhe as palpitações da carne moça...”. O médico nunca havia sentido “uma dôr assim”, que talvez se manifestasse como “um simples lance nevrálgico, sem qualquer significação”, mas que “poder-se-ia pensar num violento affluxo de sangue para o lado do bulbo ou outro

¹⁴⁸ Idem, p. 30

centro nervoso possivelmente em relação com os fenômenos de sexualidade”. Os fenômenos fisiológicos do médico são indissociáveis das fantasias sexuais que perpassam sua mente. Há uma regressão no treinamento medicinal que, conforme vimos anteriormente, tanto se preocupava em distanciar os corpos como ferramenta de trabalho reveladores de sintomas, não sujeitos a despertar projeções. Vejamos o quão *risqué* se compõe a descrição da cena:

Com a cabeça apoiada no peito de D. Clelia, o Dr. Marcondes auscultava-lhe o thorax. Atravez da toalha de linho fino, o seu ouvido, passando de um ponto a outro, sentia-lhe a pelle humida, a macieza do collo ondeante...

Era tão grande a sua perturbação, batiam-lhe tão fortemente os vasos do pescoço e das temporas, que elle mais ouvia o rythmo descompassado do proprio coração do que o do outro, que procurava conhecer. Estaria ambem alterada a sua voz? Um tremor incoercivel tomara-lhe o corpo todo e talvez que a emoção trahisse na primeira palavra pronunciada. Sempre de rosto baixo, balbuciou a medo:

- Deixe de respirar um instantinho

Depois a toalha foi levada mais para o lado e, enquanto D. Clelia levantava o braço nú, a sua cabeça repousou por alguns momentos sob a axilla effluviosa e pennujenta.

Mas tudo aquillo se passara com tal febre dos seus sentidos, numa tão inesperada confusão de sensações, que elle, talvez pela primeira vez na vida, ao terminar um exame clinico, se achava inteiramente desarvoado e seria incapaz de fazer qualquer juizo diagnostico.¹⁴⁹

Marcondes falha, como profissional da saúde, em cumprir seu papel. Atordoado pelo desejo sexual, deixa de enxergar a paciente como objeto de estudo e passa a tomá-la como objeto de volúpia. É como se fosse retirado do seu antigo sacerdócio médico, entregue a uma tentação incabível. À partir de tal episódio, suas *censuras* - utilizadas aqui como conceito da psicanálise - baixam suas guardas e o protagonista sucumbe até mesmo ao consumo álcool (coisa que não praticava há anos) e contrata os serviços de uma garota de programa moça, traindo pela primeira vez sua esposa. Franco da Rocha já havia advertido que “a sociedade, entretanto, tolera uma moral sexual dupla em beneficio do homem, reconhecendo a dificuldade da rigorosa manutenção de sua lei monogâmica”. A D. Alice, então, restava o papel da “pobre mulher” traída, “portadora dos interesses sexuaes do homem, [cabendo]

¹⁴⁹ Idem, p. 78

aguentar-se como puder, [sublimando] seus instintos no amor aos filhos, [reprimindo] ou [recaando] o resto de energia que esse amor não pode neutralizar”¹⁵⁰.

Com sua psique corrompida, Marcondes provoca o mesmo à sua saúde, embriagando-se em prazeres carnis. Revela-se uma hipocrisia em suas maneiras, visto que chega a receitar repouso sexual a alguns pacientes (homens) de sua clínica, para descanso dos nervos. Nessa passagem, Cruls abandona as entrelinhas e cita Freud, dizendo que, no caso de uma consulta, “mais adiante remotamente occulta, encontrava-se sempre a *libido irreprimível*, o formidável *instincto* de procreação”. Marcondes rememora sua antiga incredulidade “ao tomar conhecimento dos primeiros trabalhos de Freud”, que já “classificara tudo aquilo [como] ‘escolastica da pornographia’”. Agora, detendo-se mais atentamente no diagnóstico do desejo sexual de seus pacientes (de também meia idade), era mais fácil “descer a um mais detido exame da *psychologia affectiva* de seus clientes para descobrir desde logo nas sensibilidades feridas, nos instintos *recaados*, nos *desejos contrafeitos*, o muito que havia de verdade na doutrina do grande sabio viennense”¹⁵¹. Uma exaltação nem um pouco disfarçada da validade do método psicanalítico aos olhos do progresso médico.

Gastão não se satisfaz com a mácula na antiga vida exemplar de Marcondes, revelando mais adiante que sua bela Clelia, aflita, procura pelo doutor para que trate de um rapaz desconhecido. Este, no caso, é seu amante. A jovem, também vítima da própria sexualidade, entrega-se à infidelidade; impassível àquilo que, em uma passagem, é apresentada como a “força da natureza”.

A agonia toma maiores proporções pois, agora, nosso protagonista deve lidar com seu irreprimível desejo *aliado* ao ciúme. Marcondes chega até mesmo a cogitar uma sabotagem ao tratamento do doente, para que assim liberte sua amada de seu vínculo afetivo. Decide, no entanto, pela dedicação à cabeceira hospitalar, optando pela cura do amante de Clelia como signo de demonstração afetiva.

Isso não o impede de desenvolver perturbações inconscientes, ilustradas em um pesadelo ao adormecer:

Vira-se numa sala immensa e longa, de assoalho reluzente e largas janellas gradeadas. Ao fundo, havia um grande altar com cirios deante de uma imagem da Virgem. Em tudo e por tudo era a sua enfermaria na Santa Casa.

¹⁵⁰ DA ROCHA, 1930, p. 80

¹⁵¹ CRULS, 1934, p. 84. Grifos nossos.

Apenas, o vasto salão poder-se-ia considerar vasio. Nelle não restavam mais do que duas das suas camas de ferro, estas mesmas dispostas lado a lado, bem junto à parede que ficava fronteira ao altar.

Numa dellas, estava Gino [o amante], tal como elle o vira naquella tarde, mas, talvez, em estado ainda mais grave, de extrema prostração, de olhos semi-cerrados, a respiração offegante, nos labios um sarrido de moribundo.¹⁵²

A Virgem, as flores, um altar em contraposição à cama do doente moribundo... A religiosidade sobreposta à morte iminente e o sofrimento dos doentes. Aqui temos uma alegoria simbólica que é herança da experiência de Cruls nas enfermarias, do contato com a saúde debilitada. O pesadelo prossegue com Dr. Marcondes vendo-se na cama ao lado do rapaz, insensível. A escuridão é dissipada quando:

De repente, batida por um jorro de luz mais forte, no outro extremo da sala, a imagem da santa começou a animar-se. Movia-se e transfigurava-se. Já não era mais ella. Quem vestia agora o seu manto era Clelia. E não havia mais manto. O tecido pesado fizera-se numa gaze tenue. Estava mesmo se esgarçava por fim e não havia mais nada. Clelia estava nua.

Assim como no sacrilégio provocado por Helena ao inverter as imagens do oratório de Elsa, a santidade da castidade alegórica é corrompida. De Virgem, Clelia transfigura-se em súcubo, fruto de tentação carnal. Até mesmo “acenando com os braços: - ‘Venham! Serei do primeiro que aqui chegar’”. Marcondes, estupefato, deseja levantar imediatamente e tomar-lhe o corpo... mas constata que seus membros estão paralisados. Seria esta a tal “paralysia geral” da demência, citada anteriormente por Cruls? Gino começa a agitar-se, em movimentos convulsivos, erguendo-se de sua doença.

De um salto, o doente ergueu-se. Era outro. Devia ser o Gino que elle não conhecia, o athleta perfeito, o homem de musculos elasticos e movimentos lesto. Venceu a extensão da sala numa carreira, deixando as peças do pijama pelo caminho, escalonou o altar, alçou os braços. Depois, já em triumpho, trazendo de encontro ao peito vigoroso a graciosa forma branca, veio em direcção a elle, *em postura priapica* [grifo nosso], e disse com um sorriso de escarneo: “Agora é que você vae vêr como se possui uma mulher”.

¹⁵² Idem, p. 210 et seq.

O sonho é carregado de tensão sexual, aludindo mitologicamente à ereção (Priapo), que, por sua vez, já aparecera como referência no prefácio de *Elsa e Helena*. A *libido* aqui toma duas formas biológicas: degenera Marcondes, aprisionando-o em uma paralisia e incapacidade de reação; dignifica Gino como “macho alfa”, resgatando-o da doença. Uma força tão potente que permeia a vida e o leito de morte.

Trazemos aqui um sonho fictício como material de análise pois tais confecções psíquicas eram fonte cara à psicanálise. O “motivo-força do sonho é fornecido pelo inconsciente, e devido a isso temos que presumir o sistema inconsciente como ponto de partida da formação do sonho”¹⁵³. O “impulso onírico” revela tudo aquilo que durante o dia “está fechado para a censura”, e que, à noite, “alcançam entrada na consciência”. Não estamos aqui lidando com uma simples fantasmagoria, mas com a revelação das forças veladas pela mente. A eterna batalha entre o *consciente* e o *inconsciente* traz o sentimento de vertigem ao homem, título da obra de Gastão.

A pobre jovem é desmascarada socialmente e, como adúltera, perde o posto de figura social digna. Marcondes, cujos sentimentos platônicos nunca são confessados a ninguém e terminam por dissipar-se ao descobrir que sua esposa sofre de um tumor, torna-se herói por ter salvado da morte o amante de sua paciente, sem nada revelar nas suas rodas de convívio. O doutor exemplar e ético, que respeita a confidencialidade da relação médico-paciente. A ironia de Cruls nunca decepciona.

Por fim, ainda de forma polifônica, analisaremos a obra *De Pai a Filho*, último romance publicado por Gastão Cruls, em 1954. Inicialmente batizado de *Édipo*, citado como esboço pela primeira vez em 1946, em entrevista concedida a Cristiano Medeiros ao *Jornal do Brasil*, “seria ainda uma história a conferir mais um ponto àqueles que acreditam [Gastão] com uma tendência para os assuntos mórbidos”. No entanto, “como acontece na maioria dos [seus] trabalhos, o tema, levado para outro plano, apoiar-se-ia em facto perfeitamente verídico, ocorrido na França”¹⁵⁴. Não nos foi possível rastrear tal caso real que lhe serviu de inspiração, mas aqui faremos uso novamente da teoria psicanalítica como ferramenta comparativa no discursivo fictício.

¹⁵³ DA ROCHA, 1930, p. 29-30

¹⁵⁴ CRULS apud MEDEIROS, 1946.

A narrativa claramente toma como base o (atualmente já) famoso *complexo de Édipo* no desenvolvimento de relações entre protagonistas: este, é caracterizado por “uma atração sentimental incestuosa, absolutamente inconsciente”¹⁵⁵, manifestando uma “fixação do amor que [liga] o [jovem] à sua própria mãe (sublimação de libido) [influindo] decisivamente na escolha de [sua] noiva”. Tal ficção é o ápice da produção psicanaliticamente inspirada em Cruls.

Dividido em três partes, composto por mais de quinhentas páginas, *De Pai a Filho* é uma trama complexa, longa, grave e densa; recebendo, inclusive, o Prêmio Literário Luiza Cláudio de Souza (concedido através do Pen Clube do Brasil) dois anos após seu lançamento. Gastão deposita em seu processo criativo todas as suas referências como intelectual: passada em 1900, a narrativa abarca elementos de eventos históricos de sua época (citações à Revolta da Armada, à abolição, à República), dialetos de personagens (nordestinas e sulistas), o cotidiano brasileiro das elites (eventos sociais, casamentos), além de episódios cujo teor é essencialmente revelar o sofrimento humano na doença (o definhar da psique, a ameaça da mortalidade). Essa riqueza de detalhes se dá graças a seu interesse pelas temáticas nacionais desde o início de sua carreira, ora culturais, ora medicinais; além da recente publicação de *A Aparência do Rio de Janeiro* (1949), ensaio histórico sobre a cidade carioca, encomendado por José Olympio e sob indicação de Gilberto Freyre.

Há uma profusão de personagens e tramas paralelas no universo criado por Cruls, nossa preocupação, no entanto, é dirigir as atenções às personagens cujos desenvolvimentos ilustram as situações médica e de saúde por ele concebidas. Essencialmente, portanto, nos manteremos próximos aos protagonistas Alberto e Teresa.

A primeira parcela do romance nos apresenta a casa de D. Pepê, uma senhora casada, enquanto recebe visita de Teresinha¹⁵⁶, jovem amiga da família. Ambas encontram-se em rebuliço pois Alberto, vizinho da frente, acabara de enviuvar, perdendo sua esposa (D. Margot, francesa) à febre amarela. O casal era o comentário da cidade, sendo chamado “êle, o biltre, o bilontra, o bigorrilha, e ela, a sécia, a cômica, a tipa”¹⁵⁷. Agora, o enterro da dama seria o novo evento social a ser admirado. Gastão geralmente aflora em suas personagens uma

¹⁵⁵ DA ROCHA, 1930, p. 45-6

¹⁵⁶ O vocativo da moça alterna entre “Teresinha” e “Teresa”, dependendo de quem se dirige a ela.

¹⁵⁷ CRULS, Gastão. *De Pai a Filho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 15. Grifos do autor.

morbidez envolta em voyeurismo, talvez caiba citarmos o termo que gostava de atribuir a vários de seus médicos fictícios: é uma sociedade composta por “mortícolas”.

Ao observar o viúvo pelas janelas da casa, Teresa apieda-se do rapaz e acaba por desenvolver uma sede por notícias sobre sua pessoa. Inscrita em um curso de canto na cidade, possuía um pretexto para visitar semanalmente a casa de D. Pepê e fantasiar sobre Alberto na casa à frente. O moço, que era conhecido seu desde a infância, além de doze anos mais velho, toma ares de objeto de desejo, repentinamente abarrotando a paz de espírito da protagonista. Aqui, no entanto, não há tanta sexualidade a pulsar na narrativa, é uma paixão regida pela admiração pueril.

Após dias prostrada na casa de D. Pepê e, alternadamente, na de D. Chiquinha, mãe do rapaz...

Enfim, chegara o grande dia. Quase à hora do almoço, Alberto entrou na sala. Vinha de escuro, mas não de luto. Trazia até gravata clara.

- Vejam os se vocês se reconhecem - disse D. Chiquinha, quando êle se dirigiu para Teresa, depois de ter cumprimentado D. Pepê.

- Como não? - disse Alberto sorridente. - Pois se eu, muitas vezes, ao passar na rua, apanhei a bola com que ela jogava no jardim. Mas está uma moça...

- Moça só, não. Moça e bonita - completou D. Chiquinha, dirigindo-se para a mesa, onde tomou a cabeceira.¹⁵⁸

O flerte inicial havia sido feito, daí em diante, Teresa alimenta as esperanças de conquistar as atenções do rapaz. Ele, em contrapartida, ainda se recuperava da perda. Realizando uma viagem à Europa, é tentado pelos prazeres das sociabilidades regadas a álcool e sexualidade. Alberto é o portador do apetite sexual freudiano. Durante seu afastamento das terras brasileiras,

(...) Alberto já sentia falta de mulher. Havia mais de três meses que vivia com o sexo adormecido. Depois da morte de Margot, nunca mais quisera voltar ao grupo de seus amigos, aos centros de boêmia, onde buscava suas aventuras. É que tudo lhe recordava a morta. Os teatros e restaurantes que frequentavam. Os clubes em que se divertiam. Lá, onde quer que aparecesse, havia de encontrar os habituados de sempre.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Idem, p. 44

¹⁵⁹ Idem, p. 84 et seq.

Destaquemos, adiante na passagem, que Gastão, explorando mais uma vez os terrenos da sexualidade, dá um passo adiante e rapidamente cita um comportamento que também era objeto da psicanálise.

Apenas à véspera da partida [da Europa], fizera questão de despedir-se de Renée, a amiga mais íntima de [Margot], e muito desvelara à sua cabeceira, desde o primeiro dia da doença. Mas nem tivera coragem de procurá-la na pensão. Mandara-lhe um recado e tinham-se avistado numa confeitaria. *Renée passava-se por lésbica* [grifo nosso], embora pequenina e graciosa - verdadeira figurinha de Saxe - tudo nela fôsse bem feminino. Não era dos seus menores encantos um sinalzinho prêto, disposto logo acima de uma das comissuras labiais, e que lhe tornava o sorriso provocante e malicioso. Apenas, notar-se-lhe-ia, na maneira de vestir, um certo arremêdo de modas masculinas. (...)

Sabedor de sua fama, ciumento como era, Alberto, quando passara a viver com Margot, olhava-a sempre com certa desconfiança. E teria havido alguma coisa entre elas? (...) Aí, onde o amor é apenas sexo, muitas vezes duas companheiras de aproximam e se acariciam menos por vício do que à falta do aconchego e da ternura que não lhes dá o cliente de passagem.

Renée, mesmo sendo personagem de nota de passagem, traz à tona a “homossexualidade”¹⁶⁰ e o “travestismo” (termos já utilizados à época) com ares prosaicos de naturalidade, quase chocante, se levarmos em conta o quão empenhada a psiquiatria (principalmente sob os olhos de Franco da Rocha) estava em combater as “inversões sexuais”. Além disso, podemos constatar que o termo “lésbica” já era utilizado nos anos cinquenta, mesmo que em moldes de contraposição com as características femininas. Espalhados ao longo da obra, os interesses freudianos preponderaram esporadicamente até mesmo em breves anedotas.

Ainda concernente às temáticas do corpo, Gastão chega até mesmo a citar a prática europeia da tatuagem, adquirida por Alberto em seus dias de Paris. “É que com isso obedecia os ditames da moda”, pois “estava em voga um artista inglês, tido pelo Miguel Ângelo das tatuagens, que já submetera ao mesmo processo dos desenhos indelévels, mas ricamente

¹⁶⁰ A afeição homossexual também é por Cruls tratada em “Arrependimento”, conto de *História Puxa História* (1938), no qual um discípulo de um professor de medicina por ele se apaixonou, sob desconhecimento de seu mestre.

trabalhados e coloridos, pelas augustas como as do Duque de York e do Príncipe Cristiano da Dinamarca”¹⁶¹. Aqui há uma certa ambiguidade na simbologia de se marcar a pele: ato que poderia ser visto como arte tribal, excentricidade (casos mais prováveis aos olhos do autor) ou demonstração física de uma degenerescência inata (aos olhos de aprendizes sobreviventes dos estudos médicos de Cesare Lombroso sobre o “criminoso nato”, ao observar que “apesar de não apenas restrita a criminosos, a prática da tatuagem mais incidente neles do que nas pessoas normais”¹⁶²). Sendo ou não hábito europeu de tendência, um estigma encontrava-se presente.

A paixão de Teresa retorna às terras brasileiras, para absoluta felicidade dela e de D. Chiquinha, desejosa em fazer da moça sua nora. Os planos são bem sucedidos e ambos logo noivam e se casam. Finaliza-se assim o primeiro terço da narrativa.

A segunda parte nos transporta doze anos afrente, quando Teresa, pela primeira vez, “começava a viver dias amargurados”. Após receber um telefonema anônimo, que ela desconfiava ter sua origem no ciúmes de um ex-pretendente, Dr. Juvenal Borges, é informada de que Alberto está a perambular pela cidade com uma suposta amante. Não teria dado ouvidos a tal denúncia, se o marido não estivesse agindo de maneira estranha ultimamente: relatava dores de cabeça constantes, estava sempre desatento, confuso, voltara a beber como quando solteiro, gastava vertiginosamente com presentes a ela e artigos de luxo...

“É que a partir de certo tempo, surpreendia no marido lapsos inexplicáveis de memória... Até acontecimentos recentes, fatos de ontem, tornavam-se-lhe inteiramente esquecidos”. Quando confrontado, “apresentava sempre a mesma inexpressiva fisionomia de pasmo (...) mas não tardava que se convencesse do seu êrro, para logo exclamar: - ‘ah, esta minha cabeça, esta minha cabeça!’”¹⁶³... *Ecos de Elsa e Helena?*

O filho do casal, Betinho, era fascinado pelo pai. A relação de ambos era de extrema proximidade, apesar de Alberto não se contentar com apenas um elemento como sua prole. Teresa havia engravidado outras vezes, mas acabara por resultar em um natimorto e dois abortos espontâneos. O apetite sexual intenso do esposo se justificava no seu desejo por uma filha.

¹⁶¹ CRULS, 1954, p. 114-5

¹⁶² LOMBROSO, Cesare. *Criminal Man*. Londres: G. P. Putnam, 1911, p. 45. Disponível em: <https://archive.org/stream/criminalmanaccor00lomb/>, acesso em 12/12/16.

¹⁶³ CRULS, 1954, p. 199

Um homem da sua virilidade não podia ficar no filho único. Queria a todo transe a menina com que sempre sonhara. Mas com isso se entregava a *paroxismos amorosos* [grifo nosso], que talvez não contribuíssem pouco para um desequilíbrio nervoso, de que aquelas manifestações seriam os primeiros sintomas. Todavia, malgrado os seus protestos de uma rija saúde e uma robusta constituição, Alberto andava positivamente fatigado. Tanto assim que não lhe eram raros uns rápidos e pesados sonos, tirados aqui e ali, em pleno dia, e, às vezes, no curso de uma conversa.¹⁶⁴

A intensidade de orgasmos de Alberto seria a responsável por um desgaste mental e físico de seu corpo, ao menos aos olhos de Teresa. Apesar de demonstração de virilidade, a vida sexual tão atarefada poderia modificar a constituição da saúde do homem. Essa manifestação da *libido* simboliza sua entrega a instintos primitivos da psique. Logo na página seguinte, a esposa relata uma cópula praticamente animalesca entre ambos e, cujas consequências, são a reviravolta futura no romance.

Fôra uma cena que ainda a enchia de vergonha. Tão inesperada e inaceitável na sua crueza, que chegava a duvidar a tivesse vivido. Uma tarde, quando o marido voltava da cidade e ela, como sempre, o fôra receber, sentira-se de súbito estreitada nos braços de Alberto que lhe procurava a bôca e a arrastava para um canapé. E ali mesmo, numa saleta aberta e a dois passos do quarto em que Betinho brincava, vira-se obrigada a aceitar-lhe as carícias. E era tal o seu arrebatamento, tão grande o pêso com que lhe caía sôbre o corpo, comendo-lhe o rosto de beijos enquanto com mãos ávidas lhe descompunha as vestes, que Teresa, no temos de consequências imprevisíveis, decidira entregar-se-lhe sem maior resistência.

É brutal a descrição do ato sexual, no qual Alberto praticamente ataca, canibalesco, a esposa. Esta, cedendo, sacia-lhe o desejo incontrolável. É como se Alberto fosse a sombra, a Helena de outrora, e Teresa a vítima, Elsa. É curioso notarmos que a cena provocara vergonha, pois o descontrole dos impulsos, ao menos desde o século XIX, era condenável socialmente.

O pai de família apresentava-se alternadamente enérgico ou abatido, naquilo que Freud deliciaria-se em estudar. Há uma temporada em que decide passear de bicicleta por

¹⁶⁴ Idem, p. 220.

Petrópolis com o filho, insistindo que a mulher o acompanhe. A tia de Teresa apresenta-se horrorizada, pois “já não estavam em idade para tais façanhas”.

Posteriormente, num baile de natal do clube em que são sócios, Alberto “dançara sem parar, como um rapazinho de dezoito anos”, passando de par em par, fazendo o “uso imoderado da champanha”. A libido consumia-lhe o corpo, buscando vazão até mesmo fora do âmbito familiar, para descontentamento de Teresa. Esta, preocupava-se, “porque a portas fechadas e sem o perigo de ser surpreendida, (...) também se contagiara do desejo sensual e por várias vezes [ele] lhe arrancou dos flancos os êxtases da volúpia”¹⁶⁵. É curioso notarmos como o desejo se categoriza como contágio, não apenas como um despertar caprichoso.

O caso se agrava ao longo da história, quando Alberto adere a episódios intempestivos, como um no qual, na mesa de jantar de colegas, resolve mostrar a tatuagem feita em Paris e dizer que, se pudesse, cobriria todo o corpo de desenhos.

Chegam os tempos de carnaval. E as personagens, como cobaias que são da psicanálise entregam-se àquilo de Franco da Rocha chama de “épocas de fantasia malucóide, marcadas no calendário”. “O carnaval nada mais é do que a necessidade, reconhecida por lei, de se regressar à infância durante alguns dias”¹⁶⁶, o espetáculo do extravasamento de tudo aquilo que é censurado e recalcado.

Dançando maxixe compulsivamente, envolto nos “vapores do álcool e do éter” (lança-perfume), “num torvelinho de côres e de sons, entre riscos de serpentinas e muita chuva de confetes, tôda aquela gente - corpos que se confundiam em contorções lascivas - dir-se-ia possuída de um frenesi diabólico”¹⁶⁷. Alberto estava, então, desculpado, podendo desfrutar de seus comportamentos pouco usuais sem sequer ser notado. A visita à infância é alimentada pela companhia do filho e dos sobrinhos, que cercavam-no confortavelmente durante os últimos dias de festividades.

Teresa insiste com seus parentes na mudança de comportamento do marido, mas é sempre recebida com incredulidade. Herança de seus tempos de solteiro e casamento com Margot, sua imagem é maculada pelo estigma de “estroina”. A irmã da moça diz: “Qual!

¹⁶⁵ Idem, p. 231

¹⁶⁶ DA ROCHA, 1930, p. 99

¹⁶⁷ CRULS, 1954, p. 276

Doente com aquela cara? Pois se até está mais gordo e com aspecto ótimo. A doença dêle é a falta de juízo e as más companhias”.

Sentindo-se incapaz, Teresa também acusava-se de não dar atenção ao filho nos últimos tempos, sentindo remorso pela distância do mesmo. Havia a solidão de ser a única e enxergar os desvios comportamentais de Alberto, além do sentimento de falha como mãe ideal.

Um dia, encontra o marido tendo um ataque convulsivo sobre o chão do banheiro, enquanto estava a se barbear. Chamou pelo irmão e pelo pai, ambos médicos, que encaminharam o paciente ao pronto-socorro. O médico que atende Alberto não fizera muita questão de examiná-lo, revoltando Teresa, pois “ignorante dos antecedentes do doente, aceitou facilmente o que êste lhe dizia para explicar a queda, e sem qualquer alusão à crise que a motivara”. Insatisfeita, ela insiste que seja reexaminado por seus familiares.

Seu irmão, no entanto, traz consigo Dr. Borges (o ex-pretendente do suposto trote que recebera meses antes), cuja especialidade é a neurologia e psiquiatria. Não é preciso dizer que a moça não encara o fato com bons olhos. Gastão aproveita a deixa para denunciar a incompreensão dos pacientes frente a procedimentos padrões de diagnóstico:

Teresa só ouvia a voz do Dr. Borges pedindo a Alberto que fizesse isto e aquilo: “Chegue aqui para a luz e feche os olhos.” “Abra-os agora.” “Acompanhe o meu dedo com o olhar.” “Junte bem os pés e feche os olhos.” “Ande agora para a frente, sempre de olhos fechados.” “Ponha a língua de fora.” “Estique os braços para a frente e abra os dedos.” “Sente-se e cruze as pernas. assim...”

Teresa irritava-se com o tom imperativo do médico. Dir-se-ia a dar ordens de comando. Felizmente, Alberto parecia paciente. Não se lhe ouvia voz. Apenas observara quando devia estar com os braços esticados e os dedos abertos: “Êste tremor eu já tenho há muito tempo”. Não havia dúvida - pensava Teresa - que fôra uma vantagem o marido estar sendo examinado por um médico que lhe era quase desconhecido e com quem fazia certa cerimônia. Nunca que com o cunhado e até com o próprio sogro se sujeitaria a tantas provas.¹⁶⁸

¹⁶⁸ CRULS, 1954, p. 333

A familiaridade com os médicos prejudicaria o exame e o diagnóstico correto em alguns casos, de acordo com Cruls.

Ainda ouvindo por detrás da porta, Teresa pôde ser surpreendida pelo marido a responder uma pergunta inaudível de Dr. Borges: “ah, por êste lado, não. Pelo contrário. Garanto que me sinto até melhor do que quando tinha vinte anos. É o que não me falta. Não sei mesmo o que me deu de uns tempos pra cá e preciso estar procurando mulheres por fora”. Falavam de apetite sexual, eis novamente a explícita causa dos males.

O neurologista diagnostica Alberto, escondendo suas conclusões de Teresa e revelando-as a seu irmão: “poucas vêzes terei visto um caso mais belo e mais típico de paralisia geral e que se venha instalando com todos os sinais e sintomas (...) Seria para encher as páginas de um Charcot”. Lembremos que a paralisia geral fôra o maior temor de Dr. Marcondes em *Vertigem*, o acesso incontrolável de impulsos sexuais que deturpam a mente e o corpo. A utilização de “caso belo” é a preferência narrativa de Cruls por tipificar certos médicos como insensíveis, capazes apenas de ver o mundo através das lentes da clínica. Teresa ouvira a conversa de ambos, findava-se a paz de sua consciência.

O caso de Alberto se desenvolve vertiginosamente, e o pai da moça sugere seu encaminhamento a uma casa de saúde comandada por Dr. Couto Lima, que ela sabia ser “diretor do hospício”. O paciente aceita de bom grado sua internação e é dócil com seus enfermeiros. Teresa indigna-se com o “aspecto do quarto, de janela gradeada e quase sem móveis”, e acreditava incabível a situação do esposo, pois “era preciso não esquecer que o sanatório era de doentes mentais, não raro bastante perigosos”. Ela “saiu dali com a convicção de que Alberto estava sendo tratado como um louco. E estaria louco?”. Além da própria doença, o relato de Cruls revela a repercussão social atribuída a alguns doentes.

Crises de melhora e piora, frieza com o filho quando o vê, delírios fantasiosos são aquilo que compõe os dias finais de Alberto. No prazo de dois anos, sua degeneração é inevitável e há a sombra constante de julgamento de alguns, que dizem assim estar pelos abusos em sua juventude. Betinho, mantido iludido por sua mãe (que diz que o pai apenas anda muito atarefado) é enviado a um internado na Europa, para que seja distanciado da agonia familiar. Aconselhável era a distância pois,

Depois do que sabia sobre a doença do marido, talvez uma consequência da sua mocidade dissipada, Teresa tinha verdadeiro horror de que o filho, atingida a adolescência, enveredasse por caminho igual, frequentando os

mesmo meios de perdição. (...) Não fosse o único filho que lhe escapara ter sido também tocado pelo mesmo mal roaz e insidioso...¹⁶⁹

A degenerescência hereditária era temática recorrente no campo medicinal, desde o fim do século XIX. Em território brasileiro, apropria-se da psiquiatria e de suas teorias em torno da prática sexual, reduzindo a dimensão freudiana ao domínio do biológico, contaminado pela noção sociopolítica de *degeneração racial*¹⁷⁰. Os distúrbios sentimentais e mentais dos indivíduos sociais poderiam ser transmitidos à sua prole. Algo a se preocupar, visto que as gerações futuras fazem parte da reforma nacional desejada. Teresa, como personagem inserida nos contextos (mesmo que fictícios) nacionais, compartilha dessa mentalidade.

Por fim, atingimos a última porção do romance, passada cinco anos depois da morte de Alberto. Seu filho retorna de seus estudos europeus, apenas para encontrar sua mãe pesadamente enlutada e imersa em desânimo. A semelhança física com Alberto lhe perturba ainda mais, pois é como se o morto voltasse à vida a cada movimento do filho. Critica, no entanto, a falta de bom gosto do rapazote. O marido havia sido um impecável dândi.

O leitor revive a temática dos complexos psíquicos quando

a mãe entrou no quarto, Betinho, sózinho, abria uma das valises, e já havia alguma roupa colocada sôbre a cama. Ela entregou-lhe as peças trazidas de cima [do armário do falecido]:

- Não sei é se servem. Você experimente. A calça...
- Não, eu tenho uma outra mais leve, e é o que estou procurando.

Teresa estava curiosa de saber se lhe tinham agradado as novas instalações:

- Você ainda me disse se gostou do meu arranjo. Já viu o escritório? Achei que aqui em baixo você fica melhor, mais independente... Êste é o quarto de hóspedes e onde você também brincava. - E correndo a cortina que os separava da outra dependência: - Aqui ficava aquela salinha de visitas...
- Ah, desta eu lembro bem. - E antes que tivesse tempo para se arrepender:
 - Não era aqui que tinha um grande divã marrom? (A pergunta ficou nisso, mas dentro de sua retina se projetou a cena inapagável: na meia luz do ambiente, duas coxas claras destacando-se entre o fundo de pelúcia

¹⁶⁹ Idem, p. 409-10.

¹⁷⁰ ANDRADE apud HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 70

escura e o vulto negro do pai, visto de costas.) Mas a visão foi rápida. Os olhos do adolescente tinham muito com o que se distrair.¹⁷¹

Falamos aqui do recalçamento freudiano: Betinho havia se deparado, quando ainda criança, com os pais em plena relação sexual. A memória, censurada por sua mente e relegada ao inconsciente, permanece como assombração imperceptível. É essa revisitação que inaugura perturbações ao final do romance.

O jovem tentara se dedicar às artes (alusão ao estudo de Freud acerca de artistas como Da Vinci, que, segundo o relato de Franco da Rocha, dedicavam-se tanto às suas inspirações que suprimiam a prática de sua sexualidade), além de buscar nas moças de sua idade alguma pretendente. Um sentimento de insaciedade não o abandona. O rapaz cogita ter “algo de errado” consigo. Após crises de febre inexplicáveis, nas quais é cuidado diligentemente por sua mãe, encontra a razão de sua perturbação: sente-se atraído por Teresa.

Teresa não andava errada quando dizia que o filho a evitava. Na verdade, Betinho lhe fugia. Fugia-lhe escrupulizado por sentimentos que não sabia definir. Por que aquêlo enlêvo, aquêlo estado de quase beatitude quando estava junto à mãe? Olhos, só os tinha para admirá-la. Achava-a uma criatura perfeita. Perfeita em tudo: na beleza singela, na finura da inteligência, na graça dos modos. Tinha uma fôrça de presença, uma sedução irradiante. (...) E as mãos de sêda que, durante a doença, lhe afügavam levemente a testa ou procuravam acomodá-lo melhor na cama? Devia-lhe duas vêzes a vida. (...) Para ela o seu corpo não tinha mais segredos. Auxiliara-o tantas vêzes a estirar-se na banheira, até que a febre declinasse...

(...) E acudiam-lhe outros remordimentos de consciência. Enquanto crescia o seu fascínio pela mãe, menos cultuava a memória do pai. Recordá-lo, era despertar no mais íntimo de seu ser um insopitável sentimento de despeito e malquerença pelo homem que ainda reinava [naquele lar] e ocupava o maior lugar no coração de Teresa.¹⁷²

O relato é perturbador aos olhos da moralidade, repleto de referências diretas à construção do *complexo de Édipo*: o ódio à figura do pai, o anseio por substituí-lo, a sexualização da figura materna. A herança que fora passada, então, de “pai a filho” era tanto a

¹⁷¹ CRULS, 1954, p. 443-4

¹⁷² Idem, p. 509-10

admiração por Teresa, quanto os distúrbios psicológicos. Compartilham das mesmas roupas, das mesmas características físicas, do mesmo nome... Até mesmo a Teresa existe uma confusa ambiguidade.

Invariavelmente, o fim é trágico. Betinho entrega-se às noitadas, ao álcool e às amantes, buscando distração do desejo pela mãe, e, uma madrugada, encontra-se seu corpo sem vida “entre os golfões de espuma”, “junto às pedras do Arpoador”.

Sua obra final em vida, é a compilação das temáticas psicanalíticas de romances anteriores de Cruls. A degenerescência e o impulso sexual incontrolável da libido de *Vertigem*, a ocupação simultânea de um corpo - aqui, no caso, social - por duas criaturas em relação de ódio e dualidade, como em *Elsa e Helena*. É evidente que essa narrativa apresenta-se como a realização de seu arco de estudos na psicanálise e na clínica, ao longo dos anos, além de vivências pessoais, amadurecendo sua visão em relação às práticas de saúde e sintomas inerentes aos indivíduos da sociedade. Revelando-os como sofrentes da própria condição humana, terrivelmente inevitável.

Considerações Finais.

Buscamos ao longo do presente estudo evidenciar as maneiras pelas quais a ficção produzida por Gastão Cruls é perpassada pelas discussões inerentes à sua época: concernentes à saúde, à nacionalidade e a auscultação daquilo que se apresenta como sintomático em uma nação que busca ressignificar seu passado, projetando seu futuro.

Um discurso que se inicia preponderantemente marcado pelas experiências clínicas pessoais, a narrativa fictícia do autor galga novas dimensões de articulação, transitando do conto ao romance, desabrochando sua inspiração pelos relatos reais e a dimensão histórica de transposição cultural na qual viveu. É seu estudo orientado pela clínica freudiana que faz com que a teia caricatural de suas personagens ganhe ares de riquíssima composição analítica: através de suas criações, Cruls é capaz de realizar uma escuta analítica de sua sociedade e historicidade. Michel de Certeau, historiador, já havia destacado que “para Freud, a própria definição do ‘romance’ consiste em combinar no mesmo texto, por um lado, ‘os sintomas da doença’, ou seja, uma semiologia baseada na identificação de estruturas patológicas e, por outro, ‘a história do sofrimento’”¹⁷³.

Freud considerava o relato pessoal de seus pacientes como uma estrutura discursiva extremamente similar à romântica. Gastão Cruls apoderou-se dessa ferramenta e, como que às avessas de uma consulta médica, tornou os sintomas e sofrimentos humanos em narrativa fictícia.

Nossa presente investigação teve como objetivo exercício similar, mas adentrando os campos da historiografia. Ao longo dos pareceres que os diversos estágios desse trabalho necessitou academicamente, fomos constantemente interpelados pela questão: “para que uma biografia de Gastão Cruls?”. “Suas obras já não bastam como fontes históricas?”. Sentimo-nos, portanto, no dever de revelar nossos motivos.

As análises e hipóteses históricas por nós traçadas, no percurso dos capítulos anteriores, não seriam possíveis sem que houvesse a mínima tentativa de entender o homem por detrás das cortinas romanescas. Arriscando adentrar território da psicanálise, ousamos afirmar que a criação literária de um indivíduo é similar a um processo psíquico e histórico, mesmo que ínfimo perante a imensidão da dita “coletividade” que atribuímos a um tempo

¹⁷³ CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre a ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 95

passado. Como *processo*, não é suficiente que nos apeguemos somente a uma ou outra ponta do fluxo: um romance não existe somente em seu duro discurso impresso, mas também em seu processo de elaboração enunciativa, de inspiração polifônica, de propagação discursiva. Para isso, é preciso autenticar a existência do autor inserido tanto em seu tempo, como em seu *momento* biográfico. Gastão precisa ser colocado sobre o divã historiográfico, pois, conforme aqui foi nosso desejo revelar, existem motivos e inspirações indissociáveis da mera existência de seus livros.

Uma coincidência fortuita nos fez descobrir que a própria época de Cruls foi a responsável pela atual aspereza na divisão entre aquilo que é “literário” e aquilo dito “científico”. Talvez, a alguns leitores, não haja cientificidade suficiente que justifique a busca pela vida de alguns autores; visto que a narrativa de ficção não obrigatoriamente revela similaridades biográficas com seus criadores. No entanto, ressaltamos que a gênese narrativa *sempre* possui origem, um autor - ao menos dentro daquilo que aqui tomamos como ferramentas metodológicas de análise -, ignorar a relevância historiográfica de tal existência é negar ao discurso sua dimensão de paternalidade. As diferenças que afastam Bentinho e Machado de Assis compõe a mesma distância psíquica que permite aproximá-los no âmbito da criação enunciativa.

Thereza Freire Vieira, médica e escritora, realizou antes de nós, em 1997, uma pesquisa sobre Gastão Cruls. Fora uma das exigências de posse de cadeira na Academia Brasileira de Médicos Escritores, cujo nome do autor carioca batizava. Encontrou, à época, informações escassas e sem grandes preocupações historiográficas. Frustradas, seu relatório dizia:

Acho importante para um leitor conhecer pormenores da vida do autor, sua infância, seus estudos, seus amigos, os ambientes que freqüentou, seus gostos, as coisas importantes que aconteceram em sua vida, o que o fez sofrer, os motivos que o levaram a escrever este ou aquele livro... É o que mais gostaríamos de ouvir do Sr. Gastão Cruls, mas apenas seria possível se existisse uma biografia, mas infelizmente não existe e as informações são escassas no que se refere à ele como pessoa, como ser humano. Seria impossível pelos dados que se tem procurar sua família, as pessoas que também o amaram e as coisas lindas que poderiam falar a seu respeito.¹⁷⁴

¹⁷⁴ VIEIRA, Thereza Freire. *Gastão Cruls: Vida e Obra*. Taubaté: Publicom editora, 1997, p. 8

É com imensa gratidão - e o advento da explosão comunicativa proporcionada pela *internet* - que tivemos a oportunidade de tomar contato com suas diversas obras (através de sebos virtuais), com sua família, com notas jornalísticas a seu respeito, com homenagens póstumas. A imensidão de informações disponíveis era enriquecedora, tanto que aqui prezamos apenas por algumas delas, referentes a nosso intento de pesquisa. A nós não caberia a elaboração exclusiva de uma biografia, optando por aliar seu rastreamento biográfico a seu tempo e seus livros. Nossa seleção contemplou contos seus¹⁷⁵ presentes em *Coivara* (1920) e *Contos Reunidos* (1951, portadores de suas publicações na *Revista do Brasil*), além de seus romances *A Amazônia Misteriosa* (1925), *Elsa e Helena* (1927), *Vertigem* (1934) e *De Pai a Filho* (1954). Tal escolha se deu pelo teor dos conteúdos, que revelavam personagens pertinentes às questões propostas pelo trabalho, em relação às suas demais publicações. Apesar disso, encontra-se anexa ao fim desse capítulo a relação total de suas obras (por nós rastreada).

Permanece a nós curioso seu sumiço como figura simbólica de seu tempo. Talvez, por não aderir aos grandes movimentos modernistas ou aos postos oferecidos pela Academia Brasileira de Letras, manteve-se como atuante singular e legado ao esquecimento do tradicionalismos das letras. Era, no entanto, bastante bem quisto por seus colegas e circulante em diversos âmbitos sociais. Apenas para citar alguns com os quais manteve relações de amizade: Dinah Silveira de Queiroz, Raul Bopp, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cornélio Penna, Murilo Mendes, Marques Rebelo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre. Este último, inclusive, fora seu hóspede no Rio de Janeiro entre 1935 e 1937, convidando Gastão a apadrinhar sua filha.

Seu campo de atuação profissional e circulação social foi amplo. Mesmo já dando seus primeiros passos como autor de ficção e afastando-se da área médica, viajou junto à Comissão Rondon, em 1928, a fim de atuar como climatologista na inspeção de fronteiras amazônicas. Iniciando sua fase como funcionário público na área de cultura, em 1935, Gastão é nomeado Primeiro Bibliotecário da Universidade do distrito Federal. Na mesma década, torna-se chefe da Divisão de Cinema Educativo e membro da Comissão de Estudos Históricos da Cidade do Rio de Janeiro. Talvez daí advenha sua habilidade quanto escritor de *A*

¹⁷⁵ Alguns, como já vimos, também publicados previamente na *Revista do Brasil*.

Aparência do Rio de Janeiro. Em 1938, viajou novamente à Amazônia, planejando publicar livro em francês à pedido da Editora Payot. Fato que termina por não ser consumado.

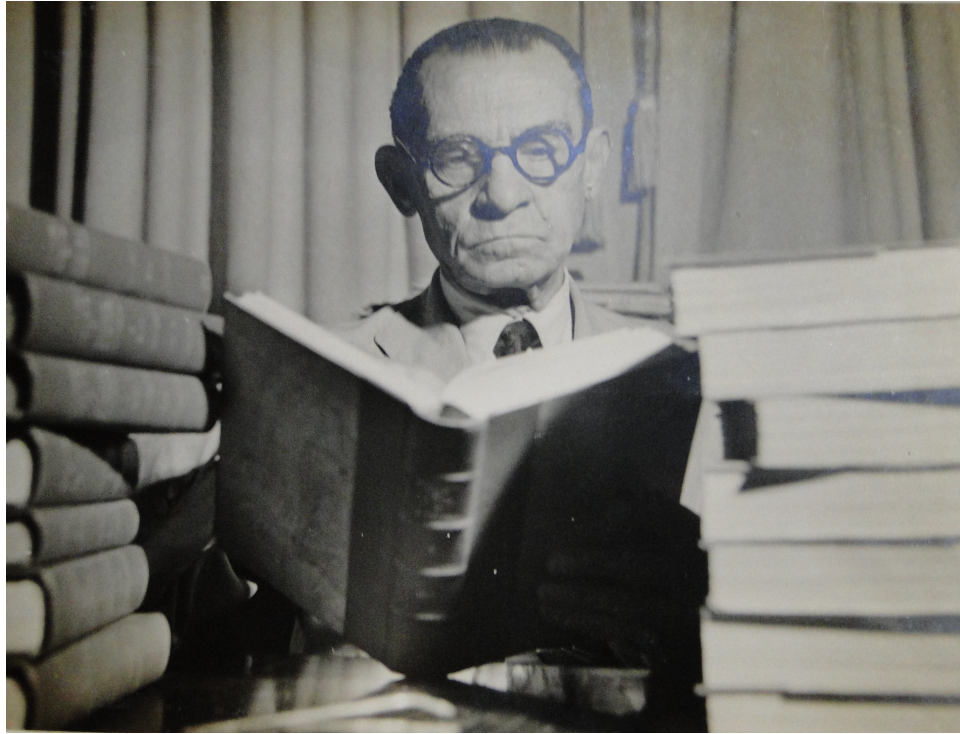


Da esquerda para a direita: José Olympio (sentado), Gastão Cruls (de pé), Gilberto Freyre e João Olympio. Fotografia, meados de 1950. Acervo familiar pessoal, Rio de Janeiro.

Em 1948, alguns jornais indicam que há um golpista passando-se pelo autor em São Paulo, dizendo angariar fundos para novas viagens amazônicas. Eis uma evidência de que seu nome não era desconhecido aos intelectuais e público leitor. Sabemos que tais fatos apresentam-se com tom anedótico, mas são elementos para a construção biográfica polivalente daquele cujas criações aqui foram analisadas. Focamo-nos em suas características como médico e ficcionista, claro, mas há um vasto campo multidisciplinar a explorar em sua vida e obra.

Sabe-se que desde meados de 1957, a saúde de Gastão abalou-se, visto que em carta para irmã, diz estar em Guatapari na companhia de Silva Mello, e que suas dores e falta de

apetite têm melhorado um pouco. Sabe-se que, na época de sua graduação médico, o autor havia passado por uma breve crise dos nervos, talvez aqui faça-se presente uma “recaída”.



Gastão Cruls, posando possivelmente a algum jornal, cercado em livros. Fotografia, final de 1950. Acervo familiar pessoal, Rio de Janeiro.

No ano seguinte, em seu aniversário de setenta anos, não recebe visitantes que não lhe sejam os mais íntimos. É coberto de homenagens à distância, uma delas sendo escrita pelo colega Carlos Drummond de Andrade. Ao *Jornal do Brasil*, sua irmã Stella impede uma entrevista, visto que Gastão estaria no fim de um tratamento sonoterápico (induziram-lhe o sono para que pudesse descansar por alguns dias). O jornal¹⁷⁶ informava que “nos últimos meses, êle anda muito nervoso. Uma insônia tem lhe trazido os nervos à flôr da pele (...) há três meses que quase não lê, nem escreve”.

Sua condição se deteriorou rapidamente. Segundo seus atuais herdeiros, sobrinhos-netos:

¹⁷⁶ A presente notícia faz parte de um álbum de recortes guardado pela família. Não há data aparente, mas podemos supor que seja referente a alguma edição próxima do dia de seu aniversário.

TADEU: Ele foi morar no mesmo edifício que nós morávamos. Ele se desfez da enorme casa que ele tinha [em Laranjeiras]. Se desfez da casa do Alto da Boa Vista... E foi morar no mesmo prédio de apartamentos que morávamos com a irmã caçula dele.

Ele ficou doente, esteve internado algumas vezes... Mas superou isso e de repente... - ele morreu em um mês - ... de repente começou a passar mal, o médico dele não dizia o que era... (...)

ANA MARIA: Uma coisa que eu me lembro dessa época, em que eu tinha dez anos, é... Quer dizer, *depois* é que eu fui saber o porquê... O irmão do meu pai foi sagrado bispo numa cidade - Divinópolis, em Minas... Era primeiro bispo da cidade, coisa e tal... Foi em 17 de Maio... Papai foi com Tadeu e outras pessoas [para Divinópolis]; e nós, três irmãs e a mamãe, não fomos [ficaram no Rio]. Ele [o bispo] era meu padrinho de batismo além de ser meu tio. E eu, na hora, com dez anos de idade, não sabia porque nós não tínhamos ido a essa festividade. E depois de já crescida é que mamãe comentou que não fomos porque Tatão - como chamávamos Gastão - estava muito mal... E ela como sobrinha... Dando suporte a Stella [irmã caçula de Gastão], tudo ali pertinho... Então nós não fomos por isso. Porque ele morreu pouco depois, né?

Então o 17 de Maio que foi a sagração do bispo em Divinópolis - (*a Tadeu*) você se lembra disso, né? - nós [as irmãs e a mãe] não fomos porque mamãe não queria se afastar de perto dele e da Stella. Estavam só os dois, dependendo dela.

Ficou gravado na minha cabeça, eu me lembro que nós não fomos à sagração sem entender nem o motivo... Porque a coisa devia estar um pouco afastada da gente... a doença, aquilo tudo... Mas depois eu fiquei sabendo. (*emulando a mãe*) “Não, nós não fomos porque Gastão estava muito mal. E não havia como eu sair do Rio.” E nós ficamos, as três menores, e Tadeu foi com papai.¹⁷⁷

Gastão Cruls faleceu em 7 de junho de 1959, no Hospital dos Servidores do Estado, devido a complicações renais (ou, segundo Silva Mello, uma “uremia”). Atualmente, a família cogita também uma possível neoplasia pancreática comentada às escondidas.

Carlos Drummond de Andrade dedicou alguns registros de seu diário ao evento, sua data de falecimento relata:

¹⁷⁷ ARAUJO PENNA, Ana Maria de; ARAUJO PENNA, Tadeu de; Primeira entrevista: depoimento. 20 de Set. 2014. Rio de Janeiro. Entrevista concedida a VIVOLO, Vitor da Matta.

Junho, 7 - Gastão Cruls, a discrição em pessoa, o amigo mais devotado, é uma outra perda para o coração da gente. Rodrigo (M. F. de Andrade), à sua maneira sóbria, mostra-se particularmente consternado.

- Há 20 anos que ele me telefonava diariamente. E uma vez por semana jantava conosco lá em casa. Fazia parte da minha vida moral e afetiva.

Pergunto-lhe se Gastão pediu conforto religioso, ao sentir que ia morrer.

- Não. A família trouxe um padre, ele não se opôs. Creio que não tinha sentimento religioso, mas nunca pude apurar isso, pois Gastãozinho sentia grande pudor de falar sobre este assunto, e eu não me animava a abordá-lo, apesar de nossa amizade fraternal.¹⁷⁸

Sobriedade e afabilidade caminhavam juntos em Cruls, fatos que se revelam no seu humor mordaz. A perda repercutiu pelo círculo intelectual brasileiro, gerando diversas notas e homenagem póstumas em jornais e revistas médicas.

Faleceu solteiro, apesar de Drummond nos afirmar que Órris Soares comentou em sua missa de sétimo dia que “ele gostou muito de certa moça [e] mais tarde se interessou também por outras duas”. Quando interpelado sobre o assunto, Gastão Cruls apenas respondera: “Nunca me casaria por amor. Só por uma amizade profunda, e essa eu não sinto por nenhuma dessas moças”¹⁷⁹. Sua herança literária e documental agora encontra-se nas mãos de seus sobrinhos-netos.

O autor deixou inacabados dois romances: *Angra*, ambientado em Angra dos Reis, e *A Glória* (ou *Metempsicose*), novamente passado na Amazônia brasileira. Nas palavras de uma de suas amigas íntimas, seus últimos dias se deram cercados de sutil melancolia mas nenhuma traição à sua singular personalidade.

Na véspera de embarcar do Rio, fomos visitá-lo, já na casa de saúde. De pijama, abatido, muito pálido, guardava aquela suprema correção de postura, no corpo e na alma, que era o seu traço inviolável. (...) Discutiu brevemente a operação que sofrera, como se se tratasse de uma terceira pessoa, e estranha. Evidentemente não estava com esperanças. (...) Mudou de assunto depressa, quis saber da nossa viagem, pediu para se obter uma informação solicitada por um amigo comum, interessou-se em nos recomendar a sua nova marca de cigarros que não irritava o pigarro de fumante, disse uma piada, esboçou o gesto de se soerguer na cadeira para a despedida. A última

¹⁷⁸ ANDRADE, Carlos Drummond. *O Observador no Escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

¹⁷⁹ Idem.

lembrança que nos ficou dêle, já da porta, foi o sorriso um pouco trêmulo, enquanto a mão, também trêmula, enfiava na piteira o infalível cigarro.

(...)

Assim era Gastão Cruls, o fino escritor, o perfeito erudito, o amigo inimitável que se foi embora em poucos meses - e para nós, que estamos longe, quase de repente. E pela primeira vez, nos longos anos do nosso conhecimento, chega a dar a impressão de que quase nos fêz uma descortesia. Sem se despedir, ir embora, sem avisar da partida, êle que o fazia sempre, até mesmo nas curtas viagens para Angra dos Reis, seu refúgio à beira-mar. A última palavra que nos disse no quarto do hospital foi: “Quando voltam?” E você, Gastão, quando volta - ou por que não disse à gente que você sim, estava de viagem certa e não tencionava voltar?¹⁸⁰

As diversas citações pessoais acima fazem-se presentes como lembranças de sua pessoa em vida. Não pudemos evitar acomodá-las nessas considerações finais.

Seu legado permanece fruto de seu tempo e abordagem singulares. Talvez porque, diferente de contemporâneos seus, Gastão percebia na medicina um sentimento de sofrimento e descrença. Já havia dito ser “canhestro na arte de curar”, em entrevista.

- Consta que tinha tudo para ser um grande médico...
- Talvez. Menos vocação... De fato, fiz um bom curso, gostava do estudo da Medicina; tive, além de ótimos professores, a sorte de me tornar amigo e discípulo de Miguel Couto, não saía de hospitais e enfermarias (...) Estava, pois, bem começado... Uma coisa, porém, é a Medicina estudada como ciência, nos compêndios e nas enfermarias, e outra, muito outra, é a que deve ser praticada cá fora pelos jovens médicos que deixam os bancos acadêmicos.¹⁸¹

As palavras seguintes são aquelas que podemos tomar como os fluxos sócio-históricos que guiam todo o seu processo criativo: na área médica “o doente é um campo experimental, um simples motivo para belas e sábias preleções”. No entanto, “cá fora, porém, o que ele quer é sarar”. Gastão dizia-se “um pouco cético quanto aos recursos da ciência”. Essa descrença que possibilitara seu deslocamento ao campo literário, sem que jamais abandonasse os homens de jaleco branco e seus pacientes.

Nos resta, então, o questionamento: teria Gastão Cruls efetivamente abandonado a área médica?

¹⁸⁰ QUEIROZ, Rachel de, in *O Cruzeiro*, 29 de agosto de 1959.

¹⁸¹ SENNA, 1996, p. 234

Acreditamos que não.

Conforme pudemos acompanhar em nosso percurso investigativo, elementos como o tirocínio médico - um conjunto de aprendizados codificados em comportamentos e expectativas de uma classe profissional cada vez mais emergente -, os embates entre escritores dos campos das Letras e da “Sciencia” - cujo teor essencialmente reformista e separatista no campo da intelectualidade ditaram a figura e missão do homem moderno nas primeiras décadas do século XX - e o florescer da psicanálise em território nacional - permeando os campos da saúde e medicina nacionais, apresentando novos diagnósticos, capazes de transcender os domínios da psique e coagular os sujeitos do país como em um “corpo”/“organismo” social, cujos sintomas deveria ser medicalizados - são fatores históricos fundamentais para a leitura da criação fictícia de Cruls, recheada destas vozes auscultadas em seu tempo e, então, transfiguradas em narrativas.

De mente aguçada e curiosa, Gastão tomou a clínica como arcabouço inspirativo às páginas que saíam de sua imaginação. Em suas personagens e tramas, podemos visitar um Brasil de tempos passados, numa cacofonia de discursos que, através de sua ficção, ganharam liberdade para ecoar nas mentes de seus leitores (sejam eles contemporâneos ou posteriores).

Aqui, optamos por Gastão como cicerone, perambulando, na virada do século XX, pela medicina, pela intelectualidade, pelos movimentos reformistas, pelas vidas que cruzam a sua... Eis a relevância da literatura à história: ambas filhas da produção intelectual humana, são inerentes e indissociáveis, como um eterno convite ao diálogo com o passado e as vozes dos sujeitos que ainda vivem em suas páginas.

Apêndice - Relação de obras de Gastão de Cruls

(Sem data, fim da primeira década de 1900) - *O Seio de Isaura*, primeiro conto de sua autoria, sobre enfermarias e o perambular de pacientes. Não publicado.

Fim dos anos de 1910 - Começa a publicar contos na *Revista do Brasil*, sob direção de Lobato.

1920 - *Coivara*. Coletânea de contos.

1923 - *Ao Embalo da Rede*. Coletânea de contos.

1925 - *A Amazônia Misteriosa*, inspirado pela *Ilha do Dr. Moreau*, de H. G. Wells, a trama relata o misterioso Reino das Amazonas e experimentos científicos com animais e índios.

1927 - *Elsa e Helena*, baseado em estudos reais de Morton Henry Price. Degenerescência, perturbação psicológica e lascívia.

1928 - *A Criação e o Criador*, narrativa metalinguística na qual um escritor termina por encontrar suas personagens vivas, então, convive com elas para descobrir o fim de sua própria obra.

1930 - *A Amazônia que Eu Vi*, relato de viagem, resultado da Comissão Rondon.

1934 - *Vertigem*, baseado em *Amores de Um Médico*, retrata a velhice de um médico que se apaixona por sua paciente.

1938 - *História Puxa História*, coletânea de contos.

1940 - Traduz *As Grandes Expedições Científicas no Século XX*, de Charles E. Key, para Cia Nacional São Paulo.

1944 - *Hileia Amazônica*, ensaio sobre fauna e flora da região amazônica.

1944 - Traduz *Nijinsky*, relato biográfico homônimo, para editora Jose Olympio.

1947 - Publicações diversas sobre Amazônia no *Digesto Econômico*.

(Sem data, final de 1940) - *As Artes Plásticas no Brasil - Arte Indígena*, livro de história da arte sobre produção cerâmica e artesanal indígena.

1949 - *A Aparência do Rio de Janeiro*, encomendado por José Olympio e por recomendação de Gilberto Freyre, ensaio histórico sobre a cidade carioca.

1950 - *Antônio Torres e Seus Amigos*, homenagem póstuma: ensaio biográfico e coletânea de cartas de Antônio Torres, seu amigo pessoal.

1950 - Estréia no cinema *A Sombra da Outra*, adaptação cinematográfica de Elza e Helena.

1951 - *Contos Reunidos*, coletânea de contos que abarca publicações jornalísticas e seus outros três livros de contos anteriores.

1954 - *De Pai a Filho*, originalmente chamado *Édipo*, remonta a história de um rapaz viúvo que se casa novamente e, ao fim da vida, enlouquece. Seu filho vive sob a sombra de loucura iminente.

1955 - Adaptação em quadrinhos de *A Amazônia Misteriosa*, revista *Edição Extra Maravilhosa*, por André Le Blanc, sobre supervisão do autor.

1956 - Traduz *Minha Vida*, de Isadora Duncan, para editora Jose Olympio.

1958 - *Quatro Romances*, coletânea de seus quatro romances anteriores a *De Pai a Filho*, publicados em único volume.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Ozorio. *Homens e Coisas de Sciencia*. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond. *O Observador no Escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

B. C. A. *My Life as a Dissociated Personality*. Boston: The Gorham Press, 1909.

BARROSO, Sebastião M. *O Medico na Sciencia, na Profissão, na Sociedade*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934.

BARROSO, Sebastião M. *O Medico nas Grandezas e Miserias Humanas*. Terceira edição de *O Medico na sciencia, na profissão, na sociedade*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética - A Teoria do Romance*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BECHAUT, H. *Manual de Arqueologia Americana*. Madrid: 1918, p. 232.
Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5rIVAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, acesso em 21/11/16.

CAMPOS, Maria Inês Batista. *A construção da identidade nacional nas crônicas da Revista do Brasil*. São Paulo: Olho D'água / Fapesp, 2011.

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2003.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre a ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARTIER, Roger in HUNT, Lynn; *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DA ROCHA, Dr. Franco. *A Doutrina de Freud - resumo geral indispensável para a compreensão da psicoanalise*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

HERSCHMANN, Micael M., PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). *A Invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JORGE, Fernando. *A Academia do Fardão e da Confusão: a Academia Brasileira de Letras e seus “imortais” mortais*. São Paulo: Geração Editorial, 1999.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LERICHE, René. *Recordações da minha vida morta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1959.

LOMBROSO, Cesare. *Criminal Man*. Londres: G. P. Putnam, 1911, p. 45. Disponível em: <https://archive.org/stream/criminalmanaccor00lomb/>, acesso em 12/12/16.

MACDONALD, Helen. *Human Remains: dissection and its histories*. Londres: Yale University Press, 2006.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OSÓRIO, Miguel. *Breve Notícia sobre os Trabalhos Científicos do Prof. Miguel Ozório de Almeida*. Rio de Janeiro: Tip. d’a Encadernadora S. A., 1936.

PARRINDER, Patrick; PARTINGTON, John S. (ed.). *The Reception of H. G. Wells in Europe*. Londres: Thoemmes Continuum, 2005.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil - Entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2006.

SALLES, Pedro. *A História da Medicina no Brasil*. Belo Horizonte: G. Holman Ltda., 1971.

SENNA, Homero. *República das Letras: Entrevistas com 20 Grandes Escritores Brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VIEIRA, Thereza Freire. *Gastão Cruls: Vida e Obra*. Taubaté: Publicom editora, 1997

VIVOLO, Vitor da Matta; sob orientação de LONGHI, Carla Reis. *Frankenstein e Moreau: A Ciência do Século XIX através da Literatura*. São Paulo: PUCSP, 2013.

VIVOLO, V. M. As Horrendas Progenies de Frankenstein e Moreau: a Literatura e Ciência no Século XIX. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores, Velhos e Novos Desafios*. Florianópolis, p. 7, jul. 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433346524_ARQUIVO_AsHorrendasProgenies3aversao.pdf, acesso em 18/05/16.

VIVOLO, V. M. “The Mysterious Amazonia: Moreau’s Legacy in Brazil”. *The Wellsian: The Journal of the H. G. Wells Society*, Londres, n. 37, p. 50 - 59, 2014.

Referencial de Fontes

Obras de Gastão Cruls

CRULS, Gastão. *A Amazonia Misteriosa*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1925.

CRULS, *A Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

CRULS, Gastão. *Contos Reunidos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

CRULS, Gastão. *De Pai a Filho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

CRULS, Gastão. *Elsa e Helena*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1927.

CRULS, Gastão. *Historia Puxa Historia*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1938.

CRULS, Gastão. *Vertigem*. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1934.

Cartas do Acervo Familiar de Cruls

CRULS, Maria. *Carta pessoal*. 27/01/1910, para CRULS, Gastão. Quatro folhas. Acervo pessoal familiar.

LOBATO, Monteiro. *Carta pessoal*. s/d [especula-se os anos de 1924/1925, que respectivamente antecedem e lançam seu romance] para CRULS, Gastão. Uma folha. Sobre a leitura de *A Amazônia Misteriosa*. As grafias de época foram mantidas.

LOBATO, Monteiro. *Outra carta pessoal*. s/d [especula-se os anos de 1924/1925, que respectivamente antecedem e lançam seu romance] para CRULS, Gastão. Uma folha. Sobre segunda leitura de *A Amazônia Misteriosa*. As grafias de época foram mantidas.

Fontes jornalísticas

“A Hygiene nos Estados - Congresso Regionalista do Nordeste”, *O Paiz*, Rio de Janeiro, 3 dez. 1925.

BENTES, Ausier J; Justiça a um Grande Trabalhador: Impressões de uma visita ao Hospital de Prompto Socorro e Assistencia Municipal, *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30 e 31 Ago. 1926.

CRULS, Gastão. (Homenagem póstuma a) Roquette Pinto in *Revista Brasileira de Medicina*, vol. XI, n. 10. Outubro de 1954.

“Livros Novos - Frankenstein: o criador e o monstro”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 dez. 1943.

MEDEIROS, Cristiano; O Testamento Literário de Gastão Cruls, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 de Ago. de 1946

QUEIROZ, Rachel de, in *O Cruzeiro*, 29 de agosto de 1959

Entrevistas

ARAÚJO PENNA, Ana Maria de; ARAÚJO PENNA, Tadeu de; *Primeira entrevista: depoimento. 20 de Set. 2014*. Rio de Janeiro. Entrevista concedida a VIVOLO, Vitor da Matta.